UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA E ESTUDOS CULTURAIS

LOURIVAL INÁCIO FILHO

ARBITRARIEDADES DAS MÍDIAS JORNALÍSTICAS IMPRESSAS:
A questão indígena em Rondônia (1981-1985)

Porto Velho
2014

LOURIVAL INÁCIO FILHO

ARBITRARIEDADES DAS MÍDIAS JORNALÍSTICAS IMPRESSAS:
A questão indígena em Rondônia (1981-1985)

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre do Programa de Pós-Graduação em História e Estudos Culturais do Núcleo de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Rondônia - UNIR.

Orientador: Prof. Dr. José Lucas Pedreira Bueno

Porto Velho
2014

FICHA CATALOGRÁFICA

BIBLIOTECA PROF. ROBERTO DUARTE PIRES

I373a

Inácio Filho, Lourival.

Arbitrariedades das mídias jornalísticas impressas: a questão indígena em Rondônia (1981-1985) / Lourival Inácio Filho, Porto Velho / RO, 2014.

121fl.: il.

Dissertação (Mestrado em História e Estudo Culturais) – Fundação Universidade Federal de Rondônia / UNIR / RO.

Orientador: Prof. Dr. José Lucas Pedreira Bueno

1.Mídia - Imprensa. 2.Povos Indígenas. 3.Hegemonia. 4.Rondônia. I.Bueno, José Lucas Pedreira. II.Título.

CDU: 94:070(=1-82)(811.1)

Bibliotecária Responsável: Rejane Sales CRB11/903

ARBITRARIEDADES DAS MÍDIAS JORNALÍSTICAS IMPRESSAS:
A questão indígena em Rondônia (1981-1985)

Lourival Inácio Filho

BANCA EXAMINADORA

_____
Prof. Dr. José Lucas Pedreira Bueno
(Orientador)

_____
Prof. Dr. Carlos Santos

_____
Prof. Dr. Alexandre Pacheco

Dissertação defendida em 17/10/2014

A minha esposa, Cleide e ao meu filho João Pedro - que possui a mesma idade deste mestrado - por me resignificarem o sentido da vida!

AGRADECIMENTOS

Não fazemos pesquisas no singular, as mesmas são fruto de múltiplos apoios, sejam estes de forma acadêmica, social ou familiar a nos orientar, incentivar e apoiar. Razão de ser dos agradecimentos.

A todos os professores do mestrado que de forma direta ou indireta contribuíram para a realização desta pesquisa, em especial ao meu orientador, José Lucas Pedreira Bueno e aos professores Carlos Santos e Alexandre Pacheco pelas valiosas contribuições e o empenho demonstrado junto à coordenação do curso.

As pessoas que me facilitaram o acesso aos arquivos de pesquisa, seu Ribamar (do jornal Estadão de Rondônia) e o senhor Adair Perin (do Jornal Tribuna Popular).

As alunas e alunos bolsistas e voluntários do IFRO que ao longo dos últimos quatro anos confiaram a mim suas iniciações científicas: Jeferson de Oliveira, Bruna Pissolatto, Geisiany Andrade, Shirley e Sheila Espíndola (as gêmeas), Yara Alves, Cinthya Gujanwski e Damysson Dias.

As colegas do IFRO, professoras Dionéia e Regiane, pelas revisões ao texto. Ao Professor Marco Aurélio, auxílio providencial na feitura dos gráficos.

Ao Grande Neto Bidô e Dorinha, que em Porto Velho adotaram a mim e a minha família ao longo destes anos de crescimento profissional e pessoal em Rondônia, pessoas mais que especiais.

A Zezão e Dona Aldinês, porto seguro em Ouro Preto do Oeste pela acolhida sempre carinhosa.

A amizade, combustível indispensável, de Edivan, Deivis (Alzira e o pequeno Duran), Heldo, Adalberto (e Cláudia), Jardel, André Otto, Regis, Juliano, Davi, Fernando, Weslei, Lorena, Tuco, Cícero Bidô, Chico Bidô, Jorge (e Tereza), Chaguinha (e Débora), Wellington (e Lêda) e a pequena Josi, Totinha, Neguinho, Cina, Jário e suas filhas, a Teresinha e Raimundo, Pessoas diversas que de forma maravilhosamente etílica, ou não, sabem festejar a vida.

Aos meus pais, Lourival Inácio e Maria Rodrigues e meus irmãos, Berg, Nenê, Naldinho, Lu e Lindjane e a todos os meus sobrinhos pelo carinho sempre dispensado a mim.

A minha esposa e meu pequeno João, razões de ser de tudo o que sou e faço, pela compreensão nos momentos mais corridos desta jornada.

“A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalha de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para servidão dos homens”.

Jacques Le goff

RESUMO

INÁCIO FILHO, Lourival. Arbitrariedades das mídias jornalísticas impressas: a questão indígena em Rondônia (1981-1985). 2014. 121 f. Dissertação (Mestrado) – Núcleo de Ciências Humanas, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2014.

Este estudo apresenta uma reflexão crítica sobre as mídias jornalísticas impressas no que se refere à questão indígena em Rondônia entre 1981 e 1985. É um trabalho histórico-cultural, no qual se utilizou como fonte a produção da imprensa escrita. A abordagem metodológica foi serial, com técnicas de análise de conteúdo; para o tratamento, sistematização e manuseio dos textos. Utilizou-se dos conceitos de hegemonia na busca de entendimento das manipulações da notícia frente à questão indígena que, de forma ambígua e arbitrária, era inserida em uma espécie de jogo de consensos e disputas hegemônicas. O recorte temporal se caracteriza como um período de aceleração de múltiplos tempos e a reconstrução de espaços físicos e imaginários sobre Rondônia, provocados por um intenso processo migratório sobre a Terra da Providência e o Novo Eldorado.

Palavras-chave: Mídia Imprensa. Povos Indígenas. Hegemonia.

RESUMEN

INÁCIO FILHO, Lourival. La arbitrariedad de los medios de comunicación impresos: la cuestión indígena en Rondônia (1981-1985). 2014. 121 f. Tesis (maestría) – Núcleo de Ciências Humanas, Universidad Federal de Rondônia, Porto Velho, 2014.

Este estudio presenta una reflexión crítica sobre los medios de comunicación impresos en relación con las cuestiones indígenas en Rondônia entre 1981 y 1985. Es una obra histórico-cultural, que se utilizó como fuente la producción de medios impresos. El enfoque metodológico utilizado fue de serie, con las técnicas de análisis de contenido; para el tratamiento, ordenación y manejo de textos. Utilizamos los conceptos de hegemonía en la búsqueda de la comprensión de la manipulación de las noticias en relación con cuestión indígena, ambigua y arbitraria, se insertó en una especie de juego de consenso y disputas hegemónicas. El marco de tiempo se caracteriza por ser un período de aceleración en múltiples tiempos y la reconstrucción de los espacios físicos e imaginarios de Rondônia, causadas por intenso proceso de migración en la Tierra de la Providencia y el Nuevo Eldorado.

Palabras clave: Medios Impresa. Pueblos Indígenas. Hegemonía.

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1: Modelo de quadro de análise de conteúdo..... 19
Fig. 2: Propaganda de Rondônia em ônibus interestadual..... 23
Fig. 3: Foto: Reunião de Jorge Teixeira com donos editores de jornais estaduais..... 26
Fig. 4: Propaganda do jornal Estadão de Rondônia..... 28
Fig. 5: Gráfico de Crescimento Populacional de Rondônia (1970-2000)..... 32
Fig. 6: Editorial: A realização do Novo Eldorado..... 33
Fig. 7: Foto: "Cemitério das ferrovias", Porto Velho..... 42
Fig. 8: Reportagem sobre inauguração do Jornal Estadão de Rondônia..... 44
Fig. 9: Reportagem com foto de índio I..... 46
Fig. 10: Reportagem com foto de índio II 46
Fig. 11: Reportagem com foto de índio III..... 47
Fig. 12: Gráfico: Representações da Questão Indígena em Rondônia..... 49
Fig. 13: Foto: momento cívico com índios Suruí e Karipuna..... 51
Fig. 14: Gráfico: Subtema Terra Indígena..... 54
Fig. 15: Gráfico: Subtema Violência..... 56
Fig. 16: Reportagem de capa: Rapto de criança pelos Uru-eu-wau-wau..... 57
Fig. 17: Reportagem de capa (detalhe ampliado): Rapto de criança pelo Uru-eu-wau-wau..... 57
Fig. 18: Reportagem de capa: Lourdes 58
Fig. 19: Gráfico: Subtema Política Indigenista..... 60
Fig. 20: Gráfico: Subtema Falas Não Indígenas..... 61
Fig. 21: Foto: Mário Juruna cobrando posicionamento de Jorge Teixeira sobre a invasão a T.I. Igarapé Lourdes..... 75

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGESP	Assessoria Geral de Estudos e Pesquisas
AM	Amplitude Modulation (Modulação em Amplitude)
CERON	Centrais Elétricas Rondônia
CETREMI	Centro de Triagem do Migrante
CIMI	Conselho Indigenista Missionário
CPT	Comissão Pastoral da Terra
EFMM	Estrada de Ferro Madeira-Mamoré
EUA	Estados Unidos da América
FM	Frequência Modulada
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
FUNASA	Fundação nacional de Saúde
GTME	Grupo de Trabalho Missionário Evangélico
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBDF	Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MERON	Museu Estadual de Rondônia
PDS	Partido Democrático Social
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PFL	Partido da Frente Liberal
PIC	Projeto Integrado de Colonização
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
SBT	Sistema Brasileiro de Televisão
SEDUC	Secretaria de Estado da Educação
SERPRO	Serviço Nacional de Processamento de Dados
STJ	Superior Tribunal de Justiça
T.I.	Terra Indígena
TV	Televisão
UNIR	Universidade Federal de Rondônia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13
2 PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO 17
2.1 Os locais e as formas de levantamento das fontes 17
2.2 Sistematização das fontes 19
2.3 Imprensa, hegemonia e manipulação 20
3 IMAGENS DA GRANDE MÍDIA IMPRESSA SOBRE RONDÔNIA: DO ELDORADO INACABADO AO PROGRESSO DO LOCAL DA ESPERANÇA 24
3.1 Por uma imagem de Rondônia: tentativas de consenso 24
3.2 Onça, imprensa e poder 25
3.3 Formação histórico-cultural de Rondônia 30
3.4 Rondônia: a imagem de vários locais 31
3.5 O *Eldorado*: a terra da providência 33
3.6 Terra de pioneiros: o local inacabado 36
3.7 Progresso e Modernidade na selva 40
4 A QUESTÃO INDÍGENA NO JORNAL ESTADÃO DE RONDÔNIA (1981-1985): IMAGENS, FALAS E SILÊNCIOS 44
4.1 A imagem que acompanha o texto: as tentativas de homogeneização estereotipada do jornal Estadão de Rondônia sobre os povos indígenas 45
4.2 A inserção do “índio” no jornal 48
4.3 Ufanismo e patriotismo: as comemorações do dia do índio pelo jornal 50
4.4 Do “natural” ao “atrasado”: duas imagens recorrentes sobre os índios no jornal Estadão de Rondônia 52
4.5 Terra Indígena e violência: a expropriação do outro como tema jornalístico 55
4.6 Quem tinha o direito à “fala” nas arbitrariedades da mídia impressa: política indigenista e silêncio indígena 60
5 MÍDIA IMPRESSA, ÁREA INDÍGENA E VIOLÊNCIA: INVASÃO E EXPULSÃO DE COLONOS NO IGARAPÉ LOURDES (1983-1985) 65
5.1 Os habitantes do Igarapé Lourdes: índios arara e gavião 66
5.2 A invasão ao Igarapé Lourdes pelos jornais 68
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 78
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA 81
APÊNDICE A – QUADRO 1: A QUESTÃO INDÍGENA NO JORNAL ESTADÃO DO NORTE (1981-1985) 87
APÊNDICE B – QUADRO 2: A INVASÃO DO IGRAPÉ LOURDES PELO JORNAL ESTADÃO DE RONDÔNIA (1981-1985) 120

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se caracteriza como uma abordagem histórico-cultural. Sua dimensão perpassa o âmbito das mídias jornalísticas impressas com atenção aos determinantes, tempo e espaço, ambos constantemente problematizados. Critica as representações da mídia impressa sobre Rondônia e os povos indígenas inseridos em seus espaços.

Apesar do conceito de representação ser complexo e possuir aspectos de pluralidade, dentro da cultura jornalística impressa, o mesmo se caracteriza como estando relacionado à uma produção cultural, esta última não devendo ser confundida com a realidade dos fatos, mas entendida enquanto produção jornalística atrelada a múltiplos interesses, perpassando aspectos econômicos, políticos e culturais. São tentativas de dirimir as tensões sociais por meio de imagens que buscam o convencimento sobre a realidade apresentada, ou seja, representar significa se referir por meio de imagens a algo que se busca apreender de uma dada realidade. Porém, diferente de um pintor realista que busca apreender a paisagem por determinada perspectiva visual, as representações das mídias impressas, atreladas que são a empresas jornalísticas, trabalham com padrões de manipulação da realidade, não só por quem está no comando dos veículos impressos, mas por fazerem parte de um contexto hegemônico maior. Não se trata de mero dualismo entre o real e a representação, a representação jornalística se consubstancia em um instrumento de busca maior de hegemonia. Tal busca de consenso faz com que a imprensa às vezes se aproprie de representações que não são suas, mas reverberadas de outros tempos e lugares.

A crítica às representações das mídias jornalísticas impressas sobre a questão indígena em Rondônia, entre os anos de 1981 e 1985, é a preocupação central, por meio da qual buscamos também apresentar as representações sobre Rondônia reverberadas em tais veículos quando da formação do Estado. Nesse sentido, entendemos a produção jornalística como esforço ideológico que busca consensos hegemônicos pela reverberação de ideologias dominantes com pretensões de senso comum que possuem - às vezes - tentativas de manipulação da notícia. Para tanto utilizamos o conceito de hegemonia dentro de uma análise dos padrões de manipulação da grande imprensa.

O enfoque temporal centrado no início da década de 1980 justifica-se pela aceleração de múltiplos tempos e a reconstrução de espaços - físicos e imaginários - sobre Rondônia e sobre seus povos tradicionais, que foram reverberados em jornais e revistas geralmente seguindo algum padrão de manipulação da impressa. O período se caracteriza por grandes obras, como a pavimentação da BR-364 e, concomitante, grandes questões sociais com destaque para o *boom* migratório e o intenso processo de urbanização pelo qual passou Rondônia a partir da criação do estado, de novos municípios e da ampliação dos já existentes, afetando sobremaneira as áreas indígenas.

A análise das fontes nos impulsionou a busca de contextualização do período pela complexidade inerente à relação entre as notícias jornalísticas e o contexto histórico, por meio do qual percebemos que a questão indígena em Rondônia insere-se nos problemas enfrentados quando da criação do próprio estado. Tivemos no campo político (federal e estadual) forte aparato administrativo junto ao novo estado para receber o "progresso" e, no campo econômico, atrelado ao grande capital, um forte interesse no desenvolvimento de cidades e estradas que visava a facilitar seus investimentos. Em tal equação, o campo jornalístico, em especial as mídias impressas, trataram de cuidar das representações simbólicas do fenômeno.

Os meios de comunicação escritos reverberaram em suas páginas imagens sobre Rondônia enquanto Terra da Providência e local de renascimento do *Eldorado*. Investigar a questão indígena neste contexto e em tais veículos culturais é criticar a busca de consensos hegemônicos dentro da dialética progressista, que vinha no encalço discursivo da criação do então novo estado da Federação, mesmo que em suas páginas pululassem paradoxalmente cenas de conflitos sociais.

Em trabalhos que se utilizaram de fontes jornalísticas no Brasil, podemos considerar os pioneiros Nelson Werneck Sodré (1966) e Gilberto Freire (1963) - cada qual à sua maneira e até certo ponto antagônicos - realizaram estudos com esta vertente nos anos 1960. O primeiro, numa perspectiva marxista de análise da simbiose entre governantes e imprensa, levou trinta anos pesquisando antes de publicar seu clássico "História da Imprensa no Brasil". O segundo, buscando entender a linguagem dos escravos por um viés culturalista, publicou "Os escravos pelos jornais do século XIX".

Na contemporaneidade não há muitos trabalhos que analisem a questão indígena na imprensa. Destacamos apenas três pesquisadoras: 1) Cíntia R.

Rodrigues (2004), que trabalha nos jornais “A Federação” e “O Correio do povo” a construção da imagem do índio do final do século XIX ao início do XX na imprensa sul-rio-grandense; 2) Patrícia B. de Melo (2005) que faz uma análise contemporânea da não visibilidade dos índios na imprensa pernambucana a partir do *agenda-setting* - temário pré-estabelecido, espécie de lista de questões e acontecimentos que são vistos num determinado ponto do tempo e classificados segundo uma hierarquia de importância - e da análise de discurso; 3) Eunice B. B. Fernandes (2007) que, por meio do periódico “O Malho”, busca mapear as imagens e os “locais da fala” dos índios entre 1902 e 1930, enfatizando a imprensa como um mediador cultural, tanto quanto receptáculo e propagador de representações. Em Rondônia não encontramos pesquisas que trabalhem a questão indígena dentro de uma análise crítica da imprensa.

Intentamos, através da análise crítica das fontes jornalísticas, possibilitar uma desnaturalização da imprensa por meio de uma reflexão sobre as intenções por trás da notícia, tarefa que demandou esforço (ou reforço) interdisciplinar, uma vez que as fontes escritas, como bem coloca José D’Assunção Barros (2004), apresentam armadilhas em seus espaços dissimulados escondidos na documentação em que se sobrepõem silêncios e falseamentos, os quais podem revelar segredos que o próprio autor do texto talvez não pretendesse revelar. Isso nos põe diante da intertextualidade e das múltiplas falas ou silêncios da polifonia textual, as quais nos possibilitam extrair intenções individuais ou coletivas, de acordo com a produção, o contexto e os interesses da empresa jornalística.

Tais produções chegam por vezes a forjar imagens sobre o local e sobre seus povos tradicionais por meio de tentativas de manipulação, tanto no texto quanto na imagem que melhor se enquadre na busca de consensos hegemônicos, seja projetando antigas visões ou criando novas. O poder imagético da mídia escrita, que possui forte componente constitutivo no contexto histórico (tempo e espaço) no qual se insere, levou-nos a problematizar os discursos da criação do estado naqueles veículos.

Nesse sentido, as mídias impressas foram, por vezes, um instrumento constitutivo e arbitrário, junto a outros, na geração de incentivos que possibilitaram não só um forte estímulo ao processo migratório de colonização, como também apresentaram um preconceito contraditório em relação aos povos indígenas pelos

padrões de ocultação, fragmentação e inversão (ABRAMO, 2003) que buscamos identificar nesta pesquisa.

A pesquisa está dividida em cinco seções. Na primeira elencamos o problema contextualizador, objetivos, justificativa e estrutura do texto. Na segunda, apresentamos os caminhos metodológicos, desde o manuseio à sistematização das fontes, bem como o embasamento teórico conceitual norteador de nossas reflexões na análise crítica desta investigação.

Num terceiro momento, analisamos a criação (ou recriação) de imagens sobre Rondônia reverberadas pelas mídias impressas. A quarta e quinta seções representam as análises acerca das tentativas de manipulação da imprensa ao buscar consensos hegemônicos em relação à questão indígena. A quarta, mais centrada em uma análise serial das fontes vai de 1981 a 1985, no jornal Estadão de Rondônia.

A quinta e última busca desconstruir a fragmentação das notícias ligadas à questão indígena, a partir do aprofundamento de um caso específico de invasão de Terra Indígena ocorrida em Ji-Paraná no Igarapé Lourdes habitado pelos índios arara e gavião. O local foi invadido e teve seus invasores expulsos pelos próprios indígenas, que utilizaram táticas de sequestro e destruição de plantios e moradias dos invasores, acontecimento muito reverberado pela mídia escrita estadual e nacional e que nos serviu de mote enquanto crítica ao pouco espaço para a fala propriamente indígena naqueles veículos.

2 PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Esta pesquisa foi desenvolvida na perspectiva do método histórico-crítico[1], cuja maior preocupação foi o tratamento crítico dos testemunhos[2] por meio dos quais buscamos construir uma história-problema. Utilizamos como fontes primárias a imprensa escrita, que nos levou a uma abordagem metodológica serial, com técnicas de análise de conteúdo para o tratamento e a sistematização no manuseio dos textos e imagens jornalísticas.

2.1 Os locais e as formas de levantamento das fontes

O levantamento das fontes foi realizado em locais diversos. Em Porto Velho e Cacoal[3] em diferentes arquivos, como no jornal "O Estadão de Rondônia"[4], Museu Estadual de Rondônia (MERON), Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e no jornal "Tribuna Popular". Foram de extrema relevância os espaços virtuais (internet), onde pesquisamos nos acervos digitais da revista "Veja" e do jornal "Folha de São Paulo", estes últimos mais pelas visões que reverberavam sobre Rondônia.

Um dos problemas encontrados nesta fase da pesquisa foi a dispersão e/ou a falta de sistematização e, principalmente, a falta de digitalização documental nos arquivos rondonienses. A digitalização documental foi para nós um elemento técnico fundamental para o manuseio das fontes, bem como para a preservação documental, tendo em vista que salvaguarda os originais do uso e manuseio excessivos, por isso uma das metas técnicas desta pesquisa foi à criação de um

---

[1] Segundo Marc Bloch (2001), a crítica, sobre os testemunhos (as fontes) de cunho analítico e criterioso, não pode confundir erros naturais à condição humana com imposturas forjadas para modificar a compreensão de um fenômeno histórico. É uma questão complexa a de validade, invenção e/ou aumento de informações sobre determinado fato, uma vez que nas representações culturais o engano pode permanecer ou se perpetuar no imaginário coletivo de uma sociedade pela necessidade de um determinado contexto e situação que propicie falsas representações do real.

[2] Há desde o século passado uma ampliação neste conceito que possui várias vertentes que podem ser escritas, orais, imagéticas entre outras. Indo da cultura material a cultura imaterial sem necessariamente haver uma hierarquia de importância. Uma vez que no método histórico-crítico não é a fonte o principal objetivo, mas a problematização que se faz da mesma em busca de respostas para a contemporaneidade.

[3] Realizamos prospecção em Ariquemes e Ji-Paraná sem muito sucesso, pois muitos jornais já não existem mais e muitas fontes se perderam.

[4] Sua primeira edição saiu com o título "Estadão do Norte".

banco de dados digitalizado. Preocupação esta dividida em duas intenções: 1) impulso pessoal ligado à dificuldade logística e de tempo para a leitura das fontes nos próprios arquivos; 2) necessidade de digitalização visando à preservação das fontes originais para pesquisas futuras e melhor manuseio por meio digital.

Dentro do quadro apresentado, o levantamento de fontes demandou alguns meses e se desenvolveu em três momentos concomitantes de leitura, seleção e fotografia. No trabalho de digitalização utilizamos uma máquina fotográfica digital simples, mas com uma resolução mais adequada para a produção do arquivo de pesquisa[5], uma vez que pela proximidade da foto, máquinas mais rebuscadas poderiam atrapalhar e desfocar o objetivo do trabalho. Na captura das fotos não utilizamos o *flash,* pois o mesmo acarreta uma incidência de luz que dificulta a leitura do documento, posteriormente digitalizado e arquivado no computador.

Uma sequência serial mais completa só foi possível no jornal Estadão de Rondônia, em Porto Velho, e no jornal Tribuna Popular, em Cacoal. Há, nestes locais, além da acessibilidade aos jornais e certo grau de organização[6], uma relativa preocupação com a preservação de memória das duas empresas. O Estadão possui praticamente todos os exemplares desde a origem, encadernados em capa dura, com cadernos divididos em blocos entre três a quatro meses - o que é importante para o pesquisador, tendo em vista que sua tiragem é diária - o mesmo ocorre com o jornal Tribuna Popular de Cacoal, que possui menos volumes, devido a sua tiragem ter variado ao longo dos anos entre quinzenal e semanal.

No CIMI, em Porto Velho, há importante coleção de revistas, geralmente ligadas à ação missionária, como a revista “Aconteceu”, que reproduzia reportagens em estilo de “denúncias” contra os índios de diferentes jornais do país - como o Jornal do Brasil, Jornal de Brasília, entre outros - e, curiosamente, um expressivo acervo do periódico do GTME**,** ligado aos evangélicos metodistas.

No MERON há muito material, porém, não há ainda uma sistemática que facilite a busca do pesquisador que se debruça sobre seus arquivos. As fontes se encontram incompletas ou relativamente dispersas em grandes volumes de jornais e

---

[5] Pensamos na utilização de um scanner, mas além da logística, o tamanho das folhas dos jornais dificultaria essa tarefa, pelo menos para scanner simples.

[6] Apesar de o jornal Estadão carecer de um espaço maior e com uma estrutura melhor para a guarda dos arquivos, pois os mesmos estão armazenados em uma minúscula sala que aparenta ser um depósito.

documentos que não estão sequer encadernados, o que torna a missão literalmente uma garimpagem nas fontes.

2.2 Sistematização das fontes

A princípio, a construção do banco de dados possuía muitas informações - pois muitas matérias que, mesmo não citando os povos indígenas de forma direta ou indireta, se conectavam. Assim, com a maturidade natural do transcorrer da pesquisa, conseguimos chegar a um universo analítico mais adequado, apesar de não pequeno, tendo em vista que a análise pode se efetuar por um universo reduzido, desde que o material a isso se preste e se consubstancie em parte representativa do universo total no intuito de buscar respostas ao problema elencado (BARDIN, 2009). Neste sentido, fotografamos centenas de reportagens dentro do recorte temporal que se estabeleceu de janeiro de 1981 a dezembro de1985.

A análise serial com a técnica de análise de conteúdo foram importantes norteadores na sistematização das fontes. Todas as reportagens foram selecionadas, fotografadas e depois lidas com maior profundidade depois de digitalizadas. O jornal Estadão se destacou no universo amostral com 258 textos, o que nos levou a constituição da terceira seção desta pesquisa e de dois quadros no apêndice.

Após a etapa de seleção, fotografia e leitura, sistematizamos boa parte do material, principalmente aquele que trabalhamos na quarta seção com o objetivo de construir um quadro que se encontra no apêndice. Buscamos, com isso, facilitar a investigação sobre os padrões de manipulação desenvolvidos por aqueles veículos[7] de uma maneira mais totalizante, tentando detectar tendências discursivas de construção da questão indígena ao longo do período.

Para tanto, subperguntas estrurantes foram fundamentais. Quais os temas mais recorrentes? O que está por trás do tema principal? Há de fato uma tentativa de homogeneização da figura do índio? Porque algumas etnias são mais citadas que

[7] “Optar pelo caminho serial pressupõe necessariamente escolher ou construir um problema condutor muito específico – problema este que é fator fundamental na constituição da própria série. A História Serial veio assim diretamente ao encontro de uma História-Problema, como as demais modalidades historiográficas que passaram a predominar na historiografia profissional do século XX” (BARROS, 2011, p. 48).

outras? Quais são as vozes que produzem e/ou reproduzem as representações sobre os índios? Quando e como os índios aparecem na mídia impressa?

Diante dessas indagações, o problema foi elencado por nós após uma primeira impressão junto às fontes e pela experiência de pesquisas anteriores em parceria com o Departamento de Pesquisa do Instituto Federal de Rondônia, ao qual nos filiamos. Assim, a partir de tal vivência, optamos pela análise serial, gerando a forma de entrada de informações na confecção de um quadro (figura-01).

Quadro 1 – Análise de Conteúdo Jornalístico

N°	TITULO DA NOTÍCIA	DATA	TEMA	SUBTEMA	ETNIA	FALA OFICIAL	FALA INDÍGENA	LOCAL
1	**FUNAI acusada de dizimar os grupos indígenas**	24/03/1981	VIOLÊNCIA	Demarcação de T.I.	Maxakali, Xakriabá, Tupiniquim e Guarani.	CIMI	------	MG
2	**Apoena acredita que garoto raptado pelos URU-EU-WAU-WAU esteja vivo**	23/04/1981	VIOLÊNCIA	Sequestro de não-índios por índios	Uru-eu-wau-wau	FUNAI	------	RO

Figura 1 - Modelo de quadro de análise de conteúdo (Fonte: Próprio autor, 2014).

2.3 Imprensa, hegemonia e manipulação

O conceito de hegemonia e suas atualizações pelos teóricos dos Estudos Culturais de origem britânica nos serviram de aporte teórico na abordagem desenvolvida nesta pesquisa, bem como a observação interna à produção jornalística através de seus padrões de manipulação da notícia.

O conceito de hegemonia que utilizamos possui sua origem em Antônio Gramsci (1891-1937) e o arcabouço teórico para uma análise dos padrões de manipulação da notícia, em Perceu Abramo (1929-1996). Procuramos - respeitando os diferentes contextos e épocas dos autores - utilizar as aproximações de ambos no que tange à análise crítica da cultura, principalmente quanto à crítica a qual se filiam sobre a desnaturalização da imprensa enquanto meio de comunicação.

Em Gramsci a hegemonia é uma espécie de jogo de consenso e dissenso que busca conformação do imaginário social e faz parte das disputas de sentido e

de poder. É a conquista do consenso e da liderança cultural e político-ideológica de uma classe ou bloco de classes sobre as outras que, somadas às bases econômicas, se complementam de forma complexa com entrechoques de percepção, juízo de valor e princípios entre sujeitos da ação política (MORAES, 2010). Hegemonia e consenso andam juntos e se entrelaçam numa espécie de jogo que busca equilibrar arbitrariedades e vontades coletivas que, em última instância, trabalha na busca de manutenção do *status quo.*

O conceito de hegemonia cultural de Gramsci nos possibilita refletir sobre a análise crítica das intenções por trás e nas entrelinhas dos textos jornalísticos. Gramsci foi pioneiro na crítica à mercantilização e às ideologias internas as quais se encontram sujeitas à grande mídia escrita[8]. Para Gramsci, os jornais (e as revistas) devem ser percebidos enquanto partido com intenções e interesses ligados a uma classe social (geralmente a classe dominante).

A busca de consensos ideológicos na construção da hegemonia passaria pela utilização de mídias impressas que engendrariam os valores necessários para tal fim. Não por acaso, uma das mercadorias culturais mais evidentes em sua análise multifocal é o jornalismo impresso. Para Gramsci (2001, p. 197), o jornalismo em sua forma "integral" faria esta função em que se "pretende satisfazer todas as necessidades (de certa categoria) de seu público, além de criar e desenvolver estas necessidades e, consequentemente, em certo sentido, gerar seu público e ampliar progressivamente sua área".

A ideia de hegemonia é fundamental para o entendimento da produção jornalística sobre o real, pois oportuniza uma crítica sobre a busca de consensos, pela qual atravessam e condicionam a produção simbólica dos jornais impressos.

No texto "*Os jornais e os operários",* Gramsci (1916) nos apresenta uma síntese de suas reflexões sobre a mídia impressa enquanto mercadoria e instrumento de busca de consensos hegemônicos.

> A mercadoria é aquela folha de quatro ou seis páginas [os jornais] que todas as manhãs ou todas as tardes vai injetar no espírito do leitor os modos de sentir e de julgar os fatos da atualidade política que mais convém aos produtores e vendedores de papel impresso. Estamos dispostos a discorrer, com os operários especialmente, sobre a importância e a gravidade daquele ato aparentemente tão

[8]A qual chamava de jornais burgueses. Antes de sua prisão pelo regime fascista, Gramsci escreveu de forma ativa e reflexiva entre 1910 e 1926, nada menos do que 1.700 artigos jornalísticos (MORAES, 2010, p. 62).

> inocente que consiste em escolher o jornal que se pretende assinar? [...] o operário deve negar decididamente qualquer solidariedade com o jornal burguês. Deveria recorda-se sempre, sempre, sempre, que o jornal burguês (qualquer que seja sua cor) é um instrumento de luta movido por ideias e interesses que estão em contraste com os seus [...]. Mas o pior reside nisto: em vez de pedir dinheiro à classe burguesa para subvencioná-lo a obra de defesa exposta em seu favor, o jornal burguês consegue fazer-se pagar pela própria classe trabalhadora que ele combate sempre. E a classe trabalhadora paga, pontualmente, generosamente. [...] Não contribuam com o dinheiro para a imprensa burguesa que vos é adversária: eis qual deve ser o nosso grito de guerra neste momento, caracterizado pela campanha de assinaturas, feitas por todos os jornais burgueses. Boicotem, boicotem, boicotem! (GRAMSCI, 1916).

João Carlos Correia (2011) nos chama a atenção para uma intrínseca aproximação entre hegemonia e ideologia, pelo significado semântico comum a ambas, chegando a se associar como utilização de formas simbólicas por parte de grupos sociais que lutam pela obtenção de reconhecimento para o exercício do poder.

Douglas Kellner (2001), norte-americano filiado aos Estudos Culturais[9] de origem britânica, vê nos pensadores de *Birmingham* proximidades com o modelo gramsciano de hegemonia e contra-hegemonia. Kellner aponta naqueles pensadores a preocupação analítica com o estudo dos usos da cultura da mídia como espaço de produção, busca de consensos e dominação entre classes.

Na sua concepção a sociedade é um conjunto de hierarquias e antagonismos de relações sociais que se apresentam não só pela caracterização da opressão de classes, mas também de sexo, raças, etnias e estratos nacionais subalternos. Nesse viés, o conceito de hegemonia se torna mais plural do que a velha dicotomia proletariado *versus* burguesia.

Jean Henrique Costa (2012) faz semelhante aproximação entre Gramsci e os Estudos Culturais e vai além. No seu entender, o elemento em comum entre Richard Hoggart, Raymond Williams e E. P. Thompson era justamente o diálogo com o conceito de hegemonia gramsciano, ou seja, pensar o cotidiano como um local de

---

[9]Os estudos culturais de origem britânica enquanto movimento contra-hegemônico e com sua atuação centrada na realidade se constituem na *tensão* entre demandas teóricas e políticas que é um dos motes discursivos desta pesquisa. Atualização crítica da tradição marxista ligada a questões que envolvem reflexão sobre a cultura faz dos estudos culturais uma proposta metodológica de cunho nitidamente interdisciplinar que pode ser trilhado por pesquisadores que se debrucem sobre a polissemia complexa que envolve e transforma as ideias sobre cultura em uma transversalidade discursiva inerente para se entender o mundo atual.

disputas por significação. Em Hoggart, Williams e Thompson a hegemonia fica menos engessada na forma de pensar os processos culturais, principalmente no que tange as ressignificações feitas sobre a cultura popular que passa a ter seu protagonismo de resistência mais evidenciado.

Para entendermos as formas arbitrárias da mídia, utilizamos os padrões de manipulação da notícia que podem ocorrer de várias e diferentes formas e que não se dão em todo o material e nem em toda imprensa de forma contínua.

> Se fosse assim - se pudesse ser assim - o fenômeno seria autodesmistificador e autodestruidor por si mesmo, e sua importância seria extremamente reduzida ou quase insignificante. Também não é que o fenômeno ocorra uma vez ou outra, numa ou noutra matéria de um ou de outro jornal; se fosse esse o caso, os efeitos seriam igualmente nulos ou insignificantes.
> A gravidade do fenômeno decorre do fato de que ele marca a essência do procedimento geral do conjunto da produção cotidiana da imprensa, embora muitos exemplos ou matérias isoladas possam ser apresentados para contestar a característica geral (ABRAMO, 2003, p. 24-25).

Em outras palavras, Abramo busca em sua formulação teórica fugir dos absolutos sem negar a regra inerente ao fenômeno. Esta negação do absoluto que não descarta as permanências e as transformações é também uma das aproximações com o fazer histórico.

Estes aportes teóricos foram importantes à pesquisa, na qual a produção das notícias não foram tomadas como verdade factual, mas como uma abordagem cultural sobre o real. Uma das preocupações centrais foi não confundir a notícia com o fenômeno histórico, mas perceber que há padrões de manipulação da notícia na grande imprensa (ABRAMO, 2003) que visa geralmente à manutenção de grupos sociais dominantes sobre grupos excluídos socialmente[10].

---

[10] Há em Perceu Abramo (2003) certa aproximação com as ideias discutidas neste trabalho, sua crítica contumaz feita de forma mais sistematizada e interna aos modos de fazer imprensa no Brasil, na qual trabalhou por muitos anos é muito reveladora. Em alguns momentos a imprensa trabalharia de forma autoritária e excludente com padrões de manipulação de informação. Tal manipulação se dá de múltiplas formas e não ocorre em todo material e em toda a imprensa sempre, por outro lado não é um fenômeno isolado, mas possuiria características essenciais do procedimento geral do conjunto da produção cotidiana da imprensa que possibilitaria enquadrá-las em padrões. Porém, Abramo não impõe a esses padrões de manipulação uma ocorrência homogênea e sempre intencionalmente constituída.

3 IMAGENS DA GRANDE MÍDIA IMPRESSA SOBRE RONDÔNIA: DO ELDORADO INACABADO AO PROGRESSO DO LOCAL DA ESPERANÇA

As mídias, segundo Douglas Kellner (2001), são uma fonte profunda e, muitas vezes, não percebida forma de pedagogia cultural, contribuindo para nos ensinar como nos comportar, o que pensar e sentir; em que acreditar, temer e desejar, e o que não. Sendo ainda difícil e polêmico mensurar o seu grau de influência - ou seja - sua recepção junto ao público leitor.

3.1 Por uma imagem de Rondônia: tentativas de consenso

Pela observação exaustiva de características midiáticas em Rondônia geralmente percebemos[11] esta característica de intenções pedagógicas. Neste sentido é exemplar a busca de consenso em propaganda de uma empresa de transportes terrestres, sobre o que venha a ser Rondônia (figura 1).

Figura 1 – Propaganda de Rondônia em ônibus interestadual (fonte: próprio autor, 2013).

[11]Ao longo de treze anos residindo em Rondônia, nos quais moramos em Ouro Preto do Oeste (primeiro Projeto Integrado de Colonização, antigo PIC – Ouro Preto), Porto Velho (Capital ligada à histórica ferrovia Madeira-Mamoré) e, atualmente, trabalhando em Ji-Paraná (segunda maior cidade do estado, onde ocorreu uma das mais divulgadas invasões a terras indígenas nos anos 1980) sempre lecionando em escolas públicas e, mais recentemente, através do projeto de extensão Conhecer Para (In) formar: Patrimônio Histórico e Meio Ambiente em Rondônia em 2012 (disponível em www.conhecerparainformar.hostei.com) idealizado por nós e desenvolvido no Instituto Federal de Rondônia, onde conhecemos e pesquisamos sítios arqueológicos, museus, Forte Príncipe da Beira e por todo o percurso da EFMM, sempre procuramos observar aspectos históricos e culturais mais significativos da formação do Estado e de seu cotidiano.

A mensagem está estampada estrategicamente na parte traseira de um ônibus interestadual que vinha do Paraná para Rondônia. Tal posição e limite de velocidade na circulação desses veículos torna visível a imagem a todos os automóveis que venham na mesma direção.

A imagem se constitui em foto e texto, circundadas de cores chamativas, remete-nos a um aspecto representativo: a incorporação da região ao mercado nacional e mundial pela pecuária. Assim, o que só começou a se desenvolver extensivamente a partir das últimas duas décadas do século passado é apresentado como algo natural ("Rondônia: Estado Natural da Pecuária"), simbolicamente representada pela sombra de um boiadeiro/vaqueiro imponente sobre seu cavalo ante o rebanho[12], parado e dominando a paisagem.

Tal representação nos remete a muitas ideias refletidas na grande imprensa ao longo dos anos sobre Rondônia. São signos reverberados que são geralmente centrados na velha ideia do "pioneiro" que "construiu" a região que até então - antes da sua chegada - era "inacabada" e de longínqua localização, que só foi esquadrinhada pelo poder da "modernização" e do "progresso".

Qual foi o papel da mídia escrita jornalística na naturalização e/ou busca de consensos dentro da dialética inerente a estes signos de modernização sobre Rondônia? Em outras palavras, quais foram as formas de produção midiáticas durante a construção do Estado? É crucial na busca de respostas concomitantemente intentar desmistificar as reverberações discursivas de busca de hegemonias ainda em evidência sobre Rondônia.

3.2 Onça, imprensa e poder

Em 1981, uma viagem de ônibus[13] de Porto Velho a Cuiabá entraria para a história da imprensa rondoniense e para desespero do então governador, coronel Jorge Teixeira de Oliveira[14] - designado pela Ditadura Militar para estruturar o

---

[12]A sombra possui força simbólica, uma vez que não há feição que caracterize o migrante que pode ter vindo de Minas, Espírito Santo, Paraná, Rio Grande do Sul ou de um estado qualquer do Nordeste. Miscelânea de matizes heterogênias de uma identidade nacional com fragmentos culturais diferenciados pelo tamanho continental e pelo processo histórico de ocupação do Brasil.

[13]Da mesma empresa de ônibus anteriormente citada.

[14]Jorge Teixeira é uma figura histórica de destaque no período, já havia sido prefeito biônico de Manaus e em 1979, foi designado pelo último presidente da ditadura, João Batista Figueiredo, para criar as bases locais para a implantação do estado de Rondônia e foi nomeado como seu primeiro governador. Chefiou o estado de 1979 a 1985 sem ter passado por eleição direta. Sabia como poucos utilizar a mídia a seu favor, não por acaso deixou fortes traços patrimonialistas no imaginário

Território Federal e transformá-lo em estado - correria o Brasil e o mundo. Era o hoje famoso e pitoresco “caso da onça”. A mais ou menos 25 km da cidade de Vilhena, um ônibus teria parado para que um dos seus passageiros adentrasse a mata para satisfazer necessidades fisiológicas - naquela época poucos ônibus possuíam banheiro.

Como o passageiro demorou a voltar e as pessoas no ônibus teriam ouvido o que seriam “esturros” do que supunham ser uma onça, e ainda encontraram vestígios de sangue no local, logo deduziram que o passageiro havia sido devorado pelo animal.

No outro dia, jornais em Porto Velho estampavam a manchete “Onça devora passageiro nas proximidades de Vilhena”. Tal notícia teria sido reproduzida pela mídia nacional e até internacional. Passada uma semana o homem estava vivo e chegara a Vilhena a pé, e explicara que tinha se perdido. Os jornais de Porto Velho tiveram que dar a contranotícia, mas já era tarde. Para muitos a “imagem” do estado já estava manchada[15].

O episódio causou embaraços e certa ira no governador, que vinha investindo alto para melhorar a imagem de Rondônia. No dia 24 de janeiro de 1981, o jornal Estadão de Rondônia trazia como manchete de capa matéria sobre a reunião marcada por Jorge Teixeira com os principais diretores de jornais (figura 3), na qual exortava a imprensa estadual a melhorar a imagem de Rondônia.

> Numa reunião informal levada a efeito ontem à tarde com os diretores dos jornais da capital, o governador Jorge Teixeira de Oliveira exortou a imprensa a melhorar a imagem do território Federal de Rondônia para o Brasil. Teixeira, que evitou falar de política no colóquio, pediu o exercício de uma imprensa livre e democrática, acrescentando, contudo que algumas notícias

---

político rondoniense batizando com seu nome cidade, avenidas, escolas entre outros. O escritor amazonense Milton Hatoum o descreve da seguinte forma: “O prefeito-coronel de Dois Irmãos [livro seu] é inspirado em um cara que de fato existiu. Era conhecido como coronel Teixeira, estudou na “escola da morte” no Panamá - onde os americanos formavam a repressão na América latina. Foi ele quem acabou com o primeiro foco de guerrilha na Amazônia, antes do Araguaia. Para alguns, é um herói. Ele tinha a pretensão de ser governador e modernizou Manaus da pior maneira possível. Simplesmente acabou com a bela e histórica Praça 15 de Novembro para construir uma avenida”.
(HATOUM, Milton. Entrevista: Cinzas de um certo Norte. Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de janeiro, edição 44, p. 38, maio 2009).

[15]Versão dada em entrevista com o jornalista Carlos Sperança Neto ao jornal Diário da Amazônia em sua versão on-line em 16 de novembro de 2013, disponível em http://www.diariodaamazonia.com.br/entrevista-carlos-speranca-neto-carlao acessado em 04 de dez. de 2013.

> veiculadas pela imprensa - o caso da onça, por exemplo, vieram a ridicularizar a imagem do novo estado.
> O encontro do governador com os jornalistas não demorou mais do que uma hora, e Teixeira fez questão de frisar que a transformação de Rondônia em estado não é missão apenas do Governo, e sim de todo rondoniense, e "a imprensa poderá colaborar profundamente com isto se melhorar a nossa imagem exterior".

Figura 3 – Foto: Reunião de Jorge Teixeira com donos e editores de jornais estaduais (Fonte: O Estadão de Rondônia, 24/01/1981, Capa)[16].

É singular este episódio da onça e seu posterior desfecho, chegando inclusive ao palácio do governo para reforçar como um aspecto particular, ganhou contornos conjunturais pela sua reverberação na imprensa, reforçando o protagonismo ideológico desta como esforço cotidiano de convencimento. Nesse sentido de relação entre mídia e sociedade civil Jorge Almeida (2011, p.123) analisa o conceito de hegemonia em Gramsci:

> A hegemonia se faz, assim, como combinação de coerção e consenso. E o consenso se constrói através de concessões econômicas secundárias e do convencimento político e ideológico. A mídia tem, neste sentido, um papel notável neste esforço permanente e cotidiano de convencimento. E não somente em relação as questões particulares e conjunturais, mas especialmente de construir esta representação social do estado que, mesmo sendo

[16] Na foto temos oito representantes de jornais e ao fundo – atrás do governador à direita – temos cartaz promocional, que apesar de não estar nítido, refere-se à passagem de Rondônia a estado, com uma estrela "cortando" um semicírculo em alusão a bandeira nacional com o *slogan* "Rondônia: a mais nova estrela no azul da União" que era muito repetido pelos jornais da época.

> um organismo classista, procura se expressar como sendo o portador de “todas as energias nacionais”.

Fica evidente, no episódio, que o coronel Jorge Teixeira compreendia tais possibilidades midiáticas, por isso a reunião com vários editores de jornais. Porém, ao contrário do que diz a reportagem, o que mais se fez foi política, no sentido em que toda a reunião foi pautada pela busca de coerção e consenso junto aos editores de mídias escritas, na qual a transformação (“melhoramento”) da imagem de Rondônia foi imposta como um esforço de todos e não apenas do governo. Toda a sociedade civil era naquele momento representada por um grupo minoritário de editores de jornais.

A reunião foi contumaz ao que se propôs. No dia seguinte, o mesmo jornal que divulgara a reunião com o governador já se posicionava em apoio ao mesmo[17] com um forte editorial intitulado “Por uma nova imagem de Rondônia”, exortando uma união “harmônica” entre “todas as forças vivas da comunidade rondoniense” por uma “nova imagem de Rondônia”, que deveria ser vista principalmente pelo “Sul” do país como grande centro econômico.

> A partir desta edição o jornal “O Estadão” encapa mais uma, importante proposta, de vital importância para o Território Federal de Rondônia. Referimo-nos a imagem do Novo Estado, que necessita principalmente no Sul do País, de uma completa mutação. E o que fazer para que a terra de Rondon passe a desfrutar de sua imagem real para que o Sul venha a reconhecer em Rondônia um novo Estado [...] Urge uma séria tomada de posição. E para que isto seja procedido ordenadamente, “O Estadão” propõe realizar uma campanha em torno de uma nova figura do Território, exortando a participação da imprensa, da classe política, dos empresários, da área estudantil, dos agricultores, dos prefeitos do interior, enfim, de todas as forças vivas da comunidade rondoniense, para que estes segmentos atuando harmonicamente passem a movimentar todas as suas forças no sentido de projetar a melhor retratação possível desta terra que tanto adoramos (Estadão de Rondônia, 25/01/1981, p.2).

E utilizaria o mesmo mote enquanto propaganda de divulgação do próprio jornal (figura 4). Por meio de uma frase promocional, a empresa jornalística engendrava duas questões centrais à sua busca de consenso - interagia com as intenções governamentais ao mesmo tempo em que se afirmava em quanto veículo

[17] É importante destacar as mudanças editoriais do Estadão em relação ao governo, se no início o jornal forneceu forte apoio editorial ao governador, depois como fruto de desentendimento entre o empresário Mário Calixto e Jorge Teixeira, tornou-se grande opositor ao mesmo.

identitário em busca de uma melhor representação do estado, pois ao ler o Estadão, o leitor encontraria uma boa imagem, mesmo que epidemias de malária, intenso fluxo migratório, falta de infraestrutura urbana e demais mazelas sociais insistissem em apontar outras possibilidades.

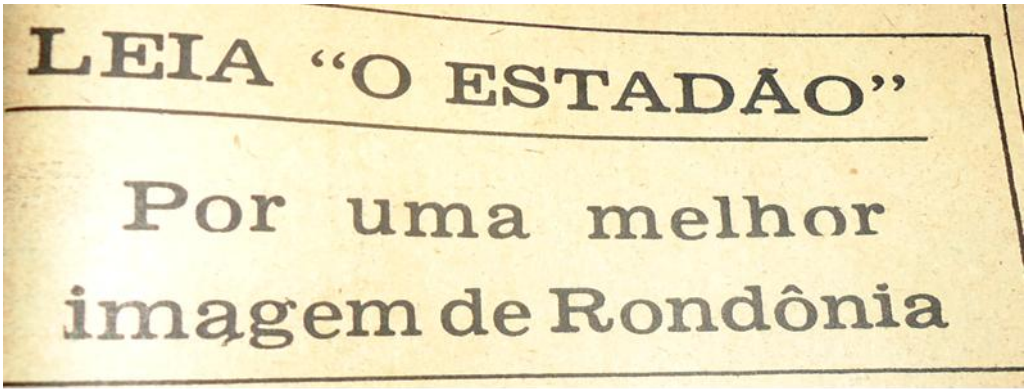


Figura 4 – Propaganda do jornal Estadão de Rondônia (fonte: O Estadão de Rondônia, 29/03/1981, p.3).

Para percepção das dinâmicas que envolvem as relações entre imprensa, governo e sociedade, observamos outro enfoque para a preocupação teixeirista por meio de outro veículo, o jornal "O Parceleiro" (24/01/1981) de Ariquemes, para quem a melhoria da imagem do novo estado, apontava interesses políticos eleitoreiros e imediatistas como um dos objetivos por trás da criação do estado.

> Depois de 37 anos de existência, o que há por trás dessa repentina transformação? [o Território de Rondônia passar a estado] – Há quem diga que o mais extenso Território esteja sendo vítima de manobras políticas emanadas de um grupo palaciano, buscando garantir a maioria do PDS na Câmara e no Senado [...] Até o governador paulista, Paulo Salim Maluf tem indispensável participação na histórica transformação. Na ânsia de fortalecer o número de simpatizantes à sua candidatura para presidência da República.

De fato, naquela eleição - a primeira para vereador, prefeito e governador em um mesmo período desde a instauração do regime de exceção no país - o governador Jorge Teixeira se empenhou pessoalmente na campanha do PDS, buscando eleger o máximo possível de candidatos de sua legenda, uma vez que ele próprio seria reconduzido ao cargo de forma indireta pelo amplo apoio do partido governista a época, o PDS ao qual era filiado[18].

[18]Partido ao qual eram filiados os signatários da Ditadura Militar, tendo inclusive sua indicação para primeiro governador aprovada pelo Senado Federal em seção extraordinária em 28 de dezembro de

3.3 Formação histórico-cultural de Rondônia

Rondônia se fez de muitas imagens; para compreendê-las faz-se necessário desnaturalizá-las e reconhecê-las enquanto fruto das interrelações complexas entre os movimentos e tendências socioeconômicos e culturais em temporalidades específicas em que o espaço foi sendo criado/inventado, geralmente de forma arbitrária e ligada a algum tipo de hegemonia que soube se utilizar da imprensa.

Foi importante, nesse contexto, a utilização de imagens inseridas em jornais e revistas ao longo dos anos. A “propaganda de ônibus”, utilizada aqui como mote inicial reflexivo e o “caso da onça” fazem parte dessas representações na imprensa. A primeira, representando um aspecto econômico, por isso mesmo mais defendida, pelos signos de prosperidade que representa. A segunda, por sua ligação com o natural, o selvagem, por estar ligada ao arcaico inacabado costuma ser rejeitada pelos que buscam consensos sobre o estado.

Porém, se tomarmos a análise em uma perspectiva temporal de longa duração, perceberemos que há mais reprodução do que produção de imagens sobre Rondônia de forma específica, e sobre a Amazônia de forma genérica. Essa reprodução de imagens antigas recriadas e retroalimentadas por interesses multiplos é o que chamamos de reverberação.

As configurações geográficas do estado de Rondônia ilustram bem os grandes processos históricos. O que hoje se consubstancia em seu espaço geográfico, histórico e cultural foi originalmente iniciado por uma ocupação humana imemorial como apontam achados arqueológicos. A formação histórica ocidental é mais recente, iniciando-se no período colonial, no contexto das disputas luso-espanholas.

A partir da construção do Forte Príncipe da Beira, ainda no século XVIII - primeiro símbolo de modernidade - foi parte integrante do Amazonas e do Mato Grosso, tornando-se Território Federal do Guaporé em meados do século passado - no contexto da Segunda Guerra Mundial - quando se reativou a indústria da borracha, sempre estando atrelada aos signos de “progresso”.

Duas cidades foram importantes nesse contexto: Porto Velho (que fazia parte do Estado do Amazonas), e Guajará-Mirim (que pertencia ao Estado do Mato

---

1981, pouco antes do *réveillon* daquele ano, com votação secreta, conforme divulgado pelo jornal Folha de São Paulo (29/12/1981).

Grosso). Cidades que foram deselvolvidas pela vertigem da modernidade sobre a selva, moldadas pelo fetiche do maquinário, representado pela construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Rondônia veio a se tornar Estado pela histórica concretização da efetiva ligação (dependência) ao capitalismo ocidental, que impulsionou a grande migração ocorrida entre meados da 1970 e início dos anos 1990.

3.4 Rondônia: a imagem de vários locais

O antigo Território do Guaporé, tendo seu nome mudado para Território de Rondônia e depois, estado de Rondônia, sempre foi visto pelo olhar de fora como uma fronteira a ser explorada, seja ela geográfica, econômica, cultural entre outras. Estes multiplos olhares, ao se estabelecerem sobre suas fronteiras, foram ao longo dos anos criando espaços tanto físicos como locais de memória, construídos, âmbos, pelos que chegavam com novos tempos e diferentes culturas, sobrepondo camadas de memórias nativas no imaginário que se formou sobre o Estado.

Nesse processo, foram sobrepostas camadas de memórias com outras que foram se tornando coletivas, mesmo que por vezes negando o enfoque das tradições locais.

Os que chegaram e foram se estabelecendo em espaços também imaginários pela necessidade de se criar uma identidade dentro dos aspectos multifacetados e por vezes trágico do processo histórico da Amazônia rondoniense, foram se estabelecendo e recriando tanto fisicamente quanto culturalmente o espaço geopolítico que se formava.

Essas imagens entre sociedade e memória são muito bem exploradas por Maurice Halbwachs (2006, p. 155) quando questiona “como uma sociedade, qualquer que seja ela, poderia existir, subsistir, tomar consciência de si mesma, se não abrangesse com um olhar um conjunto de retroceder no fluxo do tempo e repassar ininterruptamente os vestígios que deixou de si mesma?”

Tais espaços de memória não são outros que não o da memória coletiva, aonde se dá o contexto espacial a partir das relações sociais as quais na Amazônia rondoniense foram moldadas historicamente pela exploração do outro e sobre a degradação ambiental.

A problemática de tais visões sobre Rondônia engloba o fato de que sua formação ocorreu - entre outros - dentro de complexas diferenças socioculturais entre populações tradicionais (índios, caboclos, quilombolas) e os “pioneiros desbravadores” (colonos, capitalistas, militares entre outros).

A aceleração de processos de modernização e ocupação humana sobre Rondônia inverteu o que seria uma memória coletiva nativa, por uma memória coletiva dos que chegaram, os “de fora” que pelo passar das décadas e pela forte migração, tornaram-se a maioria dos de “dentro”.

Em tempos imemoriais, a ocupação humana da região se deve aos povos indígenas; passando muitos séculos depois, pela chegada dos europeus e pelo *boom* migratório recente, intensificado com a construção e pavimentação da BR-364, que tirou a região do isolamento terrestre com outras partes do Brasil.

O forte avanço migratório, somado em mais de um milhão de pessoas em duas décadas fez com que os que estavam passassem a ser minoria e os que chegavam sobrepuseram locais de memórias múltiplas, atreladas ao mundo ocidental capitalista que por sua vez também modificou a paisagem “natural” local.

Nesse contexto mais recente é que vai se cristalizar uma história que necessita de tradição com e sobre o local que passou a ser inventado e reinventado, geralmente com alguma influência de interesses capitalistas externos, seja advindo do campo político-administrativo estatal, ou por interesses internacionais, nos quais a mídia impressa teve e tem papel preponderante no sentido de intenções de convencimento e cooptação da opinião pública ao longo da história do que veio a ser Rondônia.

Rondônia possui ainda um aspecto trágico, o de ser muitas vezes válvula de escape para problemas sociais de outras regiões do país. No passado, índios foram dizimados pela escravidão, mas posteriormente, buscou-se “acolher” retirantes nordestinos que fugiam das intempéries climáticas e do “coronelismo” nordestino nos dois períodos gomíferos.

Recentemente foi palco de projetos que pretendiam resolver problemas fundiários de outras espacialidades de uma nação que, também, se construiu ou se inventou a partir do Século XIX, pelo uso coercitivo do Estado amparado, muitas vezes, por representações ideológicas da mídia escrita com o intuito de assegurar as fronteiras e a identidade nacional, quando na verdade o que se constituia era

uma hegemonia regional do centro-sul que buscava utilizar as outras regiões como se fossem colônias dentro de um mesmo país.

Na busca de entendimento das reverberações midiáticas destacamos sobre Rondônia quatro representações importantes sobre o local: 1) O *Eldorado* (ou Terra da Providência); 2) A Terra de "pioneiros"; 3) O local inacabado; 4) O Cenário a ser desenvolvido (inserido) na "modernidade" e no "progresso". Em todos esses signos, sem exceção, há um tema histórico transversal recorrente, a expropriação humana e a incorporação de áreas indígenas ao mundo capitalista.

3.5 O *Eldorado*: a terra da providência

O forte processo de migração, colonização e urbanização trouxe consigo colonos provenientes principalmente do Sudeste e Sul do Brasil, muitos incentivados a vir para a região por uma migração dirigida pelo Estado[19], então sob o comando da Ditadura Militar (figura 4).

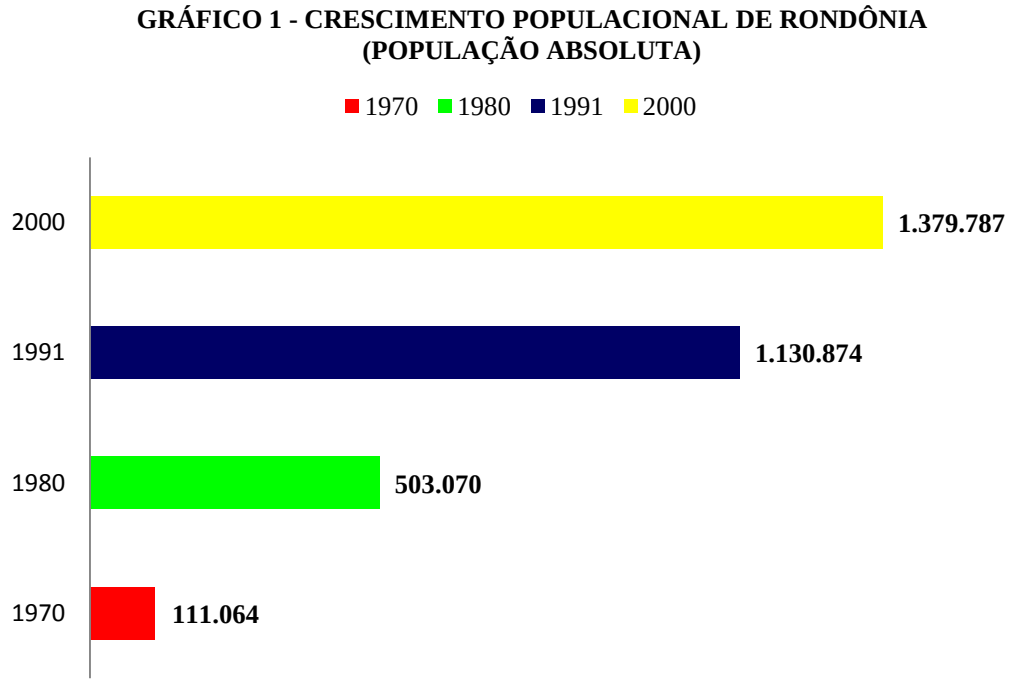


Figura 5 – Gráfico de Crescimento Populacional de Rondônia (1970-2000) (Fonte: IBGE/2002).

Foi um processo diferente dos demais, pois para além do fluxo, aspectos econômicos e o contexto eram outros que não aqueles do passado, mais ligados ao

[19]Em sua maioria era homens e mulheres ligados à agricultura, caracterizando o processo como uma migração interrural de camponeses em busca de terras.

extrativismo gomífero e/ou a mineração. O forte incentivo à agricultura e à pecuária fixou muitas famílias ao estado.

A terra era o objetivo a ser atingido pela maioria, não por acaso o termo *Eldorado* que remonta a ideia de Terra da Providência - visões de aspectos teleológicos de tradição milenarista judaico-cristã - apareciam repetidas vezes nas representações dos discursos midiáticos sobre e para o local (figura 6), nunca deixando de ser uma “fronteira em expansão" que atraía e, ainda, atrai a “modernização” e a “civilização” para a selva.

RONDÔNIA:
NOVO ELDORADO

De repente o País todo descobre, Rondônia. Quem esteve fora do Estado nestes últimos meses deve não só ter visto cartazes sobre Rondônia como ter assistido discussões, entrevistas chamadas no Rádio ou na televisão focalizando aquela que é a mais nova estrela da Bandeira do Brasil. A imagem que se tem lá fora, num clima de recessão econômica, é a de que existe no meio do deserto de perspectivas um novo oásis, denominado Rondônia. Verdade seja dita não é uma imagem totalmente irreal. Muito pelo contrário tem muito de veridico pelas potencialidades que temos e pelas condições que nos foram propiciadas pelo Governador Jorge Teixeira ao qual ninguém pode furtar o reconhecimento do dinamismo que imprimiu a sua administração destinando horizontes impensáveis. No entanto não podemos deixar de olhar com certa apreensão o fato tangível de que o Estado de Rondônia não possue ainda, apesar de notável esforço realizado, uma base econômica sólida. É inegável, que temos algumas culturas como o café e o cacal que nos fornecem certas garantias a médio prazo, mas além delas a nossa produção agricola é predominantemente de lavouras brancas onde os custos de produção não são compensatórios para o exercicio de uma agricultura capitalista. Então fica pendente a perguntar em que basear a nossa economia? A resposta, de certa forma, é um corolário da própria condições vantajosas em que nos vemos não podem ser desperdiçadas. Estas alternativas se consolidam a partir de duas vertentes:

1) O desenvolvimento da pequena produção industrial e agricola;

2) A implantação que funcionem como propulsoras do crescimento.

Tais alternativas são complementares na medida que não é crivel pensar que poderemos sustentar altas taxas de crescimento sem o amparo mútuo dos grandes e pequenos empreendimentos, contudo existem algumas pedras de razoável tamanho no caminho. Sendo vejamos:

a) A situação fundiária: A existência de um processo irregular de ocupação das terras que é de molde a frear uma série de investimentos produtivos, de vez que os preços exorbitantes pagos pelos empresários por terras na Região aliado a taxas de juros altas decorrentes da falta de garantias reais torna inviável uma série de negócios rendosos.

b) O despreparo gerencial: É impossivel tocar hoje um negócio, mesmo pequeno, sem um bom preparo em gerência. Hoje a própria complexidade da legislação vigente, que não possue nenhuma adaptação regional, inviabiliza qualquer empresário que não mantenha atualizado pelo menos seu caixa, estoque e contabilidade de custos. Preparar gerencialmente os dirigentes locais é uma tarefa árdua que inclusive tende a se deparar com hábitos ineficientes e enraizados.

3) A ausência de uma tecnologia local – É um erro pensar que se importam soluções. Sem um programa de absorção cultural, de conhecimentos que permitam uma adequação ao novo ambiente o minimo esperado é que se importe problemas. Não há substituto para o lento, mas necessário aprendizado. Precisamos conhecer nossas potencialidades e problemas, bem como encontrar nossas próprias soluções.

4) O fantasma do desemprego: É constrangedor verificarmos que um chefe de familia procura inutilmente colocar sua força de trabalho, que é sua única forma de sobrevivência. A contrapartida de tal fato reside na mesma sem pão que não é uma alternativa promissora para nenhum tipo de sociedade. Rondônia tende como polo de migração a se constituir num desagadouro natural do "excesso de oferta" devido a sua posição de vanguarda no momento.

Ser ou não ser um Eldorado não é bem a questão de Rondônia, no entanto certamente a remoção destas pedras determinarão o rumo que o futuro Estado há de seguir: se a insolvência continuada ou o desenvolvimento que todos nós aspiramos, para fazer de Rondônia um modelo a ser imitado. Estas soluções passam logicamente, pelo fortalecimento politico dos Centros de poder local.

Figura 6 - Editorial: A realização do Novo Eldorado (Fonte: O Estadão de Rondônia, 15.03.1981, p. 02).

A revista Veja de 27 de agosto de 1980, reverberava o mito ao descrever as expectativas de migrantes paranaenses na vinda para o Território.

> Na hora do crepúsculo, dezenas de famílias carregando magras mudanças e um sonho comum, invadem silenciosamente a estação rodoviária de Cascavel, a 500 quilômetros de Curitiba. Enquanto

> comem pedaços de queijo crioulo, os homens permanecem atentos ao fanhoso sistema de alto-falantes que logo vai chamá-los para a viagem rumo ao eldorado dos anos 80: o território de Rondônia [...] De janeiro de 1977 a junho deste ano, 250 000 brasileiros marcharam sobre Rondônia, empurrados pela crença de que ali é possível enriquecer rapidamente. (id.ib. p. 58).

Em Porto Velho havia forte propaganda feita de forma quase pessoal pelo governador Jorge Teixeira, como bem demonstra trecho de um discurso seu captado pelas lentes do documentarista chinês, naturalizado britânico, Adrian Cowell (1990), no início dos anos 1980[20].

> "Olhamos para traz e nos damos conta de que Rondônia se fez de mãos calejadas, corpos suados e poeirentos do divino trabalho da terra, venham brasileiros de todo o Brasil! Venham gentes de todos os povos! Rondônia lhes oferece: trabalho, solidariedade e respeito. Tragam seus sonhos, anseios e ilusões, compartilhem tudo isso com este povo admirável".

Teixeira incentivava entusiasticamente a vinda de migrantes para um estado que já sofria com um gigantesco deslocamento populacional sem precedentes, no Brasil e talvez no mundo, naquele período. Buscou governar Rondônia pelo domínio da sociedade por meio de um tipo de "consenso", ao invés de utilizar métodos repressivos diretos, muito comuns aos que faziam parte daquele regime de exceção[21] como ele, mesmo em uma época na qual a ditadura já dava sinais de desgaste.

Intentou por meio da imprensa - escrita e falada - aplicar aos migrantes estratégias discursivas mais sutis. Quando a grande mídia não ia ao encontro dos signos de terra da providência e/ou *eldorado,* e apresentavam alguma crítica ao projeto de Rondônia passar a estado, o governador chegava a responder pessoalmente as reportagens, como o fez nas páginas ao leitor da revista Veja de 24 de setembro de 1980.

> Acostumado a ver nesta prestigiosa revista seriedade e senso nas reportagens que enfocam aspectos da problemática brasileira, fomos surpreendidos com a matéria divulgada [...] A matéria não retrata a verdadeira face de Rondônia, quando uma população pioneira e progressiva com sacrifício e patriotismo, assume a árdua tarefa de

---

[20] Em seu documentário *"A década da destruição: nas cinzas da floresta".*

[21] Para um aprofundamento da relação entre ideologia administrativa e Estado ver István Mészáros (2004, p. 143-146).

> incorporar essa região ao processo desenvolvimentista do Brasil, transformando-a na mais nova fronteira agrícola (id. ib., p.10-12).

Era recorrente nas falas teixeirista, reverberadas pela mídia impressa, uma Rondônia de bela face, próspera, preocupada com o seu desenvolvimento. Era dentro destes signos que ele e a imprensa tendiam a buscar homogeneizar os que chegavam pela alcunha de "pioneiros", espécie de desbravadores que tinham a nobre missão de estruturar o "local inacabado". Um consenso importante, pois tendia a dissolver as hierarquias socioeconômicas e culturais, ao mesmo tempo em que encobria os conflitos advindos das diferenças entre os migrantes e, entre os migrantes com caboclos, índios e quilombolas. Aos índios, quilombolas e caboclos - com suas formas tradicionais - era negado o pioneirismo, pois não se enquadravam nas representações ocidentais de modernidade. Com seus locais "inacabados" não se configurava em notícia. Numa época de euforia progressista aqueles sujeitos históricos representavam o arcaico.

3.6 Terra de pioneiros: o local inacabado

A imagem recorrente do que seja Rondônia e por extensão, a Amazônia, é de uma imensa extensão de terras de natureza pujante, praticamente indomável, onde sua população tradicional, mesmo a não indígena, é vista como atrasada. Tal região precisaria ser desenvolvida e tal desenvolvimento teria que vir de fora, de algum agente externo civilizador, já que essas populações não se mostrariam capazes de sair do seu estado de natureza e/ou atraso (GONÇALVES, 2001).

Essas visões fazem parte de campos simbólicos que se entrelaçam ao longo dos anos na busca de consenso hegemônico para a região. Há dois momentos reverberados na imprensa que nos fazem refletir sobre tais consensos. Um discurso proferido por Getúlio Vargas, em 1940 na cidade de Manaus sobre a Amazônia e uma reportagem da revista Veja quarenta anos depois, sobre a formação das cidades em Rondônia.

Em 10 de novembro de 1940, Getúlio Vargas, antes de sua viagem a Porto Velho - então cidade do interior do Amazonas - fez contundente discurso de como seu governo enxergava a região amazônica brasileira[22].

---

[22] Quando da "reabertura" da indústria da borracha como parte da estratégia dos *Aliados* para vencer a Segunda Guerra Mundial.

> Nada nos deterá nesta arrancada que é, no século XX, a mais alta tarefa do homem civilizado: conquistar e dominar os vales das grandes torrentes equatoriais, transformando a sua força cega e a sua fertilidade extraordinária em energia disciplinada. O Amazonas, sob o impulso fecundo da nossa vontade e do nosso trabalho, deixará de ser, afinal, um simples capítulo da terra, e equiparado aos outros grandes rios tornar-se-á um capítulo da história da civilização (Apud. BENCHIMOL, 1992. p. 70).

Em 27 de agosto de 1980, a revista Veja traz uma reportagem especial de cinco páginas intitulada “O faroeste brasileiro”, na qual faz paralelos entre a intensa migração e a formação de cidades em Rondônia com a conquista do “Velho Oeste” dos E.U.A do século XIX.

> “Quem é louco de ficar aqui nas águas” [época de chuvas]? Exclama o gaúcho [dono de madeireira] [...] “A estrada fecha, os aviões não tem vagas, falta água nas casas, some o pão e a cidade fica às escuras por falta de combustível. O jeito, então, é mandar a família para Porto Alegre” [...]. São dificuldades naturais num território em que povoados nascem e incham em questão de semanas, adubados por multidões que não param de chegar (id.ib. p. 59).

Em ambos, tanto no discurso, quanto na reportagem, há de forma implícita imagens que nos remetem as ideias de local inacabado sendo estruturado, mas que ainda lhe faltava aspectos simbólicos do modernismo urbano de outras paragens. Essa perspectiva de local em “desordem” não é recente, uma vez que o inacabado também significava sua não plena incorporação ao mercado que se implantaria de forma definitiva a partir dos anos 1980, com sérios impactos ambientais e desenvolvimentos estruturais como hidrelétricas, cidades e pavimentação de estradas.

Essas representações não eram produzidas, mas reverberadas de outras épocas em novos contextos. A mídia impressa tem esta força reprodutiva de realimentar e fazer renascer velhos discursos que passaram a fazer parte do que se pensa sobre a região. A representação de que a floresta precisava ser desbravada (e/ou destruída) atraiu muita gente de vários lugares do Brasil. O processo migratório definitivo havia sido iniciado na década de 1960 e teve crescimento significativo até 1980, quando ocorreu seu maior surto. Este processo inicial foi chamado de forma controversa de migração espontânea pela não participação direta do Estado. Eram pessoas que chegavam cada vez em maior número, constituindo os “pioneiros” da “conquista” tardia do Oeste brasileiro.

Quem eram os “pioneiros” na formação de Rondônia? De fato o que se presenciou não só em Rondônia, mas em toda a Amazônia brasileira e Mato Grosso foi um intenso processo de especulação fundiária, denunciado em reportagem de 13 de fevereiro de 1980, na revista Veja*,* como forma velada de defender a interferência do governo militar sobre a região.

> **DOMÍNIO PAULISTA –** Há alguns anos, desenvolveu-se grande corrida às terras do Mato Grosso e da Amazônia. Uma pesquisa do Serviço Nacional de Processamento de Dados (Serpro), feita com base nos imóveis cadastrados pelo INCRA ainda em 1972, oferece dados significativos sobre a propriedade rural em alguns Estados daquela região. Em Mato Grosso, nada menos que 378% das terras pertencem a residentes no Estado de São Paulo. Nesse mesmo caso estão 15% das terras do Pará, 9% de Goiás e 8% do Amazonas. Os números ganham mais importância na medida em que os dados de cadastramento são ainda precários. Em Rondônia, por exemplo, onde os paulistas possuem 3% das terras, apenas 12% do total do território são cadastrados (id. ib. p. 24).

A ideia de “pioneirismo” em tal contexto encobre as contradições do fenômeno. De acordo com a reportagem, muitos que se aventuraram em comprar e/ou grilar terras nem sequer moravam no Território. A terra se constituía em forma capitalista de especulação fundiária e para extrair madeira e minerais. O jornal Estadão de Rondônia trouxe em seu editorial do dia 1º de janeiro de 1981, apontamentos importantes para essa reflexão. O texto apresenta dois tipos de “pioneiros” o colono “comum” que vem cultivar a terra e os técnicos, especialistas que seriam mais “ativos” no processo administrativo do Território.

> O processo migratório verificado nos últimos anos para o Território Federal de Rondônia está provocando, por parte das autoridades, uma tomada de medidas a curto e médio prazos, visando estruturar adequadamente o Território para receber e dar condições necessárias a estes novos moradores [...] Somente no ano de 1980, entraram em Rondônia, aproximadamente 70 mil pessoas. Uns buscam a terra fértil disponível para o cultivo de várias plantações, **outros participam ativamente do processo administrativo do Território**, estruturando-o para em breve ser mais um Estado da Federação [...] o migrante que vem trabalhar no serviço administrativo e que na grande maioria não é computado pelo CETREMI, uma vez que aqui chegam por via aérea, tem hoje seu papel de destaque dentro da comunidade rondoniense (id. ib. p. 2, grifos nossos).

Há um momento, também, como de costume no período para a fala do governador - apontando concordância entre mídia impressa e governo - que descreve a sua visão sobre o "verdadeiro pioneiro" que seria diferente do "*piotários*".

> O governador Jorge Teixeira, numa tirada jocosa, disse que existem os **pioneiros** e os **piotários**. Os pioneiros são os que veem conscientes de que os esperam e lutam por um lugar de destaque e os piotários são os aventureiros que veem movidos pelo espírito desbravador e que, na maioria das vezes conseguem se afirmar. Outro aspecto abordado pelo governador é com relação à política. Disse ser muito fácil ser oposicionista numa terra onde tudo está por se fazer (id., grifos nossos).

O Editorial ainda aponta algumas considerações de migrantes, sempre reforçando também o mito do *eldorado* e de local inacabado.

> Um migrante do Centro Oeste afirma que não se pode exigir de Rondônia a mesma infraestrutura dos outros Estados. "Em nossa terra temos tudo organizado. Um Território sempre foi encarado como um vir a ser [...] Rondônia será um celeiro agrícola. Tem cabeças pensantes. Tem gente disposta a trabalhar e está recebendo apoio do Governo Federal. É preciso apenas que se acredite que se coloque fé e que trabalhe".
> "Quando chequei a Rondônia levei o maior susto", afirma um paranaense que trabalha na administração local, "de imediato senti vontade de voltar. Resolvi ficar por uns tempos, hoje me sinto da terra com 4 anos de Território. Esta terra é estranha, tem qualquer coisa de misteriosa que prende a gente. Hoje sou da região e não penso em voltar, isto é, só a passeio".
> Um gaúcho, que trabalha numa empresa privada disse: "cheguei com a cara e a coragem. Não tinha emprego, estava com pouca grana e não sabia por onde começar. Mas vim, vi e venci. Gosto muito daqui e estou torcendo para ver o novo Estado". (id.).

E, por fim, a conclusão do editor do jornal: "Com estes depoimentos, temos um panorama geral das potencialidades desta terra. 'Ela prende a gente', assim a define muitos. Prende por ser uma terra a ser explorada, um 'vir a ser'".

Essa perspectiva centrada na figura do "pioneiro" tão enraizado nos antigos colonos que viveram aquele *boom* migratório tende historicamente a dissolver a dialética que perpassa não só o projeto de criação do estado de Rondônia, como turva a visão sobre os que se debruçam sobre as problemáticas do período. O problema está justamente na dissolução dos conflitos sociais como bem aponta Otavio Ianni (1986, p. 133).

> A ideia de pioneiro é um pouco a ideia que alimenta os grileiros, latifundiários, fazendeiros, empresários, gerentes, técnicos, funcionários governamentais e, às vezes, o próprio trabalhador rural. Os comerciantes de transportes para migrantes, os negociantes de terras, os empreiteiros de força de trabalho, os gatos e os peões, todos buscam apegar-se e difundir a ideia de que todos – peões, vaqueiros, gatos, funcionários governamentais, gerentes, técnicos e outros – são pioneiros. Pensam que estão criando uma nova sociedade, que isso os iguala e harmoniza. Há um pouco o mito da sociedade sem classes em algumas áreas em que a colonização espontânea se instala com maior dinamismo, nas quais os negócios de todo tipo se multiplicam.

O próprio nome do estado está vinculado ao mito do pioneirismo desbravador. Incluído em 1956, em homenagem ao Marechal positivista Cândido Mariano Rondon, talvez ele seja a melhor personificação e inspiração da representação de "pioneiro" e "desbravador" de selva em nome do "progresso civilizatório".

3.7 Progresso e Modernidade na selva

Em setembro de 1982, o boletim do GTME[23], denunciava os problemas socais provocados pela "euforia do novo" e da "modernidade" em Rondônia sobre os povos indígenas.

> A questão indígena se resume numa só palavra: resistência. É luta contra o expansionismo neo-brasileiro, que rompe fronteiras indiscriminadamente. É a batalha constante contra a ocupação de suas terras [...] Observamos que Rondônia vive uma grande euforia de novo estado. Tudo é novo, é grande, e deve ser moderno! É um ufanismo que parece ser muito artificial e muito em breve o povo acordará do sonho e voltará à realidade (id. ib. p. 17; 25)

Se por seu lado, os indígenas eram expropriados pelo intenso processo de mercantilização de suas terras, como expunha a revista, por outro os colonos/migrantes que chegavam também viviam em sua maioria adaptações difíceis. Uma das preocupações nos municípios que surgiam ou se ampliavam era a de reproduzir padrões de consumo dos seus locais de origem, entre os quais os representados aqui principalmente pelo rádio - que já possuía uma tradição, mas

[23]Grupo de Trabalho Missionário Evangélico, periódico alternativo ligado a Igreja Metodista. Ironicamente, tanto a "modernização", quanto as "boas intenções" missionárias eram extremamente importantes na desintegração dos povos tradicionais e afetavam sobremaneira estas sociedades com verdades que não eram suas, mas trazidas pelos colonizadores missionários.

que agora se modernizava pelas FM's - e, principalmente pela TV, como bem ilustra reportagem do jornal "Tribuna Popular" de Cacoal em 16 de janeiro de 1985.

> Emissoras de televisão e rádio FM não entraram em operação em decorrência da não vinda dos técnicos especializados, a deputada federal Rita Furtado (PFL) uma das detentoras da concessão afirmou que "a não entrada em operação das emissoras do grupo Rondônia em Cacoal no tempo determinado (antes das festas natalinas) se deu única e exclusivamente pela falta de segurança e confiabilidade na energia elétrica distribuída para Cacoal [...] Rita Furtado confirmou, ainda que com o término dos trabalhos que estão sendo desenvolvidos pela Ceron, o grupo Rondovisão colocará no ar, as três redes de televisão (Manchete, Bandeirantes e SBT do grupo Sílvio Santos) e a emissora de rádio em frequência modulada (id.ib., p. 3).

A reportagem nos remete a busca de hegemonia por grupos políticos que adquiriam concessões públicas de empresas de mídias audiovisuais[24], como "a deputada federal Rita Furtado", que garantia aos telespectadores/eleitores que colocaria "no ar, as três redes de televisão (Manchete, Bandeirantes e SBT); e a emissora de rádio em frequência modulada", uma vez que a Rede Globo, graças ao apoio dos governos da Ditadura Militar, já possuía sinal em Rondônia.

Assim, o desejo de modernidade era algo recorrente, tantas vezes repetidamente pronunciada nas mídias impressas; tais signos de modernização sobre a selva nos leva a uma reflexão mais detida sobre a Modernidade.

Historicamente a modernidade representa um período influenciado pelo pensamento Iluminismo, em que o homem passa a se reconhecer como um ser autônomo, autossuficiente e universal, e a acreditar que, por meio da razão, pode atuar sobre a natureza e a sociedade. Esta descrição clássica nos possibilita duas constatações importantes: a categoria espaço e a condicionante tempo.

Num primeiro momento podemos dizer que uma das condições para refletirmos a Modernidade é a sua característica prerrogativa de libertação que originalmente seria universal e, num segundo momento, sua crença na razão como intermediaria da ação entre homem e natureza, destacando uma primeira distinção entre natureza física e social.

---

[24] Esta ligação entre concessão de rádios e TV's com políticos em Rondônia é, ainda na atualidade perceptível em programas populares em que muitos apresentadores são ou foram políticos que exerceram ou exercem cargos públicos.

David Harvey (2009) descreve a Modernidade, enquanto projeto, como filha do pensamento do Iluminismo, embora nos lembre de que o termo seja bem mais antigo e ao criticar essa visão otimista sobre o progresso e seus significados, Harvey nos lembra de seus efeitos no século XX.

> O século XX - com seus campos de concentração e esquadrões da morte, seu militarismo e duas guerras mundiais, sua ameaça de aniquilação nuclear e sua experiência de Hiroshima e Nagasaki - certamente deitou por terra esse otimismo. Pior ainda, há a suspeita de que o projeto Iluminista estava fadado a voltar-se contra si mesmo e transformar a busca da emancipação humana num sistema de opressão universal em nome da libertação humana (id.ib. p.23).

Por seu turno, Marshal Berman (2007) enxerga as contradições do processo pelas suas efemeridades. Para ele, na modernidade não há teleologias ou ortodoxias fixas, não por acaso usa palavras como aventura, perigo e turbilhão como metáforas. Para Berman, a Modernidade é uma experiência humana ligada ao tempo e ao espaço, compartilhada de forma global no mundo atual. Nesse sentido ele desenvolve seu raciocínio:

> Existe um tipo de experiência vital - experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida - que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje. Designarei esse conjunto de experiência com “modernidade”. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor - mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo que é sólido desmancha no ar” (Ib. id.. p.24).

Na criação e implantação do estado de Rondônia, aventura, crescimento, experiência ambiental, anulação de fronteiras geográficas, unidade desunida, permanente desintegração e, principalmente contradição, são experiências com a modernidade que não faltaram aos que ousaram migrar entre os anos 1970 e 1980.

Os “pioneiros” em busca do “Eldorado”, da “Terra da Providência” no contexto da “transformação das coisas ao redor”, da floresta, entraram neste turbilhão sobre o

qual fala Berman, os ligava ao capitalismo de mercado, uma vertigem que unia desunindo. Do empresário que se arriscava em novos investimentos longínquos, ao pequeno agricultor que vinha em busca de terras, ao criminoso em busca de refúgio no local distante.

Em contrapartida o mesmo turbilhão que transformava os que chegavam também desintegrava os que estavam, principalmente, os povos de origem indígena. Posto isso, é contextualizador vermos em Berman a crítica à modernidade, a qual é importante e contemporânea do paradigma ambiental, fortemente presente em qualquer estudo amazônico a nos lembrar de que a Modernidade não só pode proporcionar prazeres como sofrimentos, ao mesmo tempo em que nos uni - mesmo que "uma unidade desunidade" - pelo seu domínio da natureza.

É significativo outro aspecto da modernidade em Rondônia, a efemeridade de obras modernas que, após impactos socioambientais enormes no passado, estão hoje a nos assustar enquanto "fantasmagorias"[25] das quais se empenhou tempo e capitais (financeiros e humanos) em prol dos discursos civilizatórios e dos lucros. Muito bem simbolizado pelo "cemitério das ferrovias" em Porto velho (figura 7) os trens sucateados estão "mortos" após o turbilhão que foi a chegada da Revolução Industrial à selva e nos lembram da nossa tradição com a "experiência" de modernidade.

Figura 7 - "Cemitério das ferrovias", Porto Velho (fonte: próprio autor, 2012).

[25]A este respeito ver Francisco Foot Hardman (1988), que analisa a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré enquanto fruto da modernidade para quem a construção da EFMM nasceu com "aspectos da moderna apreensão do sublime (trânsito entre natureza e cultura, geografia e história, caos selvagem e ordem nacional, fascínio do espanto, atrativos secretos da escuridão e do medo)" (id.ib. p.119).

4 A QUESTÃO INDÍGENA NO JORNAL ESTADÃO DE RONDÔNIA (1981-1985): IMAGENS, FALAS E SILÊNCIOS

Esta seção se ampara em uma análise serial feita no jornal "O Estadão de Rondônia" de Porto Velho[26], na qual buscamos apontar padrões de manipulação da grande mídia impressa[27] referente à representação do "índio". Levantamos 258 reportagens que perfazem um período de janeiro de 1981 a dezembro de 1985.

O jornal Estadão de Rondônia foi escolhido por fazer parte do processo histórico de modernização, fruto do desenvolvimento do jornalismo que já possuía certa tradição no estado[28], mas que ampliou sua abrangência, principalmente a partir da construção e pavimentação da BR-364.

O jornal Estadão de Rondônia foi inaugurado em 22 de novembro de 1980, como o mais moderno jornal do estado, em sua inauguração se fizeram presente as maiores autoridades de Porto Velho, incluindo o governador Jorge Teixeira - que cortou a fita inaugural na solenidade - e o prefeito, Francisco Paiva, acompanhados de empresários locais. Personagens que representavam a estrutura de poder da época e que mereceram toda uma página de fotos naquela edição como forma de mostrar o prestígio do jornal que surgia (figura 8).

O jornal pertence desde sua origem ao empresário Mário Calixto Filho[29] e estava inserido nos interesses de pretensões hegemônicos com intenções de cristalizar consensos sobre o que deveria ser Rondônia. Seu dono já possuía, desde 1978, a rádio Eldorado AM. Em pouco tempo o jornal já circulava em todas as cidades do interior com muitos correspondentes, principalmente nas cidades "cortadas" pela BR-364, o que o levou a alcançar grande índice de influência junto à opinião pública (ALBUQUERQUE, 2009).

---

[26] Na primeira edição se chamava "Estadão do Norte".

[27] Pela análise dos editoriais do Estadão percebemos que as manipulações e/ou poder decisório sobre linhas temáticas e formas de abordagens está mais restrito às mãos dos proprietários do veículo do que dos jornalistas, que se enquadra com maior ou menor intensidade no "perfil" da empresa. Neste sentido, a maioria das reportagens não possui sequer autoria.

[28] Durante a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré já circulava, há mais de cem anos, o jornal *The Porto Velho Times*, escrito em inglês por norte-americanos que chefiavam as obras. Outro veículo importante é o jornal "Alto Madeira", fundado em 1917 e ainda em circulação é considerado um dos mais antigos do Brasil. O rádio já possuía há décadas tradição no local. No campo audiovisual desde 1974, havia em Porto Velho, de forma precária o canal 11, TV Cultura de Porto Velho (hoje rede Amazônia, afiliada da TV Globo).

[29] O empresário e ex-senador da república, atualmente se encontra foragido da justiça brasileira e responde por mais de 100 processos de acordo com o STJ, mas ainda continua como dono do jornal que ainda possui uma das maiores tiragens de circulação diária no Estado de Rondônia.

O ESTADÃO DE RONDÔNIA — Porto Velho, 27 de novembro de 1980

NASCE O ESTADÃO

Flagrante da inauguração do mais moderno jornal de Rondônia

NO ÚLTIMO DIA 22 DESTE MÊS DE NOVEMBRO, O EMPRESÁRIO MÁRIO CALIXTO, RECEBEU NA SEDE DO JORNAL "O ESTADÃO DE RONDÔNIA", AS MAIS ALTAS AUTORIDADES DE PORTO VELHO E DE RONDÔNIA, ALÉM DE INÚMEROS CONVIDADOS, QUANDO SE REALIZARAM AS CERIMÔNIAS DE INAUGURAÇÃO DESTE NOVO ÓRGÃO DE IMPRENSA QUE O FUTURO ESTADO DE RONDÔNIA RECEBEU COM JÚBILO E SATISFAÇÃO, SENTIMENTOS QUE AFIRMAMOS, HAJA VISTO TEREM-NOS SIDO TRANSMITIDOS PELOS PRÓPRIOS PRESENTES.

NA SEQUÊNCIA FOTOGRÁFICA ABAIXO, VÁRIOS FLAGRANTES DA CERIMÔNIA DE INAUGURAÇÃO DO DIA 22 DE NOBEMBRO DATA QUE FICARÁ NA HISTÓRIA DO FUTURO ESTADO, POR MARCAR A APRESENTAÇÃO DE UMA NOVA PROPOSTA À IMPRENSA DA REGIÃO, ESCULPIDA NO PRIMEIRO JORNAL EM OFF-SET DE RONDÔNIA... "O ESTADÃO".

Governador Jorge Teixeira cumprimentando o empresário pelo empreendimento, ladeado por Humberto Calderaro, proprietário do Jornal A Crítica de Manaus.

Jorge Teixeira e Humberto Calderaro no corte da fita.

Emanuel Pontes Pinto, proprietário do co-irmão O Guaporé, cumprimenta Mário Calixto.

O Chefe do Executivo de Rondônia pisa os primeiros degraus da escada que dá acesso ao parque redacional e de composição do Estadão.

Junto ao prefeito Francisco Paiva, Teixeira examina o Estadão na saída da rotativa.

Figura 8 - Reportagem sobre a inauguração do Jornal Estadão de Rondônia (fonte: Estadão de Rondônia**,** 27/11/1980, p.6).

Mesmo sendo um produto comercial com relativo custo de assinatura e restrito a certa elite econômica e letrada, a recepção de tal mídia impressa é sentida também pela reverberação que ocorria e ainda ocorre em programas radiofônicos, muito comuns ainda nos dias atuais, fazendo com que o alcance de suas representações circule entre diferentes hierarquias sociais por mais humilde e distante que estejam da produção e do letramento[30].

Não por acaso, como constatamos nesta pesquisa, muitos dos donos de jornais também possuíam concessões de rádios, pertencentes ou patrocinados por grupos econômicos, ligados de alguma forma a setores governamentais que assim como os jornais também trabalham na autoafirmação ideológica destas elites.

4.1 A imagem que acompanha o texto: as tentativas de homogeneização estereotipada do jornal Estadão de Rondônia sobre os povos indígenas

A inserção de imagens fotográficas é um fator preponderante para pensarmos a maneira de um veículo impresso dar visibilidade a uma questão. Sua repetição

[30] O rádio que faz parte do avanço das fronteiras ocidentais capitalistas sobre o mundo, principalmente a partir do Pós-guerra da década de 1950 como nos lembra Eric Hobsbawm "O mundo industrial [...] se expandia por toda parte: nas regiões capitalistas e socialistas e no "Terceiro Mundo" [...] O que antes era um luxo tornou-se o padrão do conforto desejado [...] o rádio podia agora, graças ao transistor e à miniaturizada da bateria de longa duração, chegar às mais remotas aldeias". (1997, p.256-260).

e/ou manipulação é bem detectada pela análise serial que, neste caso específico, detectou a despreocupação com a alteridade indígena no jornal Estadão, evidenciada ou por mera preguiça editorial, ou pela despreocupação em diferenciar o que não é igual.

Mesmo aquele veículo, identificando no corpo textual todas as etnias as quais se referia[31], há no campo imagético uma foto de um jovem índio com nariz e lábios transpassados por adorno de madeira, recorrente em muitas reportagens que tratam sobre a questão indígena. Mesmo com as datas variando entre 15 de maio de 1984 a 10 de março de 1985, e as temáticas diferindo entre si e tratando de assuntos completamente diferentes, a mesma imagem se repete para todos os eventos.

A título de exemplificação elencamos três desses momentos que nominamos pelo tema principal abordado: 1) a invasão ao Igarapé Lourdes, terra dos índios arara e gavião; 2) O Departamento Nacional da Produção Mineral apontando que todas as áreas indígenas da região amazônica teriam potencial para mineração; 3) Integração indígena ao mercado capitalista (respectivamente figuras 9, 10 e 11). Em todas há mesma imagem a representar etnias diferentes com questões idem.

O Estadão de Rondônia

INVASÃO

O delegado da Funai para Rondônia, Acre, Sudoeste amazônico e noroeste de Mato Grosso, Apoena Meireles, informou ontem, que viajará na próxima semana, juntamente com o coordenador Especial do Incra, Ernani Coutinho, para o município de Jiparaná. Naquela cidade, a 367 quilômetros de Porto Velho, tentarão solucionar o problema da ocupação do território dos "Arara" e "Gavião", no posto indígena do Igarapé Lourdes, onde já se encontram cerca de 500 pessoas vindas de Estados sulistas e nordestinos. Elas desejam que estes imigrantes sejam remanejados dali imediatamente.

A invasão dessa área indígena começou há três anos, aumentando progressivamente, explicou Apoena assinalando que ela exige, agora, uma ação mais enérgica da Funai e do Incra.

Segundo, ainda, o delegado, o órgão pretende iniciar a demarcação da área interditada dos "Uru-Eu Au-Au", entre os municípios de Ariquemes, Ouro Preto do Oeste e Guajará Mirim. "Nosso objetivo maior é o de evitar a pressão dos brancos, que já avançam a partir da BR-364 em direção às parte norte e leste da futura reserva", esclareceu.

Ao elogiar o Programa de Desenvolvimento do Noroeste Brasileiro (Polonoroeste), financiado pelo Banco Mundial, "que veio amparar o índio em Rondônia em suas mais prementes necessidades", Apoena destacou o futuro convênio que a presidência da Funai assinará com o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal - IBDF.

— Acontece que o Parque Nacional dos Pacaas-Nova fica encravado sobre o território Uru-Eu-Au-Au. Como o índio é quem mais preserva a ecologia, certamente a tribo irá contribuir para conter a invasão de seringueiros e posseiros. O IBDF construirá vários postos nas extremidades do Parque, coincidindo com os limites da Reserva:

Interditada por Portaria desde 1979 — data dos primeiros contatos com a tribo —, a terra dos Au-Au poderá ser demarcada em cerca de 1 milhão 100 mil hectares. O titular da 8a. Delegacia, sediada em Porto Velho, não sabe se as demarcações serão executadas por firmas particulares ou pelo Serviço Geográfico do Exército.

Apoena Meireles acrescentou que, da parte do IBDF, já existe o início de uma infra-estrutura dos futuros postos na cabeceira do rio Urupá. "O restante virá com a liberação de recursos", disse.

Figura 9 – Reportagem com foto de índio I (Fonte: **Estadão de Rondônia**, 15 e 16/05/1984, p. 8).

[31] Ver quadro I no apêndice.

5 • O ESTADÃO P. Velho, sábado, 12 de janeiro de 1985

Os minérios nas áreas indígenas

Na Região Amazônica ouro, cassiterita e manganês, entre outros

BRASILIA — O diretor de Fomento do Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM), Manoel Redenção, disse que todas as reservas indígenas da região amazonica, especialmente as do Estados do Mato Grosso, Pará, Amazonas e em Roraima, tem um bom potencial, já tendo sido inclusive comprovada a existencia de reservas de minerio em quantidades comerciais em alguns deles.

Ele citou o parque nacional do Xingu, em Mato Grosso, onde esta comprovada a presença de ouro e cassiterita, a reserva dos Surucucus, em Roraima, onde há cassiterita e areas indígenas no norte (cassiterita) e nordeste (ouro) do Amazonas.

Segundo Redenção, existe um nivel razoável de conhecimento da geologia das terras indígenas porque foram realizados mapeamentos por satelites em escala 1/250 mil, além de trabalhos basicos pelo projeto Radan e a Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais. Este material já permitiria que as empresas de mineração interessadas fizessem o processamento e analise dos dados e partissem para a pesquisa de detalhe, realizada em campo.

Além de ouro e cassiterita, existem indicios de outros minerais em terras indígenas, como o manganes, cobre, chumbo, zinco, niquel e bauxita, e a portaria vai criar condições para que empresas nacionais as explorem, mediante um acordo previo com a Funai.

Até então, o que vinha ocorrendo era a garimpagem em áreas indígenas permitida pelos proprios indios, como ocorre na reserva de Gorotire, próximo à Carajás, no Pará. A garimpagem em terras indígenas não pode ser feita por brancos, Redenção, somente os indios poderiam garimpar em suas terras.

Temor maior: exterminio de uma raça

Nas terras indígenas, muitos minérios

Figura 10 – Reportagem com foto de índio III (Fonte: **Estadão de Rondônia**, 12/01/1985, p. 5).

Agricultura Indígena

Um sistema de produção voltado para o lucro

Em consequência do avanço das frentes de colonização neo-brasileiras, principalmente nas últimas duas décadas as comunidades indígenas de Rondônia passam a deixar de lado a economia de subsistência e se integram quase que definitivamente ao capitalismo ocidental. Segundo o mapa da produção agricola da 8ª delegacia regional da Funai, no exercicio de 1984 nos 13 parques indígenas do Estado foram produzidos 26.260 quilos de arroz, sendo comercializados 12.660 quilos.

Nos diversos parques se produziu também milho, borracha, farinha feijão café cacau castanha caucho. Segundo o delegado da Funai, Apoena Meirelles a integração do indio à economia capitalista se dá principalmente devido a proximidade de algumas tribos às cidades do interior do Estado.

PRODUÇAO

O Parque Indígena de Karitiana, o mais próximo de Porto Velho, possui culturas de arroz, milho e farinha. No último ano, foram comercializadas 32 sacas de 60 quilos de arroz para uma produção de 206 sacas. Em relação ao milho a tribo produziu 20 sacas de 60 quilos comercializando 14 sacas. Já a farinha os Karitiana produziram 5.400 quilos comercializando 2.760 quilos.

No Igarapé Lourdes ainda sob as tensões sociais, devido a luta entre os colonos e os índios Gavião e Arara foi implantada a cultura de borracha, com uma producão de 5

cialização do arroz atingiu a 32 sacas de 60 quilos, vendidos por Cr$ 416.000. A borracha teve uma produção de 3.494 quilos totalmente comercializados e o caucho de 69 quilos, também comercializados. O total do excedente de produção foi igual a Cr$ 10.576.400.

Os Cinta Larga da Serra Morena se dedicam a cultura de castanha produzindo em 84 nove hectares, comercializados a Cr$ 78.400. Em Capitão Cardoso eles produziram 150 quilos d borracha comerrializados a Cr$ 525.000.

A tribo Pacaás Novos do Parque Indígena de Ribeirão produziu somente em 1984 2.000 quilos de borracha, atingindo a cifra de Cr$ ..... 2.400.000 e 73 hectares de castanha comercializadas a Cr$ 584.000. No Parque de Lage as culturas de castanha e borracha atingiram a uma produção de 2.150 quilo sde borracha e 112 hectarse de castanha, comercializados a Cr$ 3.704.500.

No Posto Indígena Paccás Novos a produção de borracha atingiu a quatro toneladas, comercializadas a Cr$ 5.200.000. A cultura de castanha foi feita em 29 hectares comercializados a Cr$ 362.000. O Parque atingiu a um valor comercializado igual a Cr$ 5.562.000.

No Rio Negro Ocaia os Pacaás Novos comercializando ainda, borracha e castanha. Em relação a borracha foram produzidos e comercializados 2.599 quilos, atingindo a cifra de Cr$ 2.962.660 e a castanha ficou em Cr$ 1.351.500 para 106 hectares produzidos.

Os Facaás Novas Vale do Guaporé

Figura 11 – Reportagem com foto de índio IV (Fonte: **Estadão de Rondônia**, 18/03/1985, p. 5).

4.2 A inserção do “índio” no jornal

O jornal Estadão não silenciou ou deixou de informar sobre a questão indígena em suas reportagens e editoriais no início dos anos 1980. Não por acaso, no apêndice desta pesquisa temos dois quadros que bem demonstram este fato. Apresentou, inclusive, ao longo do período estudado, algumas reportagens especiais em seu caderno B[32], bem como reportagens sobre povos indígenas de outros estados. Esta óbvia constatação impeliria a se definir sua postura jornalística como democrática e com plena liberdade de expressão para o jornalista, jargões tão repetidos na atualidade.

Todavia, não se trata do conteúdo, mas - como já demonstramos anteriormente - da forma da abordagem. São as maneiras de apresentação da questão que nos levou a desnaturalização de suas reais intenções enquanto características de uma empresa jornalística.

Segundo Abramo (2003) há vários padrões de manipulação da notícia na busca de consensos hegemônicos que perpassam - entre outros - a manutenção de estruturas de poder. Em especial ao longo da pesquisa se destacam três que, a nosso ver, são preponderantes: os de ocultação, fragmentação e inversão.

> O padrão de ocultação é o padrão que se refere à ausência e à presença dos fatos reais na produção da imprensa. Não se trata, evidentemente, de fruto do desconhecimento, e nem mesmo de mera omissão diante do real. É, ao contrário, um deliberado silêncio militante sobre determinados fatos da realidade. [...] A ocultação do real está intimamente ligada àquilo que frequentemente se chama de fato jornalístico. (id.ib., p. 26-27).

Se, grosso modo, for levado em conta que os cinco anos escolhidos de análise possuem aproximadamente 1800 dias e que se conseguiu detectar 258 reportagens referentes à questão indígena, sem se levar em conta que algumas se repetem pela chamada de capa e a notícia no interior do jornal, e que aos domingos saem dias duplicados na edição, teremos neste comparativo do universo maior pesquisado uma percentagem em torno de 14,3% para a inserção indígena.

Isso não deixa de ser significativo, porém, quando analisamos de forma reflexiva as notícias logo detectamos uma carência de aprofundamento do processo

[32] Entre as reportagens especiais destacamos a de 10 de janeiro de 1982, denúncia muito bem elaborada pelo jornalista Milton Severiano da Silva sobre massacres e problemas enfrentados pelos Nambiquara e outras do jornalista Montezuma Santos.

exploratório pelo qual passou os povos indígenas do período, com massacres não reverberados - por isso mesmo desacreditado pela opinião pública - e processos de invasão e expulsão de colonos sem uma preocupação histórica mais investigativa. Questões que no mínimo nos remetem a uma reflexão sobre o que era considerado fato jornalístico e não jornalístico no período.

A fragmentação neste sentido é a forma explícita ou implícita que se faz presente no corpo textual ou nas imagens apresentadas, onde geralmente o tema indígena não figura em manchete de capa e/ou reportagem principal a não ser pela tragédia ou pelo exótico.

> Eliminados os fatos definidos como não-jornalísticos, o "resto" da realidade é apresentado pela imprensa ao leitor não como uma realidade, com suas estruturas e interconexões, sua dinâmica e seus movimentos e processos próprios, suas causas, suas condições e suas consequências. O todo real é estilhaçado, despedaçado, fragmentado [...] ou reconectados e revinculados de forma arbitrária e que não corresponde aos vínculos reais, mas a outros ficcionais e artificialmente inventados [...] (id.ib.).

Ao se analisar em sua totalidade numérica (258 reportagens), a inserção do "índio" no jornal Estadão de Rondônia (figura 12), veremos que a maioria das representações engloba algum tipo de violência, seja ela física ou simbólica, ligada principalmente a disputas por terras, seguida pela ambígua intervenção estatal e não muito distante da violência física. Juntas estas representações somam 76,4% das reportagens analisadas.

Outro tema bastante recorrente era o contato feito pelas frentes de atração da FUNAI (7,4% das reportagens). Naqueles anos em que se abriam estradas federais e estaduais pela floresta, possibilitando uma maior penetração às áreas indígenas, um dos povos mais citados foram os Uru-eu-wau-wau que sofriam a invasão de colonos e a intervenção estatal.

Em 8 de dezembro de 1981, sob o título "Os Uru-eu-Wau-wau se aproximam da civilização", o *Estadão* descreve o contato entre FUNAI e Uru-eu-wau-wau nos seguintes termos:

> No último sábado, os índios Uru-eu-wau-wau voltaram a visitar o posto de atração da FUNAI, denominado Alto Lídia. Segundo o Delegado da FUNAI, Apoena Meireles, "agora só esperamos o convite, para que possamos ir até a aldeia, o que não deverá demorar, pois as visitas estão sendo constantes" (id.ib., p. 5).

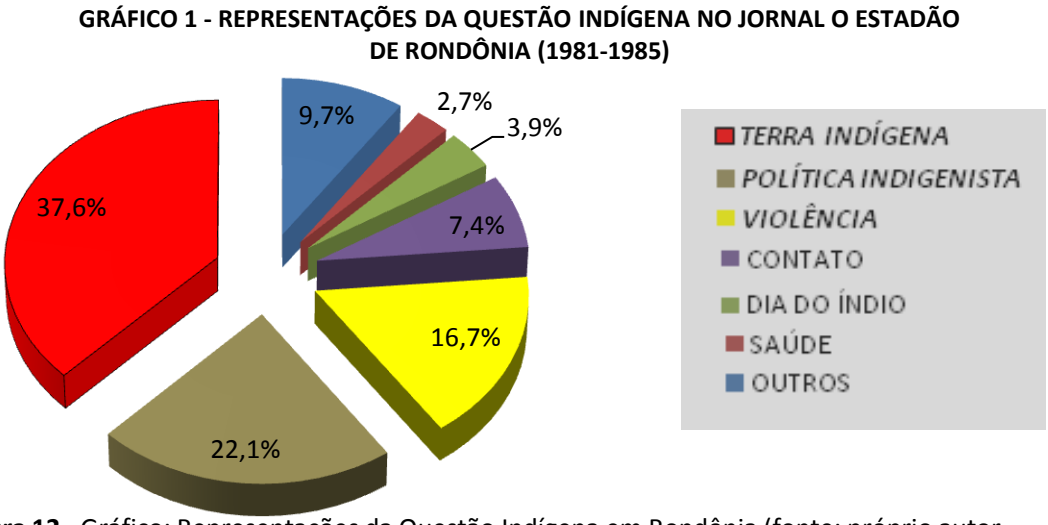


Figura 12– Gráfico: Representações da Questão Indígena em Rondônia (fonte: próprio autor, 2014).

Há no exemplo o padrão de inversão que nesse e em outras reportagens inverte o fato pela versão oficial. Nesse caso ocorre, principalmente, pela versão da FUNAI. Por não se ouvir as falas indígenas, o padrão de inversão torna-se autoritário.

4.3 Ufanismo e patriotismo: as comemorações do dia do índio pelo jornal

Outras características das reportagens nos remetem a tradição de comemorações cívicas em Rondônia e no Brasil. Em sua maioria decidida pela "via prussiana" em que a autoridade do Estado no intuito de criar identidade nacional nos impõe o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido em nossa história - forma já consagrada e engessada pela mecânica da repetição geralmente não reflexiva e muitas vezes descontextualizada - em calendários escolares.

As comemorações cívicas foram reverberações pela qual a imprensa se utilizou e se utiliza quando trata da figura indígena de forma geralmente genérica, distante e muitas vezes romantizada. Quase 4% das reportagens analisadas se utilizaram do "índio" por esta forma ufanista, ligada às comemorações alusivas ao seu "dia" e/ou a sua "semana".

Usados como pretexto de fundo nacionalista e lembrado - geralmente pela esfera pública, representada por escolas ou pela FUNAI - como os "primeiros brasileiros" enquanto passavam por experiências concretas e traumáticas de expropriação, os índios eram desrespeitados nos mais fundamentais direitos

humanos, com representações que buscavam muitas vezes estereotipá-los e homogeneizá-los, tais reportagens se encontravam fora do contexto da realidade estadual do período.

Havia muitos concursos de redação nas escolas, como nos mostra reportagem de 01 de abril de 1982, sob o título “FUNAI movimenta estudantes com concurso sobre a semana do índio”. Tais concursos eram geralmente ligados ao ato cívico de hasteamento da bandeira nacional, muito presente até os dias atuais como resquícios daquele período de exceção em muitas escolas públicas de Rondônia.

Em reportagem de 20 de abril de 1982, o jornal destaca em sua capa imagem que reforça a representação ufanista “perfeita”, índios Suruí e Karipuna hasteando a bandeira nacional (figura 12), junto a alunos de escola pública numa espécie de conciliação imagética e simbólica entre índios e civilização longe das disputas trágicas que ocorriam no interior da floresta.

Esse simples ato de hasteamento da bandeira por “representantes” indígenas era algo relativamente importante naqueles períodos de criação e implantação do estado no qual a grande migração precisava de consensos que identificassem os migrantes com Rondônia. Não era fácil criar a “Terra da Providência” em meio à repercussão de violências factuais. A comunhão entre índios e brancos se fazia necessária - ainda que simbólica - em certos momentos pelas páginas da imprensa.

O dilema daquelas representações seguidas por atos cívicos simbólicos era justamente a tentativa arbitrária de unir mundos diferentes com signos representativos de uma nação que avançava de forma violenta sobre aqueles povos representados por duas etnias locais e que se apresentavam no processo colonizador paradoxalmente como os “atrasados” que dificultavam o “progresso” ao mesmo tempo em que reverenciavam um símbolo (a bandeira) que era arbitrariamente inserido dentro de seus campos simbólicos tradicionais.

Não escapam a um primeiro olhar o fato de que, à medida que a colonização se ampliava - e isso significava um real avanço cronológico de 1981 a 1985, a questão indígena ia se tornando um assunto espinhoso para o jornal, preocupado que estava em reverberar as imagens do *Eldorado* e da Terra da Providência.

Ao mesmo tempo o jornal se deleitava sem maior criticidade sobre as ideias de progresso para a região com interesses hegemônicos múltiplos, inclusive ligados ao sucesso de empreendimentos aplicados na instalação e ampliação do próprio jornal Estadão que foi o primeiro do Estado a trabalhar com máquina *off set*.

Figura 12 – Foto: Momento cívico com índios Suruí e Karipuna (Fonte: O Estadão de Rondônia, 01/04/1982, capa).

O desmazelo com questões da vida cotidiana indígena se evidencia em tais reportagens pela despreocupação com a temática ligada à questão da saúde daqueles povos. Constatamos no universo amostral pesquisado que havia pouca divulgação e/ou ocultação. Não por acaso soma menos 2,7% das reportagens estudadas, pois apontava - entre outros - um dos fracassos da intervenção estatal junto à situação de contato com o mundo civilizado. De maneira geral o que se destaca de forma mais preeminente nas reportagens é a percepção do aspecto trágico como elemento central.

4.4 Do “natural” ao “atrasado”: duas imagens recorrentes sobre os índios no jornal Estadão de Rondônia

A maioria das abordagens do jornal não produz o “índio”, mas reproduz imagens - com raras exceções - que por múltiplas que pareçam ser, geralmente se cristalizam numa dicotomia de longa duração que renasce na epopeia pela qual passou o Território Federal de Rondônia para se transformar em estado.

Em consonância com o sociólogo, experiente em etnologia indígena Rinaldo S. V. Arruda (2001), encontramos duas representações recorrentes no jornal *Estadão*: 1) O índio como metáfora de liberdade natural; 2) O índio como imagem de "atraso" a ser superada. Que de forma diversa e por vezes se subdivide nas clássicas imagens de selvagens, primitivos e/ou primeiros habitantes. Muitas delas presentes nas representações da época aqui analisada em Rondônia.

O índio como o selvagem que ataca seringais.

> Um grupo de índios, ainda não identificados, vem invadindo e saqueando casas de seringueiros na região de Porto Acres, a 90 km desta capital. A informação foi dada pelo delegado local da Contag (Confederação dos Trabalhadores na Agricultura), José Tavares e confirmada por outros seringueiros.
> Há poucos dias, os índios invadiram a casa do seringueiro Raimundo Arcanjo e levaram tudo o que havia (O Estadão de Rondônia, 16/09/1981, p. 01).

O primitivo isolado que necessita do contato para receber a "proteção" do Estado.

> No último sábado, os índios Uru Eu Wau Wau voltaram a visitar o posto de atração da Funai, denominado Alta Lídia. Segundo o Delegado da Funai, Apoena Meireles, "agora só esperamos o convite, para que possamos ir até à aldeia, o que não deverá demorar, pois as visitas estão constantes"[...](O Estadão de Rondônia, 08/12/1981, p.03).

E a forma ufanista de primeiros habitantes antes da civilização, geralmente ligada a atos cívicos numa construção arbitrária de patriotismo com pretensões estratégicas.

> Será comemorado amanhã, dia 19 em todo o país o "Dia Nacional do Índio", data consagrada àqueles que são considerados os primeiros habitantes da Terra, antes da civilização. Aqui em Porto Velho, no período de 19 a 23 do corrente mês, a 8ª Delegacia Regional da FUNAI estará desenvolvendo vasta programação sobre o evento, objetivando principalmente a divulgação da cultura dos índios de Rondônia. (O Estadão de Rondônia, 18/04/1982, p.03).

Nas entrelinhas dessas reportagens, encontramos sem muito esforço o aspecto que não aparece de forma clara ou oficial da ideia de "atraso" diante de novos tempos e da construção de novos espaços que já não lhes pertencem, a não ser que se adaptem.

Fato concreto é que as etnias indígenas geralmente passam a existir para o jornal a partir de algum tipo de conflito advindo do contato com alguma frente de expansão, sendo esse aspecto trágico de exploração o que os lança de forma inicial a Modernidade.

Essa visão sobre a modernidade é mais bem entendida se levarmos em conta uma das suas principais características, a expropriação que se liga de forma direta com a disputa por terras indígenas e seus diferentes usufrutos.

Em sua crítica da modernidade Hanna Arendt (1995, p. 267) localiza nas origens do capitalismo a exploração do outro como algo retroalimentar que - a nosso ver - continua na contemporaneidade.

> O que torna estes acontecimentos do início da era moderna diferentes de ocorrências paralelas do passado é que a expropriação e o acúmulo de riqueza não resultaram simplesmente em novas propriedades nem levaram a uma nova redistribuição da riqueza, mas realimentaram o processo para gerar mais expropriações, maior produtividade e mais apropriações.

Dentro das posturas ideológicas de pretensões hegemônicas apresentadas no jornal Estadão de Rondônia, podemos perceber uma tentativa discursiva e imagética de colocar os índios fora do nosso futuro. Visão cristalizada sobre o polissêmico conceito de cultura e criticada por Rinaldo S. V. Arruda[33] (2001), que discorda dos que veem os índios como “excrescências arcaicas” teimosas de nossa “pré-brasilidade”. Para este autor a própria Antropologia Clássica teria ajudado em tal representação, apoiando-se na noção de aculturação que tendia a ver as sociedades indígenas na perspectiva do “presente etnográfico”.

> Sociedades de reprodução infinita, sem história, formas resistentes à mudança, marcadas por um equilíbrio permanente; sociedades igualitárias por oposição à nossa sociedade histórica, cheia de dinamismo e mudanças sociais alimentadas pela desigualdade (id.ib., p.43-44).

Tal visão cultural cristalizada e imutável de sociedade em relação aos povos indígenas se torna - a nosso ver - a-histórica e, de certa forma, e por vezes camufladas de “boas intenções” se reproduzem pelas páginas do jornal. É claro que

[33] Em suas críticas a visão de “presente etnográfico” o autor se baseou entre outros no povo arara e gavião do Igarapé Lourdes de Ji-Paraná, que analisamos no capítulo quatro desta pesquisa.

essas visões não ocorrem em todas as reportagens, porém, imagens jornalísticas que respeitem à alteridade indígena são realmente exceções nas produções aqui estudadas.

Ambas as visões sobre os índios - a de “liberdade natural” ou a de “atraso” - estão presentes pelos padrões de manipulação nas três principais temáticas presentes nas reportagens analisadas, terra indígena, política indigenista e violência.

4.5 Terra Indígena e violência: a expropriação do outro como tema jornalístico

Ao analisarmos o gráfico sobre as reportagens referentes ao subtema terra indígena (figura 14) e se tomarmos as porcentagens da temática em ordem crescente, veremos que as três questões principais se assemelham a uma criação cronológica que nos remete a uma história do tipo narrativo tradicional: invasão, demarcação, expulsão de colonos, seguidas por disputas de terras, disputas jurídicas, mineração e garimpo como se causas e consequências estivessem posta de forma naturalmente estabelecidas.

GRÁFICO 2 - SUBTEMA: TERRA INDÍGENA (1981-1985)

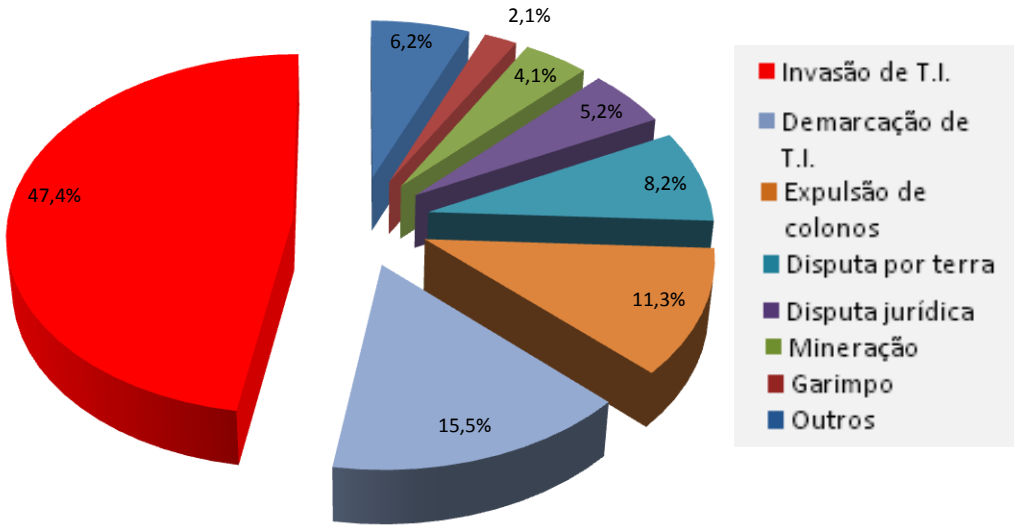


Figura 14 – Gráfico Subtema Terra Indígena (fonte: próprio autor, 2014).

Tomado de forma geral, este gráfico, se confrontado com as ideias meramente otimistas de modernidade sobre Rondônia, evidencia a brutal tentativa - na maioria das vezes bem sucedida - de expropriação de Terras Indígenas.

Somadas as Invasões, demarcações e disputas empíricas e jurídicas, chegamos a 82,4% das reportagens. Para além da migração, pecuária e da agroindústria, não podemos nos esquecer de que faziam parte do contexto a indústria madeireira e a mineração, representando 6,2% das inserções jornalísticas sobre o tema.

Os dados e a análise nos levam à conclusão de que não havia uma preocupação com a questão indígena, apesar disso não estar evidenciado nas reportagens, mas com a expropriação de suas terras que por questões políticas ligadas a opinião pública (local e nacional), que nos anos 1980 se ligava ao ecologismo reverberado dos grandes centros, tornava o posicionamento do jornal ambíguo. A questão era tratada mais de forma velada e fragmentada como que em resposta a algum tipo de pressão - principalmente de fora de Rondônia - do que na busca de entendimento mais sistemático sobre o que estava acontecendo de fato[34].

Há um dado extremamente curioso nas representações de violência na questão indígena (figura 15); mesmo com 9,3% das reportagens falando de extermínio indígena aquelas reportagens sempre falavam de um local do passado como se naquele momento e com aquele brutal movimento migratório tais problemas socais não estivessem ocorrendo em Rondônia, ou, quando noticiados, eram pelos padrões de manipulação fragmentados, invertidos e/ou ocultados do público leitor.

Em 32,7% das reportagens sobre violência o ato estava ligado a sequestros, assassinatos e ataques cometido pelos índios[35]. O que dava margem e justificaria a intervenção estatal sobre estes povos e/ou em um cenário mais trágico, um contra-ataque dos colonos.

---

[34] Não podemos esquecer que foi nos anos 1980 que muitos discursos ecologistas foram reverberados na mídia local e nacional com destaque para o seringueiro ativista Chico Mendes.

[35] Para não cairmos na objetividade excessiva dos números é bom deixar claro que o quadro “Denúncia de violência sexual contra a FUNAI”, apesar de representar 20,9%, deveu-se a um episódio isolado que repercutiu por vários meses, entre 7 de janeiro de 1983 e 2 de julho de1983. Trata-se de denúncias de abuso sexual da índia karitiana Neide Moraes contra a FUNAI que teve apoio do CIMI. Por ser um episódio que envolvia muitas disputas de estruturas ideológicas e de poder teve um elevado grau de repercussão.

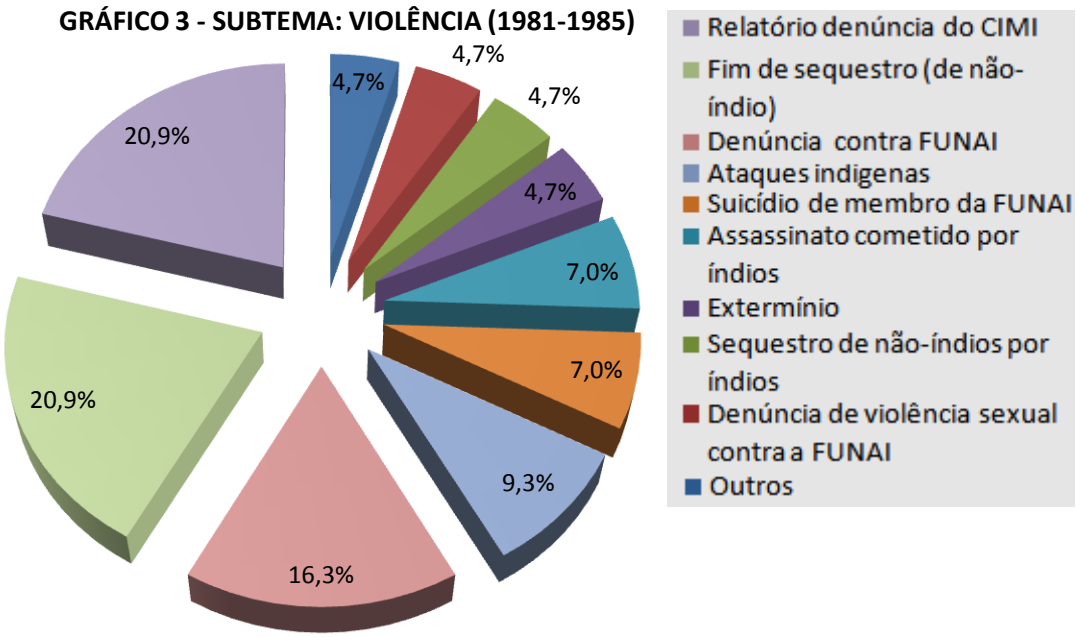


Figura 15 - Gráfico Subtema Violência **(**fonte: prórpio autor, 2014).

A violência dentro da questão indígena é muito mais complexa do que a forma como apresentada no jornal, uma vez que envolve múltiplos aspectos que precisam ser melhor observados. O rapto é uma dessas características de violência indígena que merece atenção. Segundo José de Souza Martins (2009), o rapto não costuma ser estudado com profundidade por alguns cientistas, sejam eles sociólogos, agrônomos e/ou economistas que, em áreas de fronteira, como Rondônia, preocupariam-se mais com interesses propriamente econômicos da expansão[36].

O rapto, de acordo com Martins, era algo recorrente até meados dos anos 1980, entre brancos e índios e significava muito mais que mero assassinato, era o que sobrevivia fisicamente mas que deveria morrer culturalmente na convivência com o "outro", o seu "diferente". Martins vê "o rapto como processo que se situa no limite de sociedades diversas e até opostas e que por isso mesmo é definidor de uma situação social inteiramente nova, produzida pelo contato interétnico [...] como situação social documental".(id.ib., p. 31). Mas, deixa evidentemente claro que o mesmo ocorria nos vários lados do processo que aqui simplificamos entre índios e não índios.

[36] Este autor se utiliza da **situação de fronteira** que colocaria os pesquisadores em local social de percepção de alteridade indígena e não indígena. Neste sentido critica tanto a generalização do índio como também o "pensar o branco como um branco genérico que muitas vezes nem branco é" (ib.id., p. 30).

De fato a historiografia mostra que o rapto faz parte da tradição de luta entre muitas e diferentes etnias indígenas brasileiras. A questão central a ser criticada nas representações da imprensa e pelos padrões de manipulação não se trata de eximir o lado indígena da prática que era corrente entre muitos povos com lutas intertribais violentas e sangrentas e que levaram a grandes massacres entre os índios.

Essa forma de ação foi muito utilizada, na qual, além de alguns assassinatos, algumas etnias raptavam ou por um curto tempo, as vezes com trabalho forçado, ou por um longo período em que não se achava mais o sequestrado. É interessante a percepção de que pelo aspecto trágico e exótico estes fatos sempre figuravam nas chamadas principais de capa, com grandes letras em destaque e quase sempre mediadas pela FUNAI e/ou pelo CIMI (figuras 16, 17 e 18).

O ESTADÃO DE RONDÔNIA

O JORNAL DO NOVO ESTADO

PORTO VELHO, QUINTA FEIRA, 23 DE ABRIL DE 1981 — DIRETOR PRESIDENTE – MARIO CALIXTO FILHO — ANO I – Nº 103 – CAPITAL CR$ 15,00 – INTERIOR CR$ 20,00

APOENA ACREDITA QUE GAROTO RAPTADO PELOS URU-EU-WAU-WAU ESTEJA VIVO

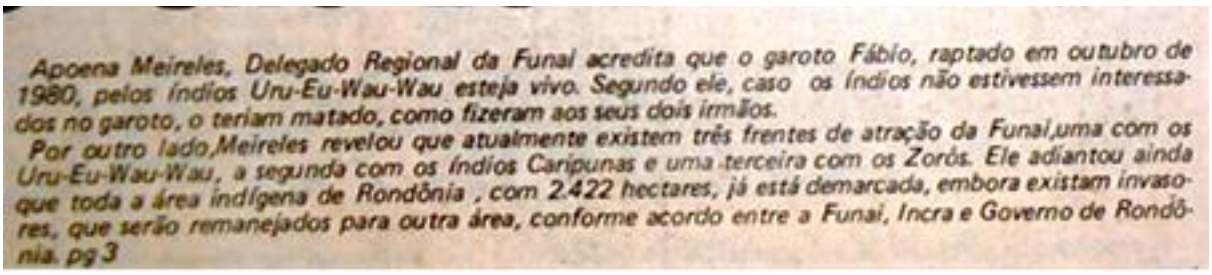
AUMENTO

Apoena Meireles, Delegado Regional da Funai acredita que o garoto Fábio, raptado em outubro de 1980, pelos índios Uru-Eu-Wau-Wau esteja vivo. Segundo ele, caso os índios não estivessem interessados no garoto, o teriam matado, como fizeram aos seus dois irmãos.

Por outro lado,Meireles revelou que atualmente existem três frentes de atração da Funai,uma com os Uru-Eu-Wau-Wau, a segunda com os índios Caripunas e uma terceira com os Zorós. Ele adiantou ainda que toda a área indígena de Rondônia , com 2.422 hectares, já está demarcada, embora existam invasores, que serão remanejados para outra área, conforme acordo entre a Funai, Incra e Governo de Rondônia. pg 3

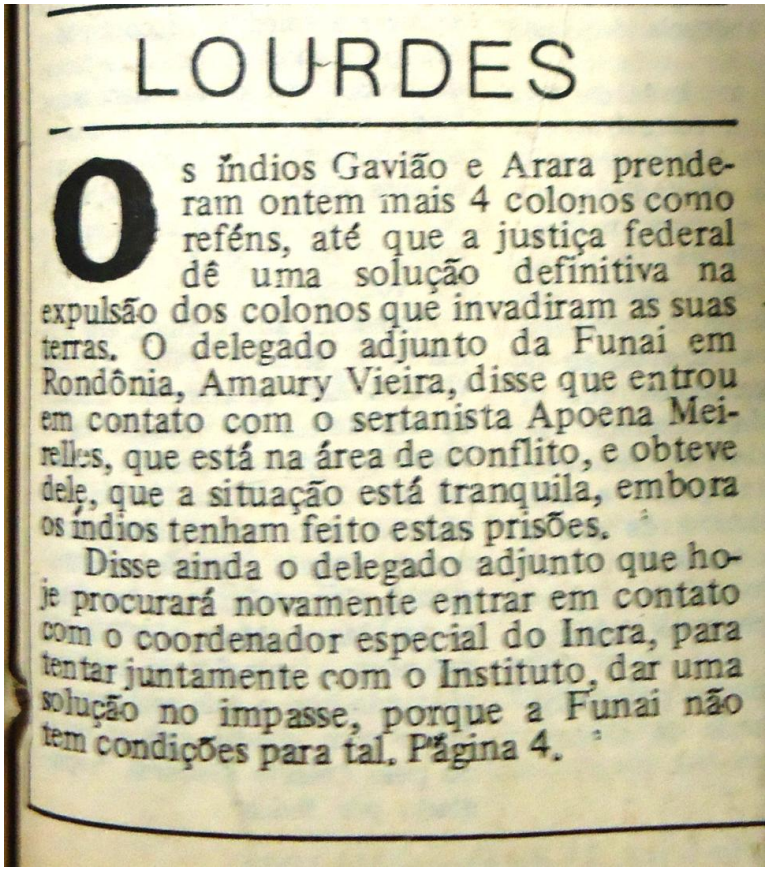
PAIVA COMPLETA DOIS ANOS DE ADMINISTRAÇÃO, HOJE

Figura 16 – Reportagem de capa: Rapto de criança pelos Uru-eu-wau-wau. (Fonte: O Estadão de Rondônia, 23/04/1981).


Apoena Meireles, Delegado Regional da Funai acredita que o garoto Fábio, raptado em outubro de 1980, pelos índios Uru-Eu-Wau-Wau esteja vivo. Segundo ele, caso os índios não estivessem interessados no garoto, o teriam matado, como fizeram aos seus dois irmãos.

Por outro lado,Meireles revelou que atualmente existem três frentes de atração da Funai,uma com os Uru-Eu-Wau-Wau, a segunda com os índios Caripunas e uma terceira com os Zorós. Ele adiantou ainda que toda a área indígena de Rondônia , com 2.422 hectares, já está demarcada, embora existam invasores, que serão remanejados para outra área, conforme acordo entre a Funai, Incra e Governo de Rondônia. pg 3

Figura 17 – Reportagem de capa(detalhe ampliado): Rapto de criança pelos Uru-eu-wau-wau (Fonte: O Estadão de Rondônia, 23/04/1981).



LOURDES

Os índios Gavião e Arara prenderam ontem mais 4 colonos como reféns, até que a justiça federal dê uma solução definitiva na expulsão dos colonos que invadiram as suas terras. O delegado adjunto da Funai em Rondônia, Amaury Vieira, disse que entrou em contato com o sertanista Apoena Meirelles, que está na área de conflito, e obteve dele, que a situação está tranquila, embora os índios tenham feito estas prisões.

Disse ainda o delegado adjunto que hoje procurará novamente entrar em contato com o coordenador especial do Incra, para tentar juntamente com o Instituto, dar uma solução no impasse, porque a Funai não tem condições para tal. Página 4.

Figura 18 – Reportagem de capa: Lourdes (Fonte: O Estadão de Rondônia, 31/08/1984).

Existia nos raptos uma ideia de limite nas relações de alteridade entre brancos e índios que é muito bem evidenciado em um caso isolado de rapto consentido.

> Em 1977, quando me achava em Rondônia, nas regiões de Ji-Paraná, Jaru e Ariquemes, fiquei sabendo do caso do rapto consentido, ocorrido no ano anterior, da jovem filha de colonos capixabas Arminda, pelo também jovem índio suruí Oréia. O caso terminou com a recaptura de Arminda por seus parentes e seu envio para o Espírito Santo, e o assassinato e mutilação de Oréia por eles. A reação dos índios suruís à violência dos brancos e o clima de ódio contra Oréia por parte destes, inclusive por parte do delegado regional da Funai, com quem conversei a respeito, sugeriam que o rapto servia como foco de condensação (e era revelador de seus aspectos mais complicados) do amplo conflito que envolvia índios e brancos. Em grande parte porque a paixão de Arminda e Oréia, e o rapto consentido dela decorrente, punha em questão o sentido da alteridade que permeava as relações de brancos e índios e acrescentava complicadas dimensões simbólicas à prática e ao sentido tradicional de rapto de mulheres (MARTINS, 2009, p. 28-29).

Havia ainda neste contexto em menor proporção o rapto, principalmente de crianças, por parte dos “civilizados”. Porém, o “amansado” não se tornava humano,

mas um animal “domesticado”, com uma espécie de “defeito”. Esta condição “de testemunha da liminaridade que separa índios de brancos” legitimava a ideologia de fronteira na qual o “civilizado” exercia no outro, no rapto, no que não é seu igual, sua própria desumanização (id.ib.).

Nesse panorama mais amplo e cultural entre os índios e a situação de fronteira entre os “civilizados”, que deve ser inserido os 16,3 % de sequestros apontados pelo jornal Estadão.

4.6 Quem tinha o direito à “fala” nas arbitrariedades da mídia impressa: política indigenista e silêncio indígena

Dialeticamente o mesmo Estado Nacional que incentivava a ocupação e o desmatamento de terras - principalmente em regiões de fronteira como Rondônia - era também o que reconhecia e buscava preservar - a seu modo - a posse tradicional de terras indígenas nos anos 1980.

O Direito de posse e usufruto de terras ocupadas de forma tradicional já era previsto em lei desde o fim da República Velha, figurando entre as principais modificações realizadas com a Constituição de 1934 e a partir da Constituição de 1988, passou a ser exigida, inclusive, uma perícia antropológica pela justiça para tal fim (SANTILLI, 2001). O tempo e tipo de análise científica antropológica e seu diálogo com as burocracias jurídicas esbarravam e ainda esbarra em campos de sentidos diferentes o que deixava a questão das Terras Indígenas um tanto quanto indefinida ou excessivamente lento o seu reconhecimento.

Some-se ainda o tipo de reforma agrária proposta pela Ditadura Militar que passou - a partir dos anos 1970 - a incentivar a ocupação de áreas devolutas como eram as do antigo Território Federal de Rondônia, sem levar em conta estudos de impactos ambientais e/ou antropológicos para se entender o cenário propício para os conflitos vivenciados entre índios e colonos.

As contradições perpassam múltiplos aspectos socioeconômicos e culturais. Para a maioria que chegava aos milhares por mês, o INCRA era o órgão de ligação burocrática com a tal sonhada terra da providência. Não por acaso funcionários dos seus quadros ocuparam importantes cadeiras na política do Território ao Estado durante o período estudado e após, tornando-se muitos deputados estaduais, federais, senadores e prefeitos.

Outros órgãos estatais, como IBDF (depois IBAMA) e FUNAI simbolizavam o oposto no imaginário dos migrantes/colonos, com seus discursos reverberados de protecionismo ambiental e indígena representavam de certa forma um obstáculo para o desenvolvimento pleno do capitalismo sobre a região.

Estes órgãos apareciam de várias maneiras, criticados ou elogiados. Há que se dizer ainda sobre a intermediação do CIMI e de outros órgãos missionários de esfera ligada a denominações religiosas que se fazia presente me Rondônia. Nesse cenário, a FUNAI era, muitas vezes, representada pelo jornal por duras críticas a sua política institucional e/ou também ela própria se autopromovendo, principalmente para divulgar as ações que considerava mais positivas, ou para reivindicar mais recursos junto ao governo federal (figura 19).

Ao falar de política indigenista para Rondônia a FUNAI ocupa quase todas as notícias. Seja por suas disputas políticas internas ou por sua atuação que são permeadas por momentos de duras críticas ao órgão proferidas principalmente pelo jornal, mas também pelo CIMI e outras esferas públicas e privadas.

GRÁFICO 4 - SUBTEMA: POLÍTICA INDIGENISTA (1981-1985)

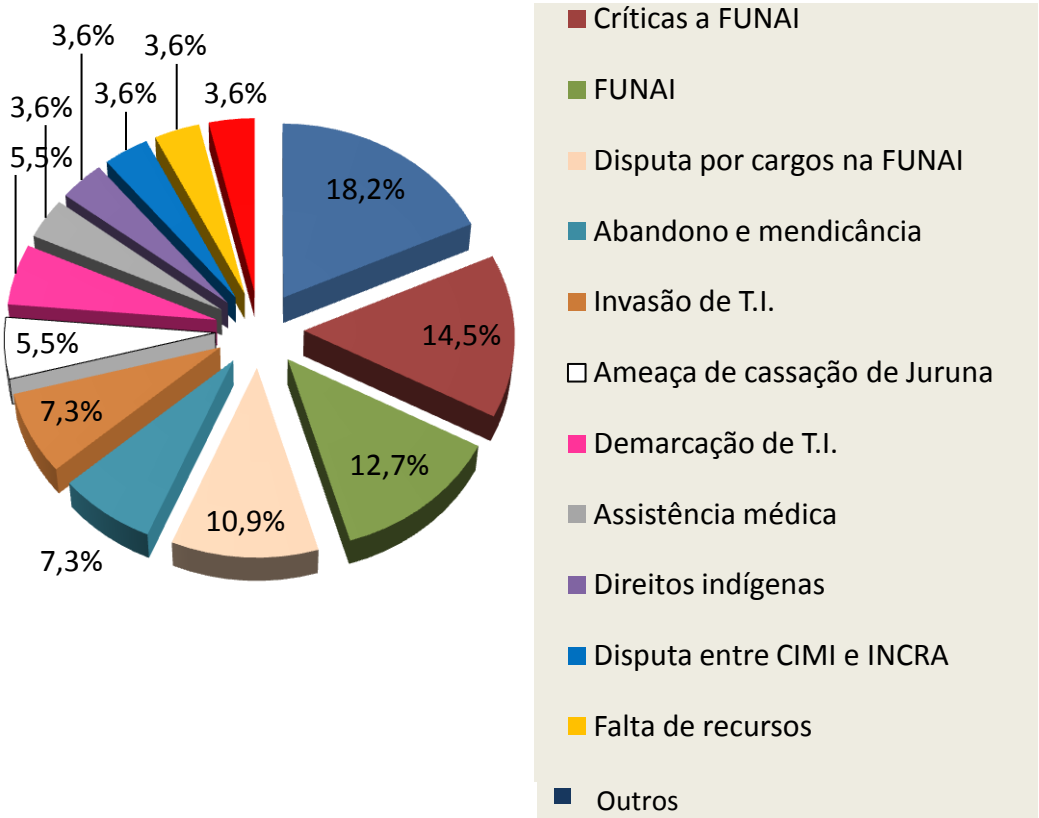


figura 19 - Gráfico Subtema Política Indigenista **(**fonte: próprio autor, 2014).

A questão central nas produções jornalísticas sobre a questão indígena como um todo e o que vinha a ser o “índio” de forma particular era reproduzido pelo padrão de inversão, pelas representações/falas destas instituições. Havia pouco espaço para a fala dos povos indígenas que eram representados pelo Estado, a Igreja e/ou a imprensa.

Se no conjunto das 258 reportagens aqui analisadas tomarmos o lugar das “falas”, observaremos que há pouco espaço para as diferentes etnias indígenas ou seus representantes legítimos. A fala indígena representam apenas 17,82% das reportagens, contra 82,17% de falas não indígenas (Figura 20), das quais 62,4% são de órgãos oficiais do Estado.

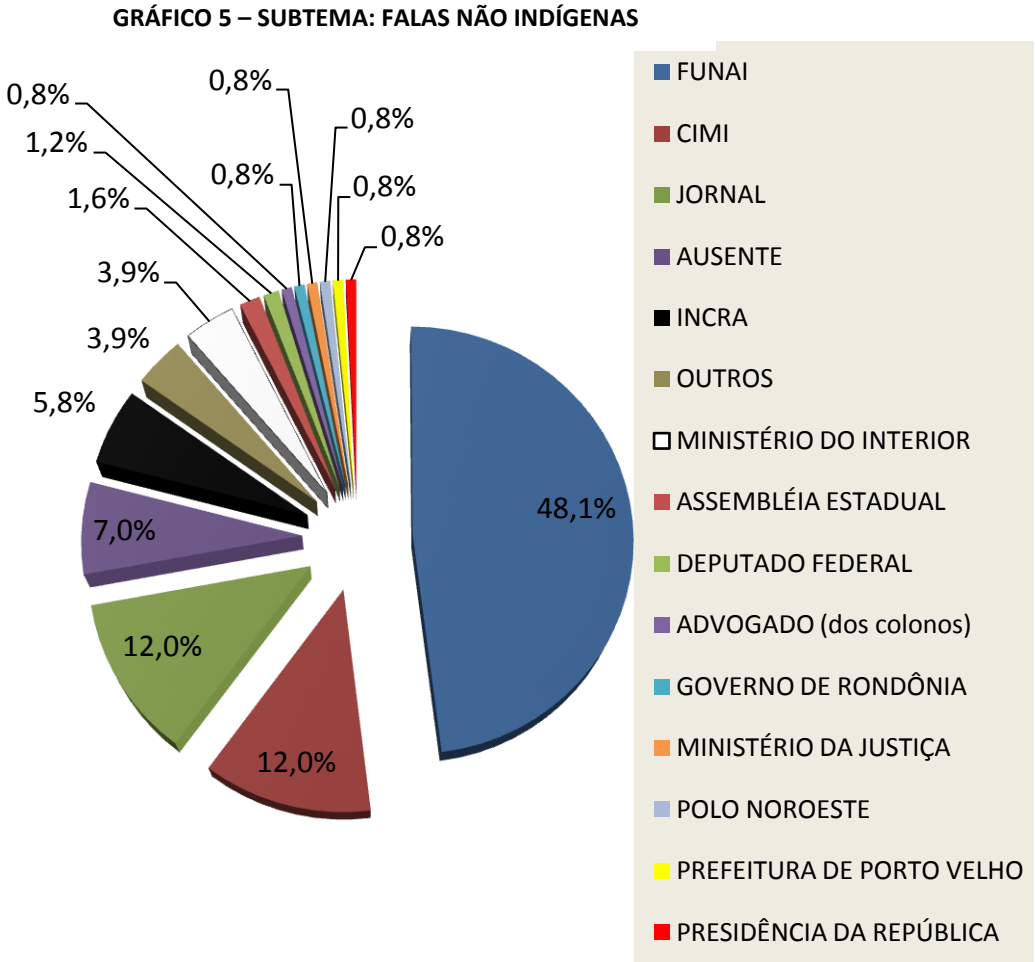


Figura 20 – Gráfico Subtema Falas Não Indígenas (fonte: próprio autor, 2014).

Há um nítido padrão de inversão no qual as falas de órgãos oficiais, a opinião do jornal e a do CIMI - mesmo que às vezes divergindo entre si - sobressaem-se sobre a ínfima parcela de vozes indígenas ao longo de cinco anos estudados, nos

quais a FUNAI com quase 50% de falas oficiais monopoliza as representações dos fatos apresentados.

Há dois exemplos que ilustram as diferentes representações de acordo com quem fala. 1) Com o título “Parintintin não troca aldeia por estrada” em reportagem de 30 de abril de 1982, o Estadão ouviu o velho índio Paulino Idiet sobre a proposta da FUNAI de mudar sua aldeia de local.

> “Querem levar a gente pra Transamazônica, mas lá tem muitos brancos, tem muita doença. Não tem peixe, nem fruta. Nós não damos jeito lá”. E mais seguro das palavras: “Transamazônica é dos brancos, Ipixuna é do meu pai, dos meus netinhos. FUNAI pode ficar zangada, já disse: não passo do meu porto. Parintintin de Maici, de Calama morreu tudo. Não passo do meu porto”.

2) O Estadão de Rondônia em reportagem de 16 de maio de 1982, sob o título “FUNAI abre parque para comunidade científica” descreve que o órgão decide quem pode ou não ter contato com os índios.

> A permissão para que o antropólogo Anthony Seeger, do museu nacional realize pesquisas etnológicas entre os índios Suia, do Xingu, concedida 6ª feira pela FUNAI, reabre o parque para a comunidade científica que teve seu acesso vetado desde novembro do ano passado.
> Antes desta proibição, porém, que não foi registrada em portaria, 95 por cento das solicitações eram rejeitadas pela Assessoria Geral de Estudos e Pesquisas (AGESP).
> A informação é do assessor da FUNAI, Odil Telles que não conseguiu obter junto a AGESP nenhum caso de rejeição para exemplificar os critérios adotados para tal.
> Disse que a FUNAI recusa a maioria das solicitações porque “não vê utilidade nas pesquisas e teses propostas”.

Ambas as falas se inserem em questões múltiplas que envolvem terras indígenas, FUNAI, e o que deve sair ou entrar nas mesmas. Seja na tentativa de deslocamento dos Parintintin ou na permissão de quem pode ou não entrar nos parques indígenas, há a presença quase onisciente da FUNAI que, mesmo na primeira reportagem com a fala indígena, é citada como uma preocupação com o que o órgão venha a pensar sobre sua fala. Na segunda reportagem arbitrariamente o órgão é apresentado como uma espécie de juiz que controla o que julga ser útil ou não para os povos indígenas.

Esse padrão de inversão em que a fala oficial ou não indígena se sobrepõe a fala indígena que não é, na maioria das vezes ouvida, é recorrente nas reportagens

analisadas. De fato os povos indígenas nestas representações ficam isolados em um padrão de ocultação complexo, em que mesmo representados - com dezenas de etnias citadas ao longo dos textos estudados - são ao mesmo tempo silenciados.

Evidencia-se através destas análises que as representações sobre a questão indígena buscou enfraquecer o índio enquanto sujeito histórico, condição que exploraremos na próxima seção de forma mais vertical pela repercussão na grande mídia impressa da reação dos índios arara e gavião a invasão de suas terras no Igarapé Lourdes em Ji-Paraná.

5 MÍDIA IMPRESSA, ÁREA INDÍGENA E VIOLÊNCIA: INVASÃO E EXPULSÃO DE COLONOS NO IGARAPÉ LOURDES (1983-1985)

A T.I. Igarapé Lourdes é habitada pelos índios arara e gavião. Os índios arara também são conhecidos como *karo* e os gavião como *ikolen*[37]. A T.I. fica no município de *Ji-Paraná*, próximo à fronteira com o estado do Mato Grosso[38]. Tais povos possuem uma população de aproximadamente 523 pessoas, as quais estão divididas em oito aldeias. Os arara se estabeleceram em duas: *Iterap* e *Paygap;* e os gavião ocupam outras seis: *Ikolen*, Cacoal, Nova Esperança, Castanheira, Igarapé Lourdes e Ingazeira (KANINDÉ, 2012).

Há escolas bilíngues nas aldeias com professores indígenas[39], ambos os povos falam além da língua tradicional, o português. A língua gavião foi classificada como pertencente à família *monde* do tronco *tupi* por Aryon Dall'igna Rodrigues em 1966. Em 1955, Harald Schultz já havia, erroneamente, denominada a língua de *Digüt,* hoje se sabe que era apenas o nome de seu informante (MINDLIN, 2001).

Os arara foram classificados na década de 1980 como arara karo, fazendo-se a diferenciação de outros povos arara do Brasil, como os arara do Acre (*Shawanawá*), os arara do Aripuanã do Mato Grosso (arara do Beiradão)[40] e os arara do Pará (*Ukarãgmã*).

Foram utilizados, nesta diferenciação, critérios linguísticos, pois se entendeu que a língua falada pelos arara de Rondônia era o *Karo* (GABAS JÚNIOR, 1989). Eles próprios - os arara - se autodenominam *Karo Rap*: "Nóis *Arara*" ou *I'târap*: "Nós todos" (Panewa Espacial, 2002, p.17).

---

[37] São poucas as fontes históricas sobre os índios arara e gavião. Existem breves citações diretas ou indiretas em estudos, principalmente linguísticos de Claude Lévi-Strauss, 1950; Curt Nimuendaju, 1925; Marechal Rondon, 1948, Harald Schultz, 1955, Victor Hugo, 1955, Denny Moore e Nilson Gabas Júnior, a partir de 1975 e, mais recentemente, Betty Midlin em 2001. Há ainda fontes ligadas a ação missionária religiosa, como a revistas **Panewa Espacial** e **Aconteceu**, bem como no periódico do **GTME** (Grupo de Trabalho Missionário Evangélico).

[38] A Terra Indígena Igarapé Lourdes foi demarcada em 1976 e homologada pelo Decreto nº 88.609/83.

[39] Há, inclusive, cursos superiores especificamente voltados para este fim na UNIR em Ji-Paraná.

[40] Os *Arara* de Aripuanã no Mato Grosso são, por vezes, confundidos com os *Arara* de Rondônia.

5.1 Os habitantes do Igarapé Lourdes: índios arara e gavião

Apesar de viverem no Igarapé Lourdes, arara e gavião são etnias diferentes, falando línguas diferentes e com um histórico de lutas com episódios sangrentos entre si e com outros povos indígenas.

O povo gavião está fora de sua área tradicional, veio das margens do Rio Branco, ao norte da terra dos zoró no Mato Grosso, por volta da década de 1940, pressionado por lutas com outros povos indígenas e por fazendeiros. Esse contexto fez com que os gavião migrassem para dentro das terras dos arara.

Hoje, o povo gavião é maioria no Igarapé Lourdes e, mesmo tendo relações amistosas - como casamentos com os arara - são considerados invasores por aqueles (Panewa Especial, 2002).Esse fato levou Edinaldo Bezerra (2009) a afirmar que há um profundo mal estar por parte dos arara em relação aos gavião, advindo de antiga rivalidade que não foi levada em conta quando da demarcação da área em 1976 e, posteriormente, a expulsão dos colonos na década de 1980.

Essa fronteira, anterior às frentes de expansão, a fronteira interétnica entre arara e gavião, fica mais evidente em alguns depoimentos *Arara*, como o de *Firmino Ot Xãra Arara.*

> Depois o nosso outro parente matou nós, eles dizem também, para eles morarem nessa terra [Igarapé Lourdes], para eles dizerem que são os donos da terra. Nós somos os donos da terra, eles [os gavião] dizem. É mentira, não é a terra deles, antigamente, eles dizem. Dizem que essa terra é nossa antigamente. Depois que outros índios vieram atrás de nós, os índios Gavião, dizem que eles vieram de outro lugar, de longe. Depois que eles mataram a gente, eles dizem que são os donos da terra. Mentira! Não é a terra deles, antigamente (GABAS JÚNIOR, 2002, p. 46).

O povo gavião não nega a falta de ancestralidade com o local. O que se evidencia em relato de *Moisés Ser íhv Gavião*.

> Quando me compreendi como gente achava que a floresta sempre ia ficar pra nós... ia ser definitivo... mas só que teve guerra... conflito entre índios mesmo durante esse período... a gente brigava entre a gente... matava um ao outro.
> O meu pai que era o cacique na época é que fazia a frente... que andava com o pessoal. O pessoal fazia muita mudança por causa que outro povo indígena atacava... principalmente o Zoró que atacava os Gavião.

> Quando nasci... numa região bem longe daqui... no Mato Grosso... na cabeceira do Rio Branco... morava todos lá... depois é que nós mudamos pra cá... no Igarapé Lourde. [...] Os Gavião vivia se mudando por vários lugar até chegar aqui... perto dos *Arara*. Então... quando chegamo... expulsamo os *Arara* da região (PAULA, 2008. pp. 129 – 130).

Ocorreram conflitos sangrentos não só entre arara e gavião, mas também entre arara e urubu, assim como entre gavião e zoró. Isso decorre da complexidade que envolve as diferentes etnias existentes em Rondônia[41].

Existe certa união atualmente entre os povos indígenas no Brasil, com organizações próprias e lutas em comum que ficou celebrada pela palavra "parenta"[42]. Visão que surge principalmente em consequência das invasões provocadas pelo avanço de fronteiras a partir dos anos 1970. Porém, não podemos deixar de observar que os povos indígenas, assim como outros povos possuem dignidades, orgulhos, preconceitos e etnocentrismos próprios que, entre outros, provocaram lutas sangrentas entre arara e gavião.

Nessa perspectiva é importante destacarmos que houve na história de contato entre estes dois povos, grande alternância entre períodos de trégua e de lutas sangrentas, geralmente ligadas a disputas territoriais.

Laços de união como casamentos entre as duas etnias são tão antigos quanto às rivalidades.

> Eu me lembro onde nasci, na Serra da Providência, chamada *Botzataga-awa*, que quer dizer lugar-de-barro-de-fazer-panela, porque lá há muito barro bom para cerâmica.[...] minha mãe é *Arara*, meu pai Gavião nessa época, os *dzerebãi* [brancos] matavam. Ficamos muito poucos depois que tivemos contato com os "brancos" (MINDLIN, 2001, p.215).

Há muitos relatos de violências e assassinatos em ambos os lados. Raimunda *Kariantzap* afirma que "os arara viviam matando os gavião. Mataram minha avó; atiraram nas suas pernas" (id.ib., p. 216).

Em outro depoimento há relato de um ataque dos gavião contra os arara.

---

[41] De forma pragmática e um tanto quanto superficial é a forma como costumamos definir a categoria índio pela sua oposição ao mundo dos brancos. Porém, a oposição interna entre índios é menos analisada. O contato interétnico é sempre abordado a partir da fronteira com a civilização, por sua vez as disputas entre os povos indígenas são pouco estudadas.

[42] Parente, neste contexto, é como os índios chamam outros índios de outras etnias.

> Numa das últimas batalhas, os Gavião haviam matado os *Arara* enquanto dormiam. Katxikaringap *Arara* era uma das vítimas. Os Gavião o mataram dentro da rede, dormindo. Ninguém o tirou da rede, apodreceu onde morreu [...] ninguém tinha coragem [depois] de passar pela estrada da maloca dos ossos [após o massacre] [...] tínhamos muito medo de ir à aldeia onde tanta gente morreu.(id.ib., 224).

Mauro de M. Leonel (1984) aponta como sendo a última investida dos gavião o ano de 1959, quando após cercarem as quatro aldeias dos arara e dos urubu, mataram sete pessoas e levaram algumas mulheres consigo, evidenciando o rapto (sequestro) como forma de luta que seria usada por eles contra as invasões na década de 1980.

Hoje, apesar do mal estar entre as duas etnias, existe um clima de união em torno de interesses comuns, centrado nas preocupações com a posse e usufruto da terra, bem como com a saúde e educação dentro das aldeias. Preocupações que se ampliaram a partir da luta pela expulsão dos colonos efetivada em 1985.

5.2 A invasão ao Igarapé Lourdes pelos jornais

A quantidade de ocorrências sobre os índios arara e gavião no jornal o Estadão de Rondônia é extremamente significativa, são 57 das 258 estudadas nesta pesquisa, perfazendo 22,09% do recorte amostral. Tal inserção está diretamente ligada ao aspecto trágico da invasão e expulsão de colonos ligados as suas terras, o Igarapé Lourdes, que naquele jornal se estende de 29 de novembro de 1983 a 4 de julho de 1985 (ver quadro II no apêndice B).

A busca por uma maior compreensão sobre a inserção daquela invasão na mídia escrita de forma mais ampla nos levou a outras fontes jornalísticas. Nesta seção utilizamos nove veículos de mídia impressa, alguns ainda existem, outros já não circulam mais, sendo seis rondonienses, um paraense e dois de circulação nacional. São eles: O Estadão de Rondônia (Porto velho), Alto Madeira (Porto Velho), A Tribuna (Porto Velho), Tribuna Popular (Cacoal), O Guaporé (Porto Velho), O Liberal (Belém), O Parceleiro (Ariquemes), Jornal do Brasil (Rio de Janeiro) e Jornal de Brasília (Brasília). O período estudado vai de dezembro de 1983 a novembro de 1985, onde abordados 18 textos jornalísticos.

As notícias, se tomadas isoladas em cada veículo pesquisado, aparecem fragmentadas e carentes de um entendimento do processo como um todo. Daí

nossa tentativa de montar um contexto na busca do caminho inverso que seja a desfragmentação pela busca de entendimento do fenômeno, através do qual buscamos montar uma espécie de “quebra-cabeças” dos fatos.

Uma das dificuldades encontradas foi com os títulos de reportagens que - assim como as imagens (fotos) - traziam ambiguidades entre as chamadas de capas com a reportagem do interior do jornal, os conteúdos propriamente ditos. Os títulos de reportagens tomados sozinhos abriam margem para tais ambiguidades por se apresentarem muitas vezes enquanto termos genéricos como invasão, Lourdes, gavião, exemplos que se tomados grosso modo poderia remeter a qualquer lugar, a uma mulher ou a um pássaro.

Há em muitos daqueles veículos de imprensa uma narrativa tradicionalmente constituída que, além de buscar entender as causas do processo e principalmente suas contradições - internas e externas - como um todo, buscava quantificar e apontar culpados isolados com intenções por vezes políticas e/ou empresariais presentes nas entrelinhas.

Quantos eram os invasores? Quem eram? Quando invadiram? Quais incentivos tiveram? Como o poder público reagiu? Quais as formas de luta adotada pelos índios? Eram as perguntas mais pertinentes. Ou seja, construídas factualmente e cronologicamente em torno de datas e nomes, não criticavam o processo maior de expropriação; este era pouco aprofundado apesar de muito citado, em nome do “progresso” que avançava.

Buscamos seguir aquela lógica ideologicamente estabelecida para racionalizar o sucedâneo dos acontecimentos representados, ao mesmo tempo em que buscamos identificar outras falas anteriores e posteriores que se entrelaçam com os acontecimentos descritos.

A primeira constatação inicial é a de que a maioria dos veículos midiáticos apresentava o padrão de manipulação de inversão em que as falas oficiais sempre ofuscam as vozes dos índios arara e gavião e/ou mesmo das famílias de colonos, em sua maioria, pobres jogados aquela situação por interesses múltiplos maiores.

É muito difícil precisar o momento exato da invasão e o número preciso de colonos. É provável que alguns já estivessem entrando na área desde o final da década anterior, de forma pouco sentida pelos índios, teriam se alastrado quando teve início o surto migratório decisivo para a colonização permanente do Estado na década de 1980, período em que houve importante desenvolvimento urbano em Ji-

Paraná, facilitando o escoamento de produção, movimentações financeiras bancárias, assistência hospitalar, mesmo que precária, entre outros.

A mudança no padrão migratório histórico para os que se dirigiam para Rondônia foi outro fator preponderante para entendermos a invasão. A dinâmica da migração mudara de antigos garimpeiros e extratores seminômades, para agricultores sedentários em busca de terras. Esta última forma ao fixar os colonos a terra com maior intensidade[43] fez com que se estabelecessem por tempo indeterminado ao local, ampliando conflitos antigos entre índios e não índios.

Outro aspecto a destacar nas representações jornalísticas é a quantidade de invasores, sempre apontada pelo número referente a famílias. O aumento da criminalidade, representada pelos crimes de pistolagem e assassinatos no Estado, muito recorrente nas reverberações da imprensa fazia do colono solteiro e solitário um mal quisto, inclusive para as políticas públicas de assentamento que se davam pela unidade familiar.

A família era a medida adotada para recepção de lotes do INCRA entre outras assistências estatais. Neste sentido a instituição “família” era reverberada na mídia impressa como estratégia de consenso a ser explorada, uma vez que seu oposto, o solteiro era a representação do aventureiro que simbolizava violência.

A quantidade de famílias que invadiram o Igarapé Lourdes entre 1983 e 1985, varia de jornal para jornal, indo de 107 ao exagero de 7 mil famílias. Os jornais de Porto Velho, Alto Madeira (7/12/1983) e Estado de Rondônia (27/03/1984), falavam em 500 famílias; A Tribuna Popular de Cacoal apontava 350 e depois 400 famílias (respectivamente em 14/12/1983 e 15/09/1985).

Por sua vez, O Parceleiro de Ariquemes (13/10/1984) trazia o número de setecentas famílias e o Guaporé de Porto velho (26/04/1985 e 28/04/1985), ironicamente é o que apontava o maior e o menor número de famílias invasoras, respectivamente 7 mil e 107 famílias, com uma diferença temporal espantosamente alarmante de apenas dois dias entre uma notícia e outra o que pode sugerir um erro de edição e/ou escrita.

Como podemos notar, houve repercussão na mídia impressa, a invasão reverberou da capital ao interior, o problema inicial era quanto a discrepante variação numérica de invasores que estava longe de um consenso entre os veículos.

---

[43] Ligados que estavam aos ciclos naturais de plantio e colheita.

Pelo exposto podemos - a título de especulação - ponderar em um valor aproximado que oscile entre 400 e 500 famílias. Se imaginarmos uma média de 3 a 4 pessoas por família, muito comum pelas taxas de crescimento demográfico do período, teremos uma população em torno de 1200 a 1500 pessoas. Número muito expressivo se compararmos com a população indígena **arara** e **gavião,** que na época era de muito menos da metade do suposto aqui para os colonos. Por si só esta observação já poderia apontar para um desfecho trágico para o conflito.

As menções à invasão vão começar a aparecer na imprensa local e ocupar algumas capas de jornais a partir de 1983. Inicialmente de forma tímida na parte inferior, em forma de pequenas notas, o que não significa categoricamente que os colonos tenham começado a invadir a T.I. naquela época.

Outrossim, naquele ano muitos veículos deixaram de praticar o padrão de ocultação e passaram a tratar a questão enquanto pauta jornalística e acompanhar seus desdobramentos, mesmo que de forma inicial muito tímida foi se ampliando de forma gradual pela amplitude que os acontecimentos foram ganhando na mídia.

Em outros termos, o fato ganhou conotações políticas envolvendo além da FUNAI, deputados, prefeito, governador, polícia federal e o próprio ministério da justiça aos quais, vinculava-se a preocupação com a opinião pública e seus eleitores.

Uma das primeiras inserções na mídia impressa sobre a invasão a T.I. Lourdes foi através do jornal A Tribuna (27/11/1983), na matéria o representante do INCRA, Ernani Coutinho, criticava o que ele caracterizou como omissão da FUNAI, estranhando que seu delegado, Amauri Vieira, tenha dito ao mesmo jornal dias antes (14/12/1983), desconhecer as anormalidades naquela região, acrescentando que lá viviam “tranquilamente” de 450 a 500 índios gavião e arara.

De acordo com a reportagem, cerca de 500 famílias estavam dentro da área indígena, das quais, 350, inclusive já haviam construído moradias e as demais 150, já tinham demarcado terra e segue descrevendo a movimentação dos invasores que teriam vindo da Gleba Vida Nova, das linhas[44] dos projetos de colonização de Ji-Paraná e Diamantino (divisa com o Mato Grosso), somando-se àquele cenário,

[44] Linha ou linha rural é o nome usual para as estradas que permitem o acesso as localidades agrícolas em Rondônia. Isso decorre da lógica fundiária implantada originalmente nos projetos de colonização, quando, a partir da década de 1970, foram abertas estradas de acesso principal na floresta, a linha, e a cada quatro quilômetros, estradas secundárias. Com o tempo e o aumento do fluxo migratório ocorreram pequenas mudanças, que de forma geral não modificaram aquela lógica inicial.

haveria ainda um interesse estratégico da Fazenda Castanhal que abrira uma estrada de ligação pela reserva. Os índios estavam sendo invadidos por colonos com apoio de fazendeiros segundo aquele texto, com omissão da FUNAI.

Fica latente na reportagem que há uma intenção de evidenciar a invasão enquanto omissão da FUNAI e que tal omissão é apontada por outro órgão governamental o INCRA. De fato foi à constatação por parte dos índios arara e gavião da abertura de uma estrada em suas terras que fez com que reagissem[45].

Havia um interesse estratégico de escoamento de produção pelo Igarapé Lourdes que se somava a interesses de colonos por lotes de terras e a reportagem, apesar de denunciar a invasão, nos aponta muito mais as contradições entre INCRA e FUNAI. A tônica está mais centrada nestas falas oficiais que no entendimento profundo do conflito, apesar das acusações apresentadas.

O Estadão de Rondônia, dias antes (29/11/1983), com a manchete “Invasões conflituam órgãos”, já destacara em sua capa estas contradições entre os órgãos. O padrão de inversão continua presente, onde as versões oficiais ‘falam’ pelos índios. Curiosamente é o INCRA quem dá o aval de confirmação para a reportagem, que não é confirmada pela FUNAI, que por sua vez é criticada pelo CIMI que a acusa de proibir o acesso a área invadida. O IBDF também é chamado a se posicionar por haver invasão na reserva biológica de Tarumã.

De forma quase profética ou já se resguardando diante da opinião pública, o jornal em favor do INCRA reproduz fala de seu coordenador Ernani Coutinho, “a preocupação é que não aconteçam futuros problemas socais, ‘cujo ônus caberá ao INCRA’” (Estadão de Rondônia, 29/11/1983, p.1). De fato dias depois, o INCRA seria apontado como um dos incentivadores da entrada dos invasores a T.I.

Diante disso, coube a diocese de Ji-Paraná, por meio do jornal A Tribuna Popular (15/09/1984) criticar e acusar o INCRA de incentivar as invasões. O elemento religioso, outro elemento ideológico forte, se apresenta sobre a invasão, ou seja, ante o conflito eminente entre índios e colonos estava ocorrendo disputas politico-ideológicas entre as instituições e seus representantes que, em última instância, se caracterizavam como busca de hegemonia sobre o local e as pessoas envolvidas.

---

[45] Informação colhida em conversa informal em Ji-Paraná com o cacique Catarino Gavião. A tal estrada existe até hoje, vai para o Mato Grosso, por lá passam caminhões e uma empresa regular de ônibus.

Uma atividade inicial mais efetiva em prol dos índios por meio daquelas representações midiática só ocorreria em 1984, quando, segundo A Tribuna Popular (06/01/1984), procederam-se esclarecimentos (junto à opinião pública) nos quais, caso os ocupantes se mantivessem reticentes, haveria mobilização com intervenção da Polícia Federal, na qual o INCRA interviria promovendo o assentamento dos colonos invasores em projetos de colonização em Rondônia.

É importante notarmos que já se evidenciava o abandono da busca de consenso discursivo e um dos braços armados do Estado já estava se preparando para uma ação de coerção física mais direta. O que de fato demoraria, ainda, alguns longos meses.

Tempos depois, A Tribuna Popular (15/09/1984) chega a apontar nomes individuais de possíveis responsáveis diretos pela invasão: "Urso Caetano de Andrade, o Mineirinho, administrador da Vila Colina, em Ji-Paraná, Mário Mendes Monteiro, parceleiro, e políticos do PDS que aproveitaram a campanha eleitoral de 82, para incentivar colonos a invadirem" (grifos nossos), aparecendo nesta matéria de forma explícita mais uma questão que denota os interesses múltiplos, com os quais a invasão estava ligada, a política partidária[46].

Ainda no campo das acusações, agora em um veículo de circulação nacional (Jornal do Brasil, 24/06/1984 *apud.* Aconteceu, 1984) o deputado estadual João Dias Vieira do PMDB, que já havia acusou empresários do grupo Triangulina, de Ji-Paraná, que segundo reportagem teria dito que "estariam invadindo a reserva dos índios arara e gavião, promovendo ainda choques entre jagunços e índios, nos quais alguns deles morreram".

Há dois tipos de envolvimento apontados, novamente o político partidário e o setor empresarial privado ligado ao grande mercado. Quanto às mortes anunciadas pelo deputado, nunca foram confirmadas, nem por índios e/ou invasores, apesar de alguns colonos terem ficado reféns e forçados a trabalharem para os índios.

A partir do momento em que o conflito deixou de ser ocultado pela imprensa e ganha representações em suas páginas a questão se torna um fato político no qual os jornais passam a trabalhar com disputas hegemônicas entre órgãos, instituições, políticos e empresas. Há neste sentido três aspectos que merecem destaque: 1) disputas político-partidárias; 2) Disputas entre FUNAI e instituições religiosas

[46] Neste sentido é significativa a reportagem de 1985, sob título "*Rondônia não tem índio eleitor*" (Estadão do Norte, 18/10/1985, p. 2).

missionárias; 3) A ideologia tradicional centrada no aspecto econômico para quem os índios são empecilho.

Essa última percebida com mais eficiência e fortemente ligado à ampliação da fronteira agrícola, tão destacada na época pelos jornais, que vangloriavam o novo Estado como “o quarto maior produtor de café em todo o país” (de acordo com o jornal O Guaporé de 15/01/1985).

A resposta mais sentida ao impasse que já chegara ao ano de 1985 - de acordo com o jornal A Tribuna Popular (15/09/1985) - veio dos que estavam sendo invadidos, os índios: “se revoltaram e no dia 22 de junho, detiveram três pessoas como reféns e exigiram afim de que aquelas vidas fossem poupadas, a desocupação da área”.

É nesse contexto que se torna significativa a fala do então delegado da FUNAI de Rondônia, Apoena Meireles, em entrevista ao jornal O Estadão de Rondônia, quase um ano antes (11/08/1984): “Não dá mais para segurar os índios gavião e arara, estão se preparando para enfrentar os colonos”, Apoena fez esta afirmação após verificar *in loco* a situação na reserva Lourdes, em Ji-Paraná.

Na mesma reportagem o agente da FUNAI lamentava a falta de sensibilidade do juiz federal que estaria demorando em dar um parecer em favor dos índios e que a FUNAI não poderia fazer mais nada. O caso já havia ganhado contornos burocráticos jurídicos e, mesmo a T.I. Lourdes, encontrando-se demarcada desde 1976 e homologada em 1983, a justiça demorava dar o seu parecer. Justiça Federal que detém a hegemonia sobre as decisões jurídicas.

Da primeira notícia no jornal A tribuna (27/11/1983), àquela última do Estadão (11/08/1984), passou-se quase um ano para que as notícias da reação indígena começassem a ser divulgadas, não que elas não já estivessem acontecendo, mas pelo fato de que, ao ser divulgada, ampliaria a percepção das contradições sobre a *Terra da Providência* que, para aqueles índios e colonos, se transformara em campo de batalha, tornando o episódio um grande ato político.

Tudo isso fazia autoridades, políticos, empresários e migrantes repensarem aqueles signos de “progresso” reverberados tão positivamente a exaustão por aqueles mesmo veículos que agora tinha que continuar noticiando um episódio que teimava em se arrastar por meses sem uma solução definitiva.

Como já vimos, 1984 foi o ano que a invasão ganhou proporções nacionais, sendo divulgado pelo periódico carioca, Jornal do Brasil. A eminência da reação

indígena mais violenta ou de um contra ataque dos colonos - que nunca aconteceram apesar de ser maioria - chamou a atenção do país para os conflitos em Rondônia de um modo geral e para os índios arara e gavião, em particular.

O Jornal de Brasília (30/08/1984 apud. Revista Aconteceu, 1984) divulgou que os índios gavião e arara mantinham sete pessoas reféns e que haviam arrombado o depósitos do posto da FUNAI, danificando aparelhos. O clima era tenso "O chefe Catarino, dos [índios] gavião, determinou aos dois posseiros soltos, que avisassem as demais famílias para deixarem a área, do contrário, eles seriam obrigados a atacá-los". Já não dava para - depois de tantos meses - não ouvir ou nominar os índios invadidos, mesmo que de forma indireta. Era uma das poucas matérias em que apareceu um nome indígena e as suas intenções, mesmo que pela fala de dois reféns libertos e, ainda que o chefe Catarino só apareça a partir de sua reação, como uma espécie de reafirmação do índio selvagem e perigoso que ataca "brancos".

Aquela repercussão nacional apontou outros caminhos para a fala indígena que chegou a Brasília, centro hegemônico das decisões nacionais. Um representante de Brasília, o cacique xavante e deputado federal, Mario Juruna[47], já havia tentado uma negociação para o fim do conflito, quando intercedeu sem muito sucesso junto ao governador Jorge Teixeira (figura 21), para retirar 500 invasores, Teixeira teria lhe convidado a ir de helicóptero ao local, Juruna não aceitou alegando sua participação na campanha pelas Diretas Já! (Estadão de Rondônia, 27/03/1984, p.3).

A reação dos índios gavião e arara fizeram com que os jornais passassem a divulgar o desenrolar do conflito. O Jornal O Liberal (04/09/1984) de Belém, dizia que os índios arara e gavião já haviam queimado mais de oito barracões de colonos que invadiram suas terras e que haviam feito dezesseis reféns, dez dos quais ainda estavam presos. O Jornal do Brasil (18/09/1984, *apud.* Aconteceu, 1984) noticiava que "após quase um mês mantidos como reféns, 10 invasores do posto indígena do Igarapé Lourdes foram postos em liberdade, no final da semana, pelas tribos arara e gavião". Na mesma reportagem aparece novamente o nome do chefe Catarino

[47] Ingressou na política através de Leonel Brizola que o convidou a se filiar ao seu partido o PDT e mudar domicílio eleitoral para o Rio de Janeiro, aonde foi eleito e cumpriu mandato de 1983 a 1987. Foi o primeiro índio eleito deputado federal no Brasil.

Gavião, alçado a liderança da reação indígena, que advertia aos demais para que saíssem de suas terras.

Figura 21 – Foto: Deputado Mário Juruna cobrando posicionamento de Jorge Teixeira sobre a invasão a T.I. Igarapé Lourdes.

Foram meses difíceis para todos envolvidos naquele conflito, a morosidade do poder público em tomar uma decisão definitiva se arrastou por meses. O processo real de desocupação só começou a partir de março de 1985 e, segundo os jornais, com muitos excessos onde policiais não permitiam que os posseiros efetuassem as colheitas, ou recolhessem seus pertences. Estaria havendo um "sistema de amedrontamento pela força policial", além do "sistema arbitrário de comunicar só verbalmente a execução do despejo sem ordem judicial por escrito." (O Guaporé, 12/03/1985, p.3).

Aquela máxima discursiva da Ditadura Militar para a Amazônia: "homens sem terras, para terras sem homens" estava virando um pesadelo para aquelas famílias que no afã de garantir sua permanência no novo *Eldorado*, tentaram em vão chamar a atenção da comunidade de Ji-Paraná com protestos pelas ruas da cidade.

Liderados - segundo matéria - pelo posseiro José Alves, com 200 colonos, representando as 700 famílias que habitavam a área, saíram em passeata pelas principais ruas de Ji-Paraná, reclamando o direito de permanecerem nas terras onde há anos diziam estar. Buscaram apoio na prefeitura e na sede do INCRA, prometendo defender com a vida a invasão (O Parceleiro, 13/10/1984, p.4), o que de fato não se concretizou.

Não se tratava apenas de “selvagens” reagindo contra invasores, em dado momento os índios arara e gavião perceberam a influência da repercussão que seus atos tinham ao serem reverberados na imprensa e passaram a solicitar e conseguiram uma audiência diretamente com o ministro da justiça em abril de 1985, segundo reportagem, o ministro se comprometeu em ser intermediário para evitar violência (O Guaporé, 26/04/1985, p.5).

Nesse ponto podemos constatar um efeito que merece estudo futuro mais aprofundado, que é uma percepção do lado indígena sobre o uso contra-hegemônico da *mídia* como forma de pressão sobre o estado, invertendo a hegemonia sobre os meios de comunicação, pois ao negociarem diretamente com o ministro e conseguirem que isso fosse vinculado nos jornais ganharam visibilidade para além do “selvagem reativo”, começava ali uma apropriação indígena de negociação via imprensa e campo burocrático estatal[48].

A partir de março de 1985, mesmo vagarosamente, com intervenção federal os colonos invasores começaram a ser retirados. O que não garantiu o fim dos problemas sociais traumáticos que envolviam todo o fenômeno daquela invasão que passava a se configurar em drama para aqueles migrantes que não encontraram o *Eldorado* prometido.

A transferência foi feita pelo INCRA, as últimas 107 famílias restantes foram para projetos de assentamentos em Machadinho, então pertencente ao município de Ariquemes e 40 já tinham sido retiradas, Segundo a CPT[49], as 40 famílias, que foram retiradas das áreas indígenas do Igarapé de Lourdes, e que foram para a vila da Nova Colina, atual distrito de Ji-Paraná, encontravam-se em estado de semiabandono (O Guaporé, 28/04/1985, p. 3) e tendo que recomeçar o velho sonho em busca da “terra da providência”.

[48] É sintomático perceber hoje que muitos índios – principalmente gavião – são funcionários públicos da FUNAI, SEDUC/RO e FUNASA.
[49] Comissão Pastoral da Terra.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As representações da questão indígena reverberadas pela mídia impressa em Rondônia durante o auge da migração para o estado se caracterizou como um tema controverso que, apesar das polifonias, possuía elementos padronizados de manipulação. Serviram em muitos casos para evidenciar conflitos hegemônicos entre esferas públicas, privadas e religiosas nas quais o elemento indígena era arbitrariamente representado como uma espécie de pretexto para questões múltiplas que buscavam consensos sobre o que deveria ser Rondônia naquelas reverberações.

O jornal Estadão de Rondônia - que demandou uma maior análise – assim como os demais veículos de imprensa aqui analisados, se enquadram nos padrões de manipulação da grande imprensa (ABRAMO, 2003). No que tange à questão indígena em Rondônia, as buscas de consensos estavam ligadas aos ideais de progresso e modernidade.

Eram, ao mesmo tempo, ambíguas e arbitrárias ao inserir representações sobre o índio como mote para se equilibrar entre as disputas que ocorriam de forma intensa entre vários campos simbólicos nos anos de instalação do Estado. As representações engendravam, em sua maioria, um aspecto político que transformava os povos indígenas em forte elemento de barganha no jogo de consensos e dissensos.

A busca de equilíbrio junto à opinião pública – principalmente a opinião pública do Sudeste e do Sul - entre a figura ufanista indígena e os ideais de colonização para Rondônia, fez com que a grande imprensa trabalhasse entre os anos de 1981 e 1985, dentro desta dialética, que negava e/ou camuflava a alteridade daqueles povos, expropriados e colocados em uma “periferia” da pauta jornalística que só eram alçados a “fato jornalístico” pelo trágico encontro com as frentes de expansão que lhes inseriam ao mercado nacional e mundial dentro da velha alcunha de “civilização”.

Não havia preocupação com o entendimento contextualizado da complexidade que envolvia o fenômeno, a imprensa - arbitrariamente - negava-se a investigar com profundidade massacres e etnocídios que pela não reverberação,

acabou caindo num incomodo silêncio e/ou descrédito ao não se tornar ato político pelas páginas jornalísticas.

Havia limites bem definidos para representação indígena onde existiam sem existir, pois, de forma arbitrária, figuravam naquelas páginas pelos interesses do dono do veículo de comunicação, não como fim, mas como meio para a busca de manutenção de interesses econômicos.

Nesse sentido eram duplamente expropriados, no campo simbólico e nas suas terras tradicionais nas quais se envolviam paradoxalmente INCRA, FUNAI, CIMI, Governo, setores privados entre outros. A “pauta jornalística” tinha a força de fazer “existir” politicamente não só os índios, mas e, sobretudo, evidenciar aqueles órgãos através da representação da questão indígena, onde o índio era “ouvido” sem “falar”, mostrado sem ser plenamente visto - homogeneizado que eram muitas vezes em suas representações fotográficas - a não ser pelo aspecto trágico ligado a violência, morte e invasão de suas terras que, pelos jornais, tornavam-se drama em fato político, explorado ao extremo pela complexidade das disputas hegemônicas de um Estado que se formava.

A desnaturalização da grande imprensa nesta pesquisa se fez pela constatação das intenções múltiplas aqui citadas que não são outras se não as ligadas aos interesses corporativistas das empresas de mídia escrita ligadas à criação do estado de Rondônia, que buscou constantemente equilibrar suas arbitrariedades com o que julgava ser “vontades coletivas”, ajudadas pelo contexto da época que, em última instância, trabalhava na manutenção de um *status quo* que buscava significação sobre um local que deveria se negar em seus espaços naturais e de memória para receber o “novo”.

Para tanto era necessário apagar as onças e os massacres indígenas do noticiário, tão importantes na captação e ampliação do capital que se ampliava num mercado nacional e mundial sobre o Estado. Somando-se a estes, a moral judaico-cristã fez-se presente nas interferências e influências do elemento simbólico religioso através da ação de missionários que, a sua maneira, também inseriam símbolos ocidentais sobre as comunidades tradicionais indígenas.

As representações genéricas da figura indígena, quando necessárias, se fazem de forma distante da realidade local e, muitas vezes, romantizada com viés ufanista e nacionalista ou fragmentadas, ocultadas e/ou invertidas. Mais que ‘falar’ de índios, ‘falava-se’ - criticando ou elogiando – dos principais órgãos utilizados na

estruturação de Rondônia, com destaque para FUNAI e INCRA, que representavam as contradições envolvidas no processo.

A tônica nestas ‘falas’ são geralmente as ‘falas’ oficiais deixando em segundo plano o entendimento mais profundo sobre o processo histórico dos conflitos, como percebido ao longo do trabalho. Violências mais totalizantes como massacres contra povos indígenas ou figuravam em local de tempo remoto do passado, ou no campo das suspeitas nunca evidenciadas, ao contrário da forma romantizada, ufanista, lembrada e exaltada no dia e na semana do índio.

Essa despreocupação com o outro - característica inerente à modernidade - se caracterizava dentro de interesses maiores de disputas político-ideológicas que, em última instância, buscava hegemonia sobre o local e as pessoas envolvidas na formação do inacabado local da Terra da Providência.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABRAMO, Perceu. **Padrões de manipulação da grande imprensa.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

ALBQUERQUE, José Lúcio Cavalcante de. **Da caixa francesa à internet:** 100 anos da imprensa em Rondônia. Porto Velho: Gráfica Primmor, 2009.

ALMEIDA, Jorge. A relação entre mídia e sociedade civil em Gramsci. **Revista Compolítica,** Bahia, v.1, n.1, 119-132. Março-abril, 20011.

ARENDT, Hanna. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

ARRUDA, Rinaldo S. V. Arruda. "Imagens do Índio: Signos de Intolerância", In: GRUPIONI, Luís Donisete B. Grupioni et. al., **Povos indígenas e tolerância:** construindo práticas de respeito e solidariedade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BARROS, José D'Assunção**. O Campo da História:** especialidades e abordagens**,** Petrópolis: Vozes, 2004.

BENCHIMOL, Samuel. **Romanceiro da Batalha da Borracha**. Manaus: Imprensa Oficial, 1992.

BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar:** A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BLOCH, Marc. **Apologia da história**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BURKE, Peter. Estruturas da cultura popular. In: **Cultura Popular na Idade Moderna**: Europa, 1500 - 1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CORREIA, J. C. **O admirável mundo da notícia: teorias e métodos**, São Paulo: Labcom books, 2011.

COSTA, Jean Henrique. **Indústria cultural e forró eletrônico no Rio Grande do Norte**. 2012. 309 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

COWELL, Adrian. **Nas cinzas da floresta.** São Paulo: Verbo Filmes, 1990. Videocassete (52'), color.

FERNANDES, E. B. B. Imagens de índios em O MALHO: a imprensa como mediadora de representações. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., São Leopoldo. Associação Nacional dos Professores Universitários de História, 2007.

FREIRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. Recife: Imprensa Universitária, 1963.

FREITAS, Edinaldo Bezerra de. **Índios de Rondônia. Vozes da (des) integração e Imaginário da sobrevivência,** XXV Simpósio Nacional de História, Simpósio, Fortaleza, 13-17 julho de 2009.

GABAS JÚNIOR, Nilson. **Estudo fonológico da língua Karo (Arara de Rondônia)**. Campinas, 1989. 85 p. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Linguística, UNICAMP.

_____; ARARA, Rute et al. **História dos Arara no tempo do contato com os brancos : May yamat kana'xet peg xawero ma'i kanay 'mam,** Belém: MPEG, 2002.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias.** São Paulo: Contexto, 2001.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere:** os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. **Os jornais e os operários**. Marxists Internet Archive, 2005. Disponível em: http://www.marxists.org/portugues/gramsci/1916/mes/jornais.htm. Acesso em: 18 março.2011.

HALBAWSCHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. Codificar/Decodificar. In: _____. **Da diáspora. Identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 2003.

HARDEMAN, Francisco Foot. **Trem-fantasma:** A ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna:** Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 18 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

HATOUM, Milton. Entrevista: Cinzas de um certo Norte. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de janeiro, edição 44, p. 38, maio 2009.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos***:* o breve século XX*,* São Paulo, Companhia das Letras. 1997.

IANNI, Octavio. **Ditadura e Agricultura**: o desenvolvimento do capitalismo na Amazônia: 1964-1978. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1986.

IBGE. **Anuário Estatístico**. Rio de Janeiro, IBGE, 2002. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/ acessado em: 10/09/2013.

KANINDÉ. **Diagnóstico etno-ambiental participativo e plano de gestão:** Terra Indígena Igarapé Lourdes. Rondônia, 2012.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno, Bauru: EDUSC, 2001.

LEONEL, Mauro de Mello. **Relatório de Avaliação da Situação dos Gavião (DIGUT) e Arara (KARO)- P.I. LOURDES***,* Ministério do Interior – SUDECO, Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas – FIPE, 1984.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano.** São Paulo: Contexto, 2009.

MELO, P. B. Agenda e Discurso Midiático: quando a minoria é notícia. O caso indígena na Imprensa em Pernambuco. In: CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO EM CONGRESSO NA COVILHÃ, V. 4., Covilhã. Actas do III Sopcom, VI Lusocom e II Ibérico, 2005. p. 177-182.

MÉSZÁROS, István. **O Poder da Ideologia,** São Paulo: Boitempo, 2004.

MINDLIN, Betty, TSORABÁ, Digüt, CATARINO, Sebirop et al. **Couro dos espíritos,** Namoro, pajés e cura entre os índios Gavião-Ikolen de Rondônia*.* São Paulo: Senac/Terceiro Nome, 2001.

MORAES, Dênis de. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 4, n.1, p. 54-77, jan-jun. 2010.

PAULA, Jania Maria de. **KARO e IKÓLÓÉHJ:** escola e seus modos de vida. 2008. 223 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2008.

RODRIGUES, C. R. A Imprensa sul-rio-grandense na construção da imagem do índio. **Biblos**, Rio Grande, v. 16, p. 73-86, 2004.

SANTILLI, Paulo. “Ciência, Verdade, Justiça”, In: GRUPIONI, Luís Donisete B. Grupiani et. al., **Povos indígenas e tolerância:** construindo práticas de respeito e solidariedade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Mauad, 1994.

Fontes jornalísticas

A grave situação indígena em Rondônia, **Boletim do GTME**, 1982, p. 17.

A realização do Novo Eldorado. **O Estadão de Rondônia**, Porto Velho,15 de mar. 1981, p. 2.

ACONTECEU. São Paulo: Centro Ecumênico de Documentação e Informação, Especial n.14, 1984, p. 226-229.

Agricultura Indígena: um sistema de produção voltado para o lucro. **O Estadão de Rondônia**, Porto Velho, 18 de mar. 1985, p.5.

Apoena acredita que garoto raptado pelos Uru-eu-wau-wau esteja vivo. **O Estadão de Rondônia**, Porto Velho, 23 de abril 1981, Capa.

Cartas: Rondônia. **Veja**, São Paulo, 24 de set. 1980, p. 10-12.

Colonos fazem passeata e querem continuar no Lourdes. **O Parceleiro**, Ariquemes, 13 de out. 1984. p. 3.

Colonos invadem terras indígenas. **Alto Madeira,** Porto Velho, 7 de dez. 1983, p.4.

Conflito de terras: invasão de terras indígenas em Rondônia repercute em Brasília. **O Guaporé**, Porto Velho, 28 de abril 1985, p. 3.

CPI denuncia excessos no "Igarapé Lourdes". **O Guaporé**, Porto Velho, 13 de março. 1983, p. 2.

Dia do índio comemorado ontem em Porto Velho, **O Estadão de Rondônia**. Porto Velho, 20 de abril 1982, Capa.

Domínio Paulista. **Veja**, São Paulo, 13 de fev. 1980, p. 24.

E o fluxo migratório. **O Estadão de Rondônia**, Porto Velho, 1º de jan. 1981, p.2.

FUNAI vai tentar convencer colonos a deixarem Lourdes nesta quinzena. A **Tribuna**, Porto Velho, 6 de jan. 1984, p. 8.

FUNAI abre parque para comunidade científica. **O Estadão de Rondônia**, Porto Velho, 16 de maio de 1982, p.5.

FUNAI ainda não verificou o quadro real em Lourdes. **A Tribuna**, Porto Velho, 14 de dez. 1983, p. 3.

Índios denunciam a ministro, invasão de terras. **O Guaporé**, Porto Velho, 26 de abr. 1985, p. 3.

Índios libertam 10 reféns. **A Tribuna Popular**, Cacoal, 14 e15 de set. 1985, p.1.

Índios libertam reféns. **O Liberal**, Belém, 4 de set. 1984, p. 4.

Índios se preparam para a guerra. **O Estado de Rondônia,** Porto Velho, 11 de agos. 1984, p.4.

Índios Uru Eu Wau Wau fizeram nova visita ao posto Alta Lídia. **O Estadão de Rondônia**, Porto Velho, 8 de set. 1981, p.3.

Índios. **O Estadão de Rondônia**, Porto Velho, 16 de set. 1981, Capa.

Interesses políticos. **O Parceleiro**, Ariquemes, 24 de jan. 1981, p.2.

Invandem Lourdes, diz Incra. **A Tribuna**, Porto Velho, 27 de nov. 1983, p. 8.

Invasão conflituam órgãos. **O Estadão de Rondônia**, Porto Velho, 29 de Nov. 1983, Capa.

Invasão de Terra Indígena em Rondônia repercute em Brasília. **O Guaporé**, 26 de abril 1984, p.6.

Invasão. **O Estadão de Rondônia**, Porto Velho, 16 de maio 1984, p.8

Juruna pede atenção para Arara e Gaviões. **O Estado de Rondônia,** Porto Velho, 27 de març. 1984, p.1.

Leia o Estadão (propaganda). **O Estadão de Rondônia,** Porto Velho, 29 de mar. 1981, p.3.

Lourdes. **O Estadão de Rondônia**, Porto Velho, 31 de ago. 1984, Capa.

Nações indígenas ameaçadas com o desvio da rodovia 364. **O Estadão de Rondônia**, Porto Velho, 24 de abril 1982, Capa.

Nasce o Estadão: flagra da inauguração do mais moderno jornal de Rondônia. **O Estadão de Rondônia**, Porto Velho, 27 de Nov. 1980, p.6.

NETO, Carlos Sperança. Entrevista: Grandes editores de jornais em Rondônia. **Diário da Amazônia**, Porto Velho, edição online, dezembro 2013. Disponível em: http://www.diariodaamazonia.com.br/entrevista-carlos-speranca-neto-carlao/ acessado em 22 de nov. 2013.

O faroeste brasileiro. **Veja**, São Paulo, 27 de ag. 1980, p. 59.

Os minérios nas áreas indígenas. **O Estadão de Rondônia**, Porto Velho, 12 de jan. 1985, p.5.

Os Uru-eu-wau-wau se aproximam da civilização. **O Estadão de Rondônia**, Porto Velho, p.5.

Panewa Especial: Conselho Indigenista Missionário, 2002.

Parintintin não troca aldeia por estrada. **O Estadão de Rondônia**, Porto Velho, 30 de abril 1982, p.5.

Polícia Federal intervirá em Lourdes. **A Tribuna Popular**, Cacoal, 6 de jan. 1984, p. 3.

Por uma nova imagem de Rondônia. **O Estadão de Rondônia**, Porto Velho, 25 de jan. 1981, p. 02.

Rita Furtado: emissoras de televisão não entram em operação por falta de condições energéticas. **A Tribuna Popular**, Cacoal, 1985, p.3.

Rondônia é o quarto produtor de café em todo o país. **O Guaporé**, Porto Velho, 15 de jan. 1985, p.6.

Rondônia possui cerca de 4 mil índios. **O Estadão de Rondônia**, Porto Velho, 18 de abril 1982, p.03.

Teixeira exorta a imprensa a melhorar imagem de Rondônia, **O Estadão de Rondônia.** Porto Velho, 24 de jan. 1981, Capa.

Veja, São Paulo, 27 de ag. 1980, p. 58.

APÊNDICE A – QUADRO 1: A QUESTÃO INDÍGENA NO JORNAL ESTADÃO DO NORTE (1981-1985)

N°	TITULO DA NOTÍCIA	DATA	TEMA	SUBTEMA	ETNIA	FALA NÃO INDÍGENA	FALA INDÍGENA	ESTADO
1	**FUNAI acusada de dizimar os grupos indígenas**	24/03/1981	VIOLÊNCIA	Demarcação de T.I.	Maxakali, Xakriabá, Tupiniquim e Guarani.	CIMI	------	MG
2	**Apoena acredita que garoto raptado pelos URU-EU-WAU-WAU esteja vivo**	23/04/1981	VIOLÊNCIA	Sequestro de não-índios por índios	Uru-eu-wau-wau	FUNAI	------	RO
3	**Área indígena quase demarcada**	23/04/1981	MULTITEMÁTICO: TERRA INDÍGENA/FRENTES DE ATRAÇÃO/ VIOLÊNCIA	Demarcação/Reação indígena.	Suruí, Uru-eu-wau-wau.	FUNAI	------	RO
4	**Ed. Índios ou Brancos?**	24/04/1981	VIOLÊNCIA	Invasão de Terras Indígenas (T.I).	------	JORNAL	------	PA
5	**Andreazza vai assinar convênio para assistência médica aos indos "XINGUS"**	26/04/1981	SAÚDE	Assistência Médica	------	MINISTÉRIO DO INTERIOR	------	SP MT
6	**Índios cercados por jagunços em Pernambuco**	03/05/1981	VIOLÊNCIA	Pistolagem	Kapinaua	CIMI	------	PE

7	**Cultura indígena é tema de concurso: semana do meio ambiente**	07/05/1981	EDUCAÇÃO	Concursos de redação	------	PREFEITURA DE PORTO VELHO	------	RO
8	**Chefes de postos indígenas morrem em acidente aéreo**	09/05/1981	ACIDENTE AEREO	Acidente aéreo	------	FUNAI	------	RO
9	**O drama de um índio cego, afastado da tribo Jaminauá**	09/05/1981	ABANDONO	Mendicância	Jaminauá	JORNAL	Deusdete	RO
10	**Apoena Meirelles diz que Deusdete recusou ajuda da FUNAI**	13/05/1981	ABANDONO	Mendicância	------	FUNAI	Deusdete	RO
11	**FUNAI: Deusdete prefere perambular pelas ruas**	13/05/1981	ABANDONO	Mendicância	Jaminauá	FUNAI	Deusdete	RO
12	**FUNAI suspeita de indução no ataque dos Xavantes no MT**	20/05/1981	VIOLÊNCIA	Ataques indígenas	Xavante	FUNAI	------	MT
13	**FUNAI retira funcionários do posto de IBIRAMA**	24/05/1981	EMANCIPAÇÃO	Extração de madeiras	Xokleng e Guarani	FUNAI	------	PR, SC
14	**Advogado rebate declarações da FUNAI**	03/07/1981	TERRA INDÍGENA	Disputa por terra	------	ADVOGADO (dos colonos)	------	RO

15	**Índios Cinta-Larga encontrados vivos**	07/07/1981	VIOLÊNCIA	Invasão de T.I.	Cinta larga	FUNAI	------	RO
16	**INCRA: posseiros serão tratados como invasores**	21/07/1981	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	------	INCRA	------	RO
17	**INCRA apura denúncias de colonização clandestina em Cacoal**	21/07/1981	TERRA INDÍGENA	Disputa por terra	------	INCRA	------	RO
18	**Advogado entrou ontem com ação contra a FUNAI**	01/08/1981	TERRA INDÍGENA	Demarcação de T.I.	------	ADVOGADO (dos colonos)	------	RO
19	**Juruna objetiva criação da Federação das Nações Indígenas**	05/08/1981	POLÍTICA INDIGENISTA	Disputa por terra	Diversas	Ausente	Cacique Juruna	RS
20	**FUNAI teme alastramento da crise de mortandade dos índios Macurapés**	18/08/1981	VIOLÊNCIA	Extermínio	Macurap	JORNAL	------	RO
21	**Problemas indígenas de Rondônia foram debatidos em Brasília.**	25/08/1981	POLÍTICA INDIGENISTA	Extermínio	------	JORNAL	------	BRS
22	**Apoena debate problemas indígenas em Brasília.**	25/08/1981	POLÍTICA INDIGENISTA	Extermínio	------	JORNAL	------	BRS

23	**Índios**	16/09/1981	VIOLÊNCIA	Extermínio	------	CONFEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NA AGRICUL-TURA – CONTAG	------	AC
24	**FUNAI**	20/10/1981	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	------	MINISTÉRIO DO INTERIOR	------	BRS
25	**Índios**	27/10/1981	POLÍTICA INDIGENISTA	Disputa de T.I.	Xavante, Bororo, Karajá e Terena	MINISTÉRIO DO INTERIOR	Marcos Mariano Terena, Paulo Terena, Paulo Miracure Bororo, e Idjarup	BRS
26	**Os Kaxarari doentes querem logo suas terras demarcadas**	04/11/1981	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Kaxarari	JORNAL	------	RO AC AM
27	**Os últimos Kaxarari**	04/11/1981	VIOLÊNCIA	Extermínio	Kaxarari	JORNAL	------	RO AC AM
28	**Índios Uru-eu-wau-wau fizeram nova visita ao posto Alta Lídia.**	08/12/1981	CONTATO	Invasão de T.I.	Uru-Eu-Wau-Wau	MINISTÉRIO DO INTERIOR	------	RO
29	**Os Uru-eu-Wau-Wau se aproximam da civilização**	08/12/1981	CONTATO	Invasão de T.I.	Uru-Eu-Wau-Wau	MINISTÉRIO DO INTERIOR	------	RO
30	**Terra e paz para os índios**	20/12/1981	POLÍTICA INDIGENISTA	Garimpo	Terena	Ausente	Marcos Terena	BRS

31	**A verdade dos Nambikwára**	10/01/1982	VIOLÊNCIA	Extermínio	Nambikwara	JORNAL	------	RO
32	**Documento: Quase indefesos, a caminho do fim, os Nambiquara do Vale resistirão.**	10/01/1982	VIOLÊNCIA	Extermínio	Nambikwara	JORNAL	------	RO
33	**FUNAI: índios Pataxos estão vivendo em regime de concentração**	16/01/1982	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Pataxó	FUNAI	------	BA
34	**Conflitos de terras entre grileiros e índios no sertão pernambucano**	23/01/1982	TERRA INDÍGENA	Demarcação de T.I.	Kapinawá	CIMI	------	PE
35	**Índios Xucuru Kariri em pé de guerra**	11/02/1982	TERRA INDÍGENA	Demarcação de T.I.	Xucuru Kariri	JORNAL	------	AL
36	**Índios Arara visitam posto da FUNAI em Altamira, Pará**	21/02/1982	CONTATO	Disputa por terra	Arara	JORNAL	------	PA
37	**FUNAI está resolvendo problemas das reservas indígenas de RO**	06/03/1982	MULTITEMÁTICO: CONTATO/TERRA INDÍGENA/DENÚNCIA	Disputa jurídica	------	FUNAI	------	RO AC
38	**Andreazza interdita área em favor dos Yanomani**	10/03/1982	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Yanomani	MINISTÉRIO DO INTERIOR	------	BRS

39	**FUNAI supera incidente e retomam contatos com os Uru-eu-wau-wau**	14/03/1982	CONTATO	Invasão de T.I.	Uru-Eu-Wau-Wau	FUNAI	------	RO
40	**Sertanista ferido pelos indos Uru-eu-wau-wau passa bem no HSJ**	14/03/1982	CONTATO	Invasão de T.I.	Uru-Eu-Wau-Wau	FUNAI	------	RO
41	**Índios Machacalis denunciam invasão de aldeias em Minas**	23/03/1982	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Maxacalis	Ausente	Carmindo Tintin e Gustavo Machacali	MG
42	**Surto de gripe atinge índios arara no Pará**	26/03/1982	SAÚDE	Invasão de T.I.	Arara	FUNAI	------	PA
43	**FUNAI movimenta estudantes com concurso sobre a semana do índio**	01/04/1982	DIA DO ÍNDIO	Demarcação de T.I.	------	FUNAI	------	RO
44	**FUNAI aguarda convite para visitar os Uru-eu-wau-wau**	17/04/1982	CONTATO	Invasão de T.I.	Uru-Eu-Wau-Wau	FUNAI	------	RO
45	**Rondônia possui cerca de 4 mil índios**	18/04/1982	DIA DO ÍNDIO	Garimpagem e mini-hidrelétrica	------	FUNAI	------	RO
46	**Dia do índio comemorado ontem, em Porto Velho**	20/04/1982	DIA DO ÍNDIO	Invasão de T.I.	Karipuna, Surui, Masaca (?) e Karitiana	FUNAI	------	RO

47	**Uru-eu-wau-wau pernoitam no acampamento da FUNAI**	21/04/1982	CONTATO	Invasão de T.I.	Suruí, Apurinã, Cinta Larga e Parintintin	FUNAI	------	RO
48	**Nações indígenas ameaçadas com 6 desvio da rodovia 364**	23/04/1982	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Nambikwara	CIMI	------	RO
49	**Índios e mulher brasileira receberão apoio do MNJCV**	23/04/1982	MULTITEMÁTICO: DIREITOS CIVIS: MULHERES, SEM TERRAS, ÍNDIOS...	Invasão de T.I.	------	MOVIMENTO DE DEFESA DOS FAVELADOS DE SÃO PAULO	------	MG
50	**Nações indígenas ameaçadas com desvio da BR-364**	23/04/1982	SAÚDE	Invasão de T.I.	Nambikwara	CIMI	------	RO MT
51	**CIMI refuta ideias do governador sobre as terras indígenas**	24/04/1982	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	------	CIMI	------	RO
52	**Índios cadiveus reclamam de invasões**	30/04/1982	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Cadiveu	FUNAI	------	MT
53	**Parintintin não troca aldeia por estrada**	30/04/1982	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Mura, Aripunã (?), Munduruku, Tenharim, Diahoi, Tora, Pirahã e Parintintin	JORNAL	Paulino Idiet	RO
54	**Apoena confirma demissão da FUNAI**	16/05/1982	POLÍTICA INDIGENISTA	Invasão de T.I.	------	JORNAL	------	RO

55	**FUNAI reabre parque para a comunidade cientifica**	16/05/1982	POLÍTICA INDIGENISTA	Demarcação de T.I.	Suia (?)	FUNAI	------	MT
56	**Verão prejudica contatos com os URU-EU-WAU-WAU**	21/05/1982	CONTATO	Demarcação de T.I.	Uru-eu-wau-wau	FUNAI	------	RO
57	**Plano sinistro ameaça esses índios**	23/05/1982	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Tukano, Desana, Wanana (?)	JORNAL	------	AM
58	**Plano sinistro ameaça índios do alto rio negro**	23/05/1982	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Tukano, Desana, Wanana (?)	JORNAL	Carlos Machado e Gabriel Gentil (índios Tukano)	AM
59	**FUNAI troca brindes com os índios URU-EU-WAU-WAU**	29/05/1982	CONTATO	Invasão de T.I.	Uru-eu-wau-wau	FUNAI	------	RO
60	**"Wau-wau" demoram-se mais no contato com a frente de atração**	29/05/1982	CONTATO	Invasão de T.I.	Uru-eu-wau-wau	FUNAI	------	RO
61	**Benamour assume FUNAI, dia 10**	04/06/1982	POLÍTICA INDIGENISTA	Invasão de T.I.	------	FUNAI	------	RO
62	**Padre revela como contatou os "SALUMÃ" 21 anos atrás em MT**	04/06/1982	CONTATO	Invasão de T.I.	Salumã, Nambikwara, Rikbaktsá	CIMI	------	MT

63	**Índios ameaçados por conflitos em garimpo**	04/07/1982	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Cinta-largas	FUNAI	------	RO
64	**Um novo contato com os wau-wau**	29/07/1982	CONTATO	Invasão de T.I.	Uru-Eu-Wau-Wau	FUNAI	------	RO
65	**Índios do Guaporé: Agricultura, o que resta para os "PAKAAS-NOVA"**	17/08/1982	POLÍTICA INDIGENISTA	Invasão de T.I.	Pacaás- Novos, Karitiana, Macurap, Kaxinauá, Arara, Gavião, Tenharim, Kulina, Cinta Larga,	FUNAI	------	RO MT AC AM
66	**Flagrante (foto de crianças índias)**	20/08/1982	PROTECIONISMO	Invasão de T.I.	------	JORNAL	------	RO
67	**Cardeal defende direito natural para indígenas**	24/09/1982	POLÍTICA INDIGENISTA	Invasão de T.I.	Pataxó	CIMI	------	BA
68	**Incendiada casa para Pataxó**	25/09/1982	VIOLÊNCIA	Invasão de T.I.	Pataxó	CIMI FUNAI	Cacique Samado (Pataxó)	BA
69	**FUNAI faz novo contato com os URU-EU-WAU-WAU**	28/09/1982	CONTATO	Invasão de T.I.	Uru-eu-wau-wau	FUNAI	------	RO
70	**Índios KAIOWÁ são presos e torturados**	29/09/1982	VIOLÊNCIA	Invasão de T.I.	Kaiowá	CIMI	------	MT

71	**WAIMIRÍ e ATROARÍ, um caminho de incertezas**	29/09/1982	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Waimirí-Atroarí	CIMI FUNAI	------	RR AM
72	**Índios XAVANTE vai correr em Brasília**	01/10/1982	ESPORTE	Invasão de T.I.	Xavante	Ausente	Carlos Xavante, Tadeu Xavante, Carlos Terena.	BRS
73	**Administrador do parque do Aripuanã suicida-se**	17/10/1982	VIOLÊNCIA	Invasão de T.I.	Zoró, Uru-eu-wau-wau.	FUNAI	------	MT
74	**Sertanista Zé Bel suicida-se**	17/10/1982	VIOLÊNCIA	Invasão de T.I.	Uru-eu-wau-wau.	FUNAI	------	MT
75	**Os SURUI perdem seu incansável defensor**	17/10/1982	POLÍTICA INDIGENISTA	Invasão de T.I.	Suruí, Zoró	FUNAI	------	RO
76	**Flagrante (foto de mãe TIKUNA)**	21/10/1982	MATERNIDADE	Invasão de T.I.	Tikuna	JORNAL	-----	RO
77	**FUNAI informa: 250 índios podem participar do pleito**	27/10/1982	POLÍTICA	Invasão de T.I.	------	FUNAI	------	RO MT AC AM
78	**Índios denunciam empresa (Brasília)**	04/11/1982	TERRA INDÍGENA	Disputa jurídica	Satere-Maué	Ausente	------	AM

79	**Zé Bel não se suicidou, laudo acusou acidente**	24/12/1982	VIOLÊNCIA	Disputa jurídica	------	FUNAI	------	MT
80	**Promiscuidade: Acusam a FUNAI**	07/01/1983	VIOLÊNCIA	Disputa jurídica	Karitiana	Ausente	Neide Moraes (Índia Karitiana)	RO
81	**Sindicância na FUNAI. Apuram denúncia de promiscuidade**	08/01/1983	VIOLÊNCIA	Disputa jurídica	Karitiana	FUNAI	Neide Moraes (Índia Karitiana)	RO
82	**FUNAI instaura sindicância para apurar Acusação de promiscuidade**	08/01/1983	VIOLÊNCIA	Expulsão de colonos	Karitiana	FUNAI	Neide Moraes (Índia Karitiana)	RO
83	**Sexo acusações a FUNAI de novo**	14/01/1983	VIOLÊNCIA	Expulsão de colonos	Karitiana	Ausente	Neide Moraes (Índia Karitiana)	RO
84	**O Estado Especial "Karitiana confirma acusações a ex-chefe de posto"**	14/01/1983	VIOLÊNCIA	Expulsão de colonos	Karitiana	Ausente	Neide Moraes (Índia Karitiana)	RO
85	**Índia e a FUNAI (ela foi na PF e acusa agora Benamour fontes)**	15/01/1983	VIOLÊNCIA	Demarcação de T.I.	Karitiana	Ausente	Neide Moraes (Índia Karitiana)	RO
86	**Karitiana diz que foi atacada por Benamour**	15/01/1983	VIOLÊNCIA	Expulsão de colonos	Karitiana	Ausente	Neide Moraes (Índia Karitiana)	RO

87	**Editorial: FUNAI nova proposta**	15/01/1983	RAÇA	Expulsão de colonos	------	JORNAL	------	RO
88	**Como evitar a violência, se os pobres continuam espoliados**	10/03/1983	TERRA INDÍGENA	Expulsão de colonos	Nambikwara	CIMI	------	RO
89	**FUNAI processará médico de Vilhena por omissão**	19/03/1983	SAÚDE	Expulsão de colonos	Pareci	FUNAI	------	RO
90	**Em Vilhena FUNAI processará médico**	19/03/1983	SAÚDE	Mineração	Pareci	FUNAI	------	RO
91	**Demarcação da reserva Nambikwara**	06/04/1983	TERRA INDÍGENA	Mineração	Nambikwara	BANCO MUNDIAL	------	RO
92	**Semana do índio, um momento de reflexão**	14/04/1983	DIA DO ÍNDIO	Mineração	------	CIMI CNPQ	------	RO
93	**Feira indígena de artesanato**	15/04/1983	DIA DO ÍNDIO	Mineração	------	ESCOLA CÂNDIDO PORTINARI	------	RO
94	**Criticas a FUNAI no dia (triste) do índio**	19/04/1983	DIA DO ÍNDIO	Disputa por terra	------	CIMI	------	RO

95	**FUNAI não fez quase nada pelos índios Nambikwara (Dal Maso)**	19/04/1983	VIOLÊNCIA	Expulsão de colonos	Nambikwara	CIMI	------	RO
96	**O grito indígena é um só: garantia para suas terras**	20/04/1983	TERRA INDÍGENA	Disputa por terra	Xavante, Bakairi, Irantxe.	Ausente	Atanásio Iolaci Irantxe	MT
97	**“terras dos índios”, hoje**	23/04/1983	DIA DO ÍNDIO	Garimpo	Kaingang e Nanoai (?)	CIMI	------	RO
98	**Famíndio com sucesso**	24/04/1983 25/04/1983	DIA DO ÍNDIO	Expulsão de colonos	------	CIMI	------	RO
99	**Famíndio reúne grande publico. E lembra o índio**	24/04/1983 25/04/1983	DIA DO ÍNDIO	Expulsão de colonos	------	CIMI	------	RO
100	**Uru-eu-wau-wau, uma atração difícil**	19/05/1983	CONTATO	Expulsão de colonos	Uru-eu-wau-wau.	FUNAI	------	RO
101	**Juruna responsabiliza FUNAI por conflitos**	12/06/1983 13/06/1983	VIOLÊNCIA	Demarcação de T.I.	Kaikang, Pataxós	Ausente	Índio Mário Juruna	BRS
102	**CIMI cobra FUNAI e a sindicância?**	02/07/1983	VIOLÊNCIA	Madeira	Karitiana	CIMI	Neide Moraes (Indía Karitiana)	RO

103	**Conflitos entre ZORÓ e PARCELEIROS**	02/07/1983	VIOLÊNCIA	Indenização	Zoró	JORNAL	------	RO
104	**Salomão assume FUNAI e CIMI cobra sindicância**	02/07/1983	VIOLÊNCIA	Demarcação de T.I.	Karitiana	CIMI	Neide Moraes (Indía Karitiana)	RO
105	**A reserva dos índios ZORÓ está ameaçada a conflitos.**	02/07/1983	TERRA INDÍGENA	Demarcação de T.I.	Zoró	JORNAL	------	RO
106	**Os "WAU-WAU" ficam 5 dias na frente de atração**	07/07/1983	CONTATO	Demarcação de T.I.	Uru-eu-wau-wau, Suruí	FUNAI	------	RO
107	**A destruição dos índios que a história tentou esconder: Parte 1**	27/07/1983	AVANÇO DE FRONTEIRAS	Disputa por terra	Várias	CIMI	------	RO
108	**Documento do CIMI e a realidade do índio**	27/07/1983	VIOLÊNCIA	Demarcação de T.I.	Uru-eu-wau-wau, Uru-pá-in (?), Makurap Karitiana.	CIMI	------	RO
109	**No relatório, a mostra da flagrante destruição**	28/07/1983	VIOLÊNCIA	Demarcação de T.I.	Uru-eu-wau-wau, Uru-pá-in (?), Makurap Karitiana.	CIMI	------	RO

110	**Silencio na FUNAI: o novo presidente Otávio Lima não quer o nome do órgão em noticiários**	16/08/1983	POLÍTICA INDIGENISTA	Crítica a FUNAI	Índios do Xingu, Kadweus, Pataxó Há-Há-Hãe	JORNAL	Alcides Maxacali, Nelson Saracura (cacique) e Mario Juruna (Cacique).	MS MG BH
111	**Presidente da FUNAI fez demarcações no Guaporé**	21/08/1983 22/08/1983	POLÍTICA INDIGENISTA	Demarcação de T.I.	Nambikwara	FUNAI	------	RO
112	**Juruna promete candidatar-se**	31/08/1983	POLÍTICA INDIGENISTA	Eleições	Xavantes	Ausente	Mário Juruna (Cacique)	BRS
113	**Uru-eu-wau-wau visitam posto Ary Daltoé**	03/09/1983	CONTATO	Frente de atração	URU-EU-UAU-UAU	FUNAI	------	RO
114	**Juruna não será cassado**	04/10/1983	POLÍTICA INDIGENISTA	Ameaça de cassação de Juruna	------	GOVERNO FEDERAL	------	RO
115	**Bocayuna apóia o adiantamento sobre "AFFAIR" Juruna**	04/10/1983	POLÍTICA INDIGENISTA	Ameaça de cassação de Juruna	------	CÂMARA DOS DEPUTADOS	Mario Juruna	BRS
116	**Caciques vão ao planalto em solidariedade a Mário**	04/10/1983	POLÍTICA INDIGENISTA	Ameaça de cassação de Juruna	------	Ausente	Raoni (Cacique), Marcos Terena e Mario Juruna	BRS

117	**Pataxós saem vitoriosos**	06/10/1983	TERRA INDÍGENA	Disputa jurídica	Pataxós	FUNAI TRIBUNAL FEDERAL	------	BA
118	**Invasões conflituam órgãos**	29/11/1983	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Arara, gavião, Zoró	INCRA FUNAI	------	RO
119	**Invasão de áreas indígenas conflitua INCRA, FUNAI, e CIMI**	29/11/1983	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Arara, Gavião, Zoró	INCRA FUNAI CIMI	------	RO
120	**Índio Aripunã volta a fazer denuncias**	30/11/1983	MULTITEMÁTCO: SAÚDE/ VIOLÊNCIA	Má atendimento médico/ Assassinato (de índios)	Pataxó e Aripunã	JORNAL	Antonio Apurinã	RO BA MT
121	**FUNAI e INCRA vão ao Lourdes ver a invasão**	06/12/1983	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Gavião, Arara, Zoró	INCRA FUNAI	------	RO AM
123	**"Choco" do índio (ou o mundo dos Pakaas-Nova)**	11/12/1983 12/12/1983	CULTURA	Cultura indígena	Pacaás- Novos	JORNAL	------	RO
124	**FUNAI ameaça tomar medidas contra colonos resistentes**	20/12/1983	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Gavião, Arara	FUNAI	------	RO
125	**FUNAI pedirá ação da policia federal**	09/01/1984	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Arara, Gavião, Pacaás- Novos, Tenharim, Surui e Karipuna	FUNAI INCRA POLÍCIA FEDERAL	------	RO

126	**Uru-eu-wau-wau mataram colono na madrugada de natal**	17/01/1984	VIOLÊNCIA	Assassinato cometido por índios	Uru-eu-Wau-Wau	FUNAI	------	RO
127	**Territórios indígenas registrados pela FUNAI**	21/01/1984	TERRA INDÍGENA	Demarcação de T.I.	Arara e Gavião	FUNAI	------	RO
128	**Apoena Meireles volta a Rondônia e reassume FUNAI**	03/02/1984	POLÍTICA INDIGENISTA	FUNAI	------	FUNAI	------	RO
129	**Apoena deve trazer novas**	09/02/1984	POLÍTICA INDIGENISTA	FUNAI	------	FUNAI	------	RO
130	**FUNAI espera resolver invasão sem traumas**	09/02/1984	TERRA INDÍGENA	Invasão	Uru-eu-Wau-Wau	FUNAI	------	RO
131	**FUNAI dá curso para professores em Vilhena**	09/02/1984	EDUCAÇÃO	Treinamento bilíngue	------	FUNAI	------	RO
132	**Sertanista mostra em Brasília problemas do índio em Rondônia**	17/03/1984	TERRA INDÍGENA	Garimpagem e mini-hidrelétrica	Cinta Larga	FUNAI	------	RO
133	**Juruna pede atenção para Arara e Gaviões**	27/03/1984	POLÍTICA INDIGENISTA	Invasão de T.I.	Arara, Gaviões	DEPUTADO FEDERAL	Mário Juruna (Cacique e deputado)	RO

134	**Juruna visitou Teixeira**	27/03/1984	POLÍTICA INDIGENISTA	Invasão de T.I.	Arara e Gaviões	DEPUTADO FEDERAL	------	RO
135	**Casa do índio terá apoio do Banco Mundial**	31/03/1984	POLÍTICA INDIGENISTA	Assistência médica	Uru-eu-wau-wau	FUNAI	------	RO
136	**Apoena discute hoje em Brasília, nossos índios**	03/04/1984	POLÍTICA INDIGENISTA	Invasão de T.I.	Gavião, Uru-eu-wau-wau	FUNAI	------	RO
137	**Invasão**	15/04/1984	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Uru-eu-wau-wau, Arara, Gaviões	FUNAI	------	RO
138	**Vilhena prepara-se para o dia do índio**	17/04/1984	DIA DO ÍNDIO	Comemora-ções	Nambiquara	PREFEITURA DE VILHENA	------	RO
139	**A questão indígena e a reconstituição nacional**	07/05/1984	POLÍTICA INDIGENISTA	Denúncias de problemas socais	Satere-Maué, Waimiri-Atroari, Kadweus, Cinta-largas, Munduruku, Kaipó, Yanomani	CIMI	------	RO
140	**Apoena não tem candidato para presidir a FUNAI**	08/05/1984	MULTITEMÁTICO: POLÍTICA INDIGENISTA/TERRA INDÍGENA	"Eleições" interna/Invasão de T.I. (Igarapé Lourdes)	Txucarramães	FUNAI	------	RO
141	**Equipe da FUNAI visita 7 aldeias indígenas**	15/06/1984	POLÍTICA INDIGENISTA	Assistência médica	------	FUNAI	------	RO

142	**Gavião**	23/06/1984	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Gavião	ASSEMBLÉIA ESTADUAL	------	RO
143	**Dias denuncia a invasão da reserva dos Gaviões**	23/06/1984	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Gavião	ASSEMBLÉIA ESTADUAL	------	RO
144	**Gavião**	26/06/1984	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Gavião	FUNAI	------	RO
145	**Gavião não tiveram conflito diz Amaury**	26/06/1984	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Gavião	FUNAI	------	RO
146	**Índios Gaviões sofrem invasão**	05/07/1984	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Gavião	FUNAI	------	RO
147	**Vieira explica como a FUNAI agirá em Lourdes**	05/07/1984	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Gavião	FUNAI	------	RO
148	**FUNAI teme massacre de índios na reserva**	12/07/1984	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	------	FUNAI	------	RO
149	**FUNAI admite tensão indígena**	12/07/1984	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Gavião, Araras	FUNAI	------	RO

150	**Apoena está, agora, a espera da demissão.**	17/07/1984	POLÍTICA INDIGENISTA	FUNAI	------	JORNAL	------	RO
151	**FUNAI não readmite delegado**	18/07/1984	POLÍTICA INDIGENISTA	FUNAI	------	FUNAI	Mário Jacinto (cacique guarani)	SP
152	**Apoena não pede demissão**	21/07/1984	POLÍTICA INDIGENISTA	FUNAI	------	FUNAI	------	RO
153	**FUNAI visita os índios Nambikwara**	24/07/1984	POLÍTICA INDIGENISTA	Visita do presidente nacional da FUNAI	Nambikwara	FUNAI	------	RO
154	**Índios de RO querem energia**	24/07/1984	POLÍTICA INDIGENISTA	Visita do presidente nacional da FUNAI	Nambikwara	FUNAI	Heládio (Cacique)	RO
155	**Índios libertam missionárias**	25/07/1984	VIOLÊNCIA	Fim de sequestro (de não-índio)	Gavião, Arara	FUNAI CIMI	------	RO
156	**CIMI desmente FUNAI**	25/07/1984	VIOLÊNCIA	Fim de sequestro (de não-índio)	Gaviões, Arara	CIMI	------	RO
157	**Yokota: não acredito no CIMI**	26/07/1984	POLÍTICA INDIGENISTA	Disputa entre CIMI e INCRA	------	INCRA CIMI	------	RO

158	**Seringal 70 será desapropriado hoje**	26/07/1984	POLÍTICA INDIGENISTA	Disputa entre CIMI e INCRA	------	INCRA CIMI	------	RO
159	**FUNAI demarca nova reserva**	27/07/1984	TERRA INDÍGENA	Demarcação de T.I.	Mequéns	FUNAI	------	RO
160	**Faltam os recursos passa FUNAI**	27/07/1984	TERRA INDÍGENA	Demarcação	Mequéns, Zorós	FUNAI	------	RO
161	**Invasão**	28/07/1984	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Mequéns	CIMI	------	RO
162	**Mequéns enfrentam os invasores**	28/07/1984	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Mequéns	CIMI	------	RO
163	**FUNAI pode intervir na área dos mequéns**	01/08/1984	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Mequéns	FUNAI	------	RO
164	**Tensão no Parque de Lourdes**	02/08/1984	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	------	CIMI	------	RO
165	**CIMI reprova decisão do Juiz**	07/08/1984	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Arara, Gavião	CIMI	------	RO

166	**FUNAI não vai recorrer à justiça**	08/08/1984	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	------	FUNAI	------	RO
167	**Índios se preparam para a guerra**	11/08/1984	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Arara, Gavião	FUNAI	João Gavião, Manequito, Antonio Mandoi (índios gavião)	RO
168	**Situação das tribos de RO é lamentável**	13/08/1984	POLÍTICA INDIGENISTA	Invasão de T.I.	Uru-eu-wau-wau, Karipuna, Zoró, Cinta-larga, Irantxe, Pareci, Kaxarari, Bakairi, Mequém,	POLO NOROESTE	------	RO
169	**Índios mataram por vingança**	15/08/1984	VIOLÊNCIA	Assassinato cometido por índios	Cinta-Larga	FUNAI	------	RO
170	**Aumenta a tensão em Lourdes**	19/08/1984	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Arara, Gavião	Ausente	Catarino Sebirope (cacique Gavião) Álvaro Noepe (cacique Arara)	RO
171	**FUNAI**	28/08/1984	POLÍTICA INDIGENISTA	Falta de recursos	------	FUNAI	------	RO
172	**FUNAI pode parar: faltam verbas**	28/08/1984	POLÍTICA INDIGENISTA	Falta de recursos	------	FUNAI	------	RO
173	**FUNAI faz nova inspeção ao Vale do Guaporé**	28/08/1984	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	------	FUNAI	------	RO

174	**Insolvência pode fechar a FUNAI**	28/08/1984	POLÍTICA INDIGENISTA	Falta de recursos/ Assistência médica	------	FUNAI	------	RO MA RR
175	**Índios atacam em Lourdes**	29/08/1984	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	------	FUNAI	------	RO
176	**Índios declaram guerra aos invasores**	29/08/1984	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Arara, Gavião	FUNAI	Catarino (cacique Gavião)	RO
177	**Lourdes**	31/08/1984	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Arara, Gavião	FUNAI	------	RO
178	**Índios prendem mais colonos como reféns**	31/08/1984	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Arara, Gavião	FUNAI	------	RO
179	**FUNAI espera solucionar impasse**	31/08/1984	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Arara, Gavião	FUNAI	------	RO
180	**Reféns de índios: trabalho forçado**	04/09/1984	VIOLÊNCIA	Sequestro de não-índios por índios	Arara, Gavião	FUNAI	------	RO
181	**Reféns punidos com trabalho forçado**	04/09/1984	VIOLÊNCIA	Sequestro de não-índios por índios	Arara, Gaviões	FUNAI	------	RO

182	**Índios aceitam aguardar decisão da justiça**	04/09/1984	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Arara, Gavião	FUNAI	------	RO
183	**Jotão vê inauguração e vai ao P. indígena**	04/09/1984	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Arara, Gavião	FUNAI PREFEITURA DE JI-PARANÁ	Álvaro Noepe (Cacique Arara)	RO
184	**Lourdes**	05/09/1984	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	------	INCRA	------	RO
185	**INCRA culpa FUNAI pelo impasse**	05/09/1984	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Arara, Gavião	INCRA	------	RO
186	**Clima ainda é tenso no Parque de Lourdes**	06/09/1984	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Arara, Gavião	ASSEMBLÉIA ESTADUAL	------	RO
187	**Índios Ackel responde apelo de José Bianco**	07/09/1984	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Arara, Gavião	MINISTÉRIO DA JUSTIÇA	------	RO
188	**FUNAI espera libertar os reféns de Lourdes dia 16**	09/09/1984	VIOLÊNCIA	Sequestro de não-índios por índios	Gavião, Arara	FUNAI	------	RO
189	**FUNAI assiste reféns em Lourdes**	09/09/1984	VIOLÊNCIA	Sequestro de não-índios por índios	Gavião, Arara	FUNAI	------	RO

190	**Índios sofrem com migração**	12/09/1984	POLÍTICA INDIGENISTA	Criticas a FUNAI/Invasão	Gavião, Arara	FUNAI	------	RO
191	**Apoena: posso ser novo refém**	14/09/1984	TERRA INDÍGENA	Invasão de T.I.	Gavião, Arara	FUNAI	------	RO
191	**Índios liberam reféns**	18/09/1984	VIOLÊNCIA	Sequestro de não-índios por índios	Gavião	Ausente	Catarino Sebirope (cacique gavião)	RO
192	**Reféns libertados pelos Gaviões**	18/09/1984	VIOLÊNCIA	Sequestro de não-índios por índios	Gavião	Ausente	Catarino Sebirope (cacique gavião)	RO
193	**Justiça dá prazo para invasores**	19/09/1984	TERRA INDÍGENA	Disputa jurídica	Arara, Gavião	FUNAI	------	RO
194	**Liminar**	19/09/1984	TERRA INDÍGENA	Disputa jurídica	Arara, Gavião	FUNAI	------	RO
195	**Ji-Paraná quer solução para 4 mil posseiros de Lourdes**	20/09/1984	TERRA INDÍGENA	Disputa jurídica	------	PREFEITURA DE JI-PARANÁ	------	RO
196	**FUNAI age contra os invasores**	20/09/1984	TERRA INDÍGENA	Disputa jurídica	Arara, Gavião, Cinta-Larga	FUNAI	------	RO

197	**Situação do índio deve piorar**	23/09/1984	POLÍTICA INDIGENISTA	Criticas a FUNAI	------	CIMI	------	RO
198	**Colonos pedem mais prazo**	27/09/1984	TERRA INDÍGENA	Expulsão de colonos	------	ASSEMBLÉIA ESTADUAL	------	RO
199	**INCRA sem condições de assentar colonos**	29/09/1984	TERRA INDÍGENA	Expulsão de colonos	------	INCRA	------	RO
200	**Começam as demissões na FUNAI**	04/10/1984	POLÍTICA INDIGENISTA	Disputa por cargos na FUNAI	------	FUNAI	------	RO
201	**Ernani, do INCRA, garante que há tranquilidade em Ji-paraná**	11/10/1984	TERRA INDÍGENA	Expulsão de colonos	------	INCRA	------	RO
202	**Reservas indígenas o debate**	12/10/1984	TERRA INDÍGENA	Demarcação de T.I.	------	FUNAI	------	RO
203	**Denúncia pode paralisar atuação do Polonoroeste**	14/10/1984	POLONOROESTE	Criticas ao governo federal	------	POLO NOROESTE	------	RO
204	**Povos indígenas estão sob política convulsiva**	02/12/1984	POLÍTICA INDIGENISTA	Criticas a FUNAI	------	UNIÃO DAS NAÇÕES INDÍGENAS	Ailton Krenak	BRS

205	**INCRA faz assentamento**	18/12/1984	TERRA INDÍGENA	Expulsão de colonos	------	INCRA	------	RO
206	**INCRA programa assentamento de 3 mil famílias**	18/12/1984	TERRA INDÍGENA	Expulsão de colonos	------	INCRA	------	RO
207	**Ultimato para posseiros**	22/12/1984	TERRA INDÍGENA	Expulsão de colonos	------	FUNAI	------	RO
208	**Federal vai retirar invasores**	22/12/1984	TERRA INDÍGENA	Expulsão de colonos	------	FUNAI	------	RO
209	**Áreas indígenas abertas á mineradores: decisão surpreende Marabuto e índios consideram-se**	11/01/1985	TERRA INDÍGENA	Mineração	Xerente, Karajá, Tuxuah, kinikinauah,	PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, FUNAI	------	BRS
210	**Os minérios nas áreas indígenas na região amazônica, ouro, cassiterita e manganês, entre outros**	12/01/1985	TERRA INDÍGENA	Mineração	Surucucu	DEPARTAMENTO NACIONAL DA PRODU-ÇÃO MINERAL	------	MG PA AM RR
211	**Posseiros matam trabalhador da FUNAI no Pará**	12/01/1985	VIOLÊNCIA	Assassinato	Gavião (do Pará)	FUNAI	------	PA
212	**Figueiredo suspende decreto**	12/01/1985	TERRA INDÍGENA	Mineração	------	PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA	------	BRS

213	**Índios estão em alerta: Temem invasão**	14/01/1985	TERRA INDÍGENA	Mineração	------	JORNAL	------	BRS
214	**FUNAI está sem créditos, diz APOENA**	24/01/1985	POLÍTICA INDIGENISTA	Críticas a FUNAI	Cinta- Larga	FUNAI	------	MT
215	**Apoena destaca desgaste da FUNAI: Em Cuiabá, os cinta-larga negociam diretamente com o**	24/01/1985	POLÍTICA INDIGENISTA	Críticas a FUNAI	Cinta- Larga, Xavante, Kraho, Canela, Gavião, Apinajé	FUNAI	Lampião e Raoni (caciques)	MT
216	**FUNAI propõe área para os PINAJÉ**	26/01/1985	TERRA INDÍGENA	Disputa por terra	Apinajé, Timbira, Txucarramãe, Xavante, Canelas	FUNAI	------	GO
217	**FUNAI tenta evitar mais conflitos**	05/02/1985	VIOLÊNCIA	Assassinato de membro da FUNAI por posseiros	Uru-eu-wau-wau	FUNAI	------	RO
218	**INCRA resolve conflitos entre colonos e índios**	15/02/1985	TERRA INDÍGENA	Expulsão de colonos	Kadweus	INCRA	------	MS
219	**Juruna lidera índios que pedem Gerson na FUNAI**	22/02/1985	POLÍTICA INDIGENISTA	Disputa de cargos na FUNAI	------	FUNAI	Mário Juruna (Deputado Federal)	BRS
220	**Índios perdem sua identidade**	17/03/1985	CONTATO	Frentes de atração	------	JORNAL	------	RO

221	**Agricultura indígena: Um sistema de produção voltada para o lucro**	18/03/1985	CONTATO	Perca de costumes	Mucurapi (?) Suruí, Cinta-larga.	JORNAL	------	RO
222	**Índios retornam a Tucuru sem violência**	26/03/1985	TERRA INDÍGENA	Disputa por terras	Kaiowá	FUNAI	------	MS
223	**Garimpeiros tentam tomar terras indígenas**	27/03/1985	TERRA INDÍGENA	Garimpo	Yanomami e Surucucus	SINDICATO DOS GARIMPEIROS	------	RR
224	**Posseiros de Rondônia pedem para não ser dispensados**	27/03/1985	TERRA INDÍGENA	Expulsão de colonos	Arara, Gavião, Pankararu	MINISTÉRIO DO INTERIOR, CONTAG	------	BRS RO BA
225	**525 famílias ficaram em Lourdes**	01/04/1985	TERRA INDÍGENA	Expulsão de colonos	------	MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, MINISTÉRIO DO INTEIROR, CONTAG	------	RO
226	**Índios devem indicar novo presidente da FUNAI**	14/04/1985	POLÍTICA INDIGENISTA	Disputa de cargos na FUNAI	Caiapó, Yanomani, Parakanã Gavião	FUNAI	Catarino Sebirope (cacique gavião)	RO
227	**Apoena acredita que garoto raptado pelos Uru-eu-wau-wau esteja vivo**	23/04/1985	VIOLÊNCIA	Rapto de garoto não-índio por índios	Uru-eu-wau-wau, Zoró, Karipuna	FUNAI	------	RO
228	**Ed. Índios ou brancos?**	24/04/1985	CULTURA	Cultura indígena	------	JORNAL	------	PA

229	**Cultura indígena é tema de concurso: Semana do Meio Ambiente**	07/05/1985	SEMANA DO MEIO AMBIENTE	Concurso de Redação	------	PREFEITURA DE PORTO VELHO	------	RO
230	**O drama de um índio cego, afastado da tribo Chaminawa**	10/05/1985	POLÍTICA INDIGENISTA	Abandono e mendicância	Chaminawa	JORNAL	Deusdete	RO
231	**Conheça Deusdete, um índio que perdeu a visão**	10/05/1985	POLÍTICA INDIGENISTA	Abandono e mendicância	Chaminawa	JORNAL	Deusdete	RO
232	**Apoena Meireles diz que Deusdete recusou ajuda da FUNAI**	13/05/1985	POLÍTICA INDIGENISTA	Abandono e mendicância	Chaminawa	FUNAI	Deusdete	RO
233	**FUNAI: Deusdete prefere perambular pelos rios**	13/05/1985	POLÍTICA INDIGENISTA	Abandono e mendicância	Chaminawa	FUNAI	Deusdete	RO
234	**Retirada de invasores no Lourdes até sábado**	05/06/1985	TERRA INDÍGENA	Expulsão de colonos	------	FUNAI	------	RO
235	**Arte indígena de Rondônia apreciada por João Figueiredo**	05/06/1985	CULTURA	Cultura indígena	------	JORNAL	------	RO
236	**Uru-eu-wau-wau**	27/06/1985	SAÚDE	Assistência Médica	------	FUNAI	------	RO

237	**Uru-eu-wau-wau cada vez menos arredios**	27/06/1985	CONTATO	Frentes de atração	Uru-eu-uau-uau	FUNAI	------	RO
238	**Índios protestam contra demissão**	03/07/1985	POLÍTICA INDIGENISTA	Disputa de cargos na FUNAI	------	FUNAI	João Francisco dos Santos (Cacique 2Funi-oh), Julião Teixeira (pajé	PE
239	**FUNAI criará três postos em Lourdes**	04/07/1985	TERRA INDÍGENA	Demarcação de T.I.	Araras, Gavião, Karipuna, Zoró, Mequém, Uru-eu-wau-wau, Kaxarari	FUNAI	------	RO
240	**FUNAI venderá mogno de área indígena**	04/07/1985	TERRA INDÍGENA	Madeira	Kokraimoro	FUNAI	------	PA
241	**FUNAI contesta "indenização"**	06/07/1985	TERRA INDÍGENA	Indenização	------	FUNAI	------	RO
242	**Couto defende descentralização da FUNAI**	09/07/1985	POLÍTICA INDIGENISTA	Disputa de cargos na FUNAI	------	FUNAI	------	BRS
243	**CIMI analisa a ação pastoral**	10/07/1985	AÇÃO MISSIONÁRIA	Demarcação de terra/saúde	------	CIMI	------	MG
244	**Apoena retoma negociação (Cuiabá)**	18/07/1985	POLÍTICA INDIGENISTA	Disputa de cargos na FUNAI	------	FUNAI	------	MT

245	**FUNAI defende os URU-EU-WAU-WAU: para evitar invasões, exercito demarcará a área dos índios**	01/08/1985	TERRA INDÍGENA	Demarcação de terra	Uru-eu-uau-uau	FUNAI	------	RO
246	**Ministro defende índios Pataxós**	01/08/1985	TERRA INDÍGENA	Demarcação de terra	Pataxós Há-Há- Hae	MINISTÉRIO DO INTERIOR	------	RO
247	**Presidente da FUNAI ouve índios: E assim, os URU-EU-WAU-WAU terão suas terras demarcadas**	06/08/1985	TERRA INDÍGENA	Demarcação de terra	Uru-eu-wau-wau	FUNAI	------	RO
248	**Agricultores expulsos das terras do "wau-wau"**	15/08/1985	TERRA INDÍGENA	Disputa por terras	Uru-eu-wau-wau	ASSEMBLÉIA ESTADUAL INCRA FUNAI	------	RO
249	**Reservas indígenas: Governador só vai admiti-las com seu consentimento**	05/09/1985	TERRA INDÍGENA	Demarcação de T.I.	------	GOVERNO DE RONDÔNIA	------	RO
250	**Índios reclamam da organização; FUNAI**	23/09/1985	POLÍTICA INDIGENISTA	Críticas a FUNAI	Xavante	Ausente	Milton Jerwape (Cacique) Suruprate (Cacique)	MG
251	**Curso da FUNAI em Rondônia: o objetivo é de estimular a cultura indígena**	09/10/1985	POLÍTICA INDIGENISTA	Educação Indígena	------	FUNAI	------	RO
252	**Rondônia não tem índio eleitor**	18/10/1985	POLÍTICA	Índio eleitor	------	GOVERNO DE RONDÔNIA	------	RO

253	**FUNAI demarca terras**	08/11/1985	POLÍTICA INDIGENISTA	Demarcação de T.I.	------	FUNAI	------	BRS
254	**Índios vão escolher o cacique**	27/11/1985	POLÍTICA INDIGENISTA	Eleição de cacique	------	FUNAI	------	RS
255	**O índio tem os mesmo direitos**	17/12/1985	POLÍTICA INDIGENISTA	Direitos indígenas	------	MINISTÉRIO DO INTERIOR	------	MG
256	**FUNAI amplia e melhora assistência a indígena**	18/12/1985	SAÚDE	Assistência médica	------	FUNAI	------	BRS
257	**Índios Kaxarari, fazem reunião para exigir demarcação: Terras**	20/12/1985	TERRA INDÍGENA	Demarcação de T.I	Kaxarari	MINISTÉRIO DO INTERIOR	------	RO
258	**FUNAI convida CNBB para discutir política indígena**	22/12/1985	POLÍTICA INDIGENISTA	Demarcação de T.I	------	FUNAI	------	RO

APÊNDICE B – QUADRO 2: A INVASÃO DO IGRAPÉ LOURDES PELO JORNAL ESTADÃO DE RONDÔNIA (1981-1985)

N°	TITULO DA NOTÍCIA	DATA	FALA NÃO INDÍGENA	FALA INDÍGENA
01	**Invasões conflituam órgãos**	29/11/1983	INCRA FUNAI	------
02	**Invasão de áreas indígenas conflitua INCRA, FUNAI, e CIMI**	29/11/1983	INCRA FUNAI CIMI	------
03	**FUNAI e INCRA vão ao Lourdes ver a invasão**	06/12/1983	INCRA FUNAI	------
04	**FUNAI ameaça tomar medidas contra colonos resistentes**	20/12/1983	FUNAI	------
05	**FUNAI pedirá ação da policia federal**	09/01/1984	FUNAI INCRA POLÍCIA FEDERAL	------
06	**Territórios indígenas registrados pela FUNAI**	21/01/1984	FUNAI	------
07	**Juruna pede atenção para Arara e Gaviões**	27/03/1984	DEPUTADO FEDERAL	Mário Juruna (Cacique e deputado)
08	**Juruna visitou Teixeira**	27/03/1984	DEPUTADO FEDERAL	------
09	**Apoena discute hoje em Brasília, nossos índios**	03/04/1984	FUNAI	------
10	**Invasão**	15/04/1984	FUNAI	------
11	**Gavião**	23/06/1984	ASSEMBLÉIA ESTADUAL	------
12	**Dias denuncia a invasão da reserva dos Gaviões**	23/06/1984	ASSEMBLÉIA ESTADUAL	------
13	**Gavião**	26/06/1984	FUNAI	------
14	**Gavião não tiveram conflito diz Amaury**	26/06/1984	FUNAI	------
15	**Índios Gaviões sofrem invasão**	05/07/1984	FUNAI	------
16	**Vieira explica como a FUNAI agirá em Lourdes**	05/07/1984	FUNAI	------
17	**FUNAI teme massacre de índios na reserva**	12/07/1984	FUNAI	------
18	**FUNAI admite tensão indígena**	12/07/1984	FUNAI	------
19	**Índios libertam missionárias**	25/07/1984	FUNAI CIMI	------

20	**CIMI desmente FUNAI**	25/07/1984	CIMI	------
21	**Tensão no Parque de Lourdes**	02/08/1984	CIMI	------
22	**CIMI reprova decisão do Juiz**	07/08/1984	CIMI	------
23	**FUNAI não vai recorrer à justiça**	08/08/1984	FUNAI	------
24	**Índios se preparam para a guerra**	11/08/1984	FUNAI	João Gavião, Manequito, Antonio Mandoi (índios gavião)
25	**Aumenta a tensão em Lourdes**	19/08/1984	Ausente	Catarino Sebirope (cacique Gavião) Álvaro Noepe (cacique Arara)
26	**Índios atacam em Lourdes**	29/08/1984	FUNAI	------
27	**Índios declaram guerra aos invasores**	29/08/1984	FUNAI	Catarino (cacique Gavião)
28	**Lourdes**	31/08/1984	FUNAI	------
29	**Índios prendem mais colonos como reféns**	31/08/1984	FUNAI	------
30	**FUNAI espera solucionar impasse**	31/08/1984	FUNAI	------
31	**Reféns de índios: trabalho forçado**	04/09/1984	FUNAI	------
32	**Reféns punidos com trabalho forçado**	04/09/1984	FUNAI	------
33	**Índios aceitam aguardar decisão da justiça**	04/09/1984	FUNAI	------
34	**Jotão vê inauguração e vai ao P. indígena**	04/09/1984	FUNAI PREFEITURA DE JI-PARANÁ	Álvaro Noepe (Cacique Arara)
35	**Lourdes**	05/09/1984	INCRA	------
36	**INCRA culpa FUNAI pelo impasse**	05/09/1984	INCRA	------
37	**Clima ainda é tenso no Parque de Lourdes**	06/09/1984	ASSEMBLÉIA ESTADUAL	------
38	**FUNAI espera libertar os reféns de Lourdes dia 16**	09/09/1984	FUNAI	------
39	**FUNAI assiste reféns em Lourdes**	09/09/1984	FUNAI	------
40	**Índios sofrem com migração**	12/09/1984	FUNAI	------
41	**Apoena: posso ser novo refém**	14/09/1984	FUNAI	------

42	**Índios liberam reféns**	18/09/1984	Ausente	Catarino Sebirope (cacique gavião)
43	**Reféns libertados pelos Gaviões**	18/09/1984	Ausente	Catarino Sebirope (cacique gavião)
44	**Justiça dá prazo para invasores**	19/09/1984	FUNAI	------
45	**Liminar**	19/09/1984	FUNAI	------
46	**Ji-Paraná quer solução para 4 mil posseiros de Lourdes**	20/09/1984	PREFEITURA DE JI-PARANÁ	------
47	**FUNAI age contra os invasores**	20/09/1984	FUNAI	------
48	**Colonos pedem mais prazo**	27/09/1984	ASSEMBLÉIA ESTADUAL	------
49	**INCRA sem condições de assentar colonos**	29/09/1984	INCRA	------
50	**Ernani, do INCRA, garante que há tranquilidade em Ji-paraná**	11/10/1984	INCRA	------
51	**Reservas indígenas o debate**	12/10/1984	FUNAI	------
52	**Ultimato para posseiros**	22/12/1984	FUNAI	------
53	**Federal vai retirar invasores**	22/12/1984	FUNAI	------
54	**Posseiros de Rondônia pedem para não ser dispensados**	27/03/1985	MINISTÉRIO DO INTERIOR, CONTAG	------
55	**525 famílias ficaram em Lourdes**	01/04/1985	MINISTÉRIO DA JUSTIÇA,	------
56	**Retirada de invasores no Lourdes até sábado**	05/06/1985	FUNAI	------
57	**FUNAI criará três postos em Lourdes**	04/07/1985	FUNAI	------